BOLA FORA

A história do êxodo do futebol brasileiro

Paulo Vinicius Coelho

Sumário

A Adriana, Bruna e João Pedro, minha inspiração.

Agradeço a Arthur Antunes Coimbra (Zico),
Celso Unzelte, Cristóvão Colombo,
Sílvio Lancelotti, Eduardo Monsantto, João Palomino,
Paulo Roberto Falcão e João Simões.

Prefácio

Atento como o goleiro na hora do escanteio, aplicado como o volante encarregado de anular o craque adversário, minucioso como o treinador na preleção, habilidoso no uso das palavras como um meia driblador, implacável como um zagueiro e fulminante como um centroavante matador, Paulo Vinicius Coelho relata neste livro a saga dos jogadores brasileiros que atravessaram fronteiras para vender suas habilidades a clubes estrangeiros. Foi com muito orgulho que me vi no primeiro capítulo desta epopeia emocionante, narrada com tanta fidelidade que identifiquei até mesmo detalhes já esquecidos. Tenho certeza de que outros personagens retratados nesta obra ficarão felizes em ver parte de sua carreira redesenhada pelo texto elegante de PVC.

Sei bem o que existe por trás de cada negociação de atletas brasileiros para o exterior, embora cada caso tenha as suas peculiaridades. Quando fui para a Roma, já tinha conquistado tudo o que podia no Brasil e concluí que era hora de um novo desafio. Hoje tem jogador que nem se profissionalizou ainda e já está saindo. O público costuma ver essas transações apenas como negócios. Não é incomum que o torcedor mais apaixonado até se volte contra ídolos que optam por deixar o país para vestir a camisa de um clube estrangeiro. Mas a realidade do futebol é também a realidade do mercado. Um jogador só obtém êxito se souber aproveitar as oportunidades oferecidas por uma carreira curta demais para permitir hesitações. Vencer longe de casa exige sacrifício, desprendimento, coragem e inteligência.

Para ser bem-sucedido no exterior, especialmente em centros importantes como a Itália, a Espanha ou a Inglaterra, não basta jogar bem. Não basta, também, ser apenas um atleta cumpridor de suas obrigações profissionais. Esses valores são

importantes. Mas é essencial que o contratado procure se integrar à cultura do país, aprenda o idioma local, respeite hábitos e costumes da terra e, especialmente, que não fique saudoso demais do Brasil.

São essas histórias humanas que PVC nos conta, com o cuidado do jornalista que ouve todos os lados e procura ver o mesmo fato por diversos ângulos. Ele titulou o seu livro, muito apropriadamente, de *Bola fora*, para caracterizar o futebol de exportação do nosso país. Mas posso assegurar que se trata de uma bola dentro, um gol de placa deste craque do jornalismo esportivo nacional.

Paulo Roberto Falcão

Apresentação

O primeiro brasileiro a jogar no futebol italiano foi Arnaldo Porta, que deixou Araraquara, no interior de São Paulo, para jogar pelo Verona, em 1914. Isso quer dizer que faz muito mais tempo do que as pessoas costumam imaginar que jogadores brasileiros vão embora para a Europa.

Mais do que isso, muitos dos que se foram despediram-se sem fazer alarde. Quantas vezes você já ouviu dizer que o ponta Tita, campeão mundial pelo Flamengo, foi o primeiro brasileiro a jogar na Alemanha? Não foi. As portas se abriram bem antes de Tita, em 1964, depois de uma excursão do Madureira à Europa. O empresário José da Gama sugeriu ao Colônia que contratasse o atacante brasileiro Zezé. E lá foi ele. Na mesma época, desembarcou na Alemanha o centroavante Raul Tagliari, do Cruzeiro, outro levado por uma excursão de seu clube à Europa.

Por muito tempo pareceu que o êxodo do futebol brasileiro havia começado por ali, nos anos 1980, quando Tita na Alemanha, Romário na Holanda e Mirandinha na Inglaterra abriam portas para a Europa. Mas, não. Eles não foram os precursores.

Década após década, jogadores brasileiros bateram asas por quantias e motivações diferentes. Nos anos 1930, muitos iam viver na terra de seus pais. Ou jogar em lugares onde o profissionalismo já existia, enquanto o Brasil ainda discutia se era ético ou não jogar por dinheiro.

Nos anos 1980, craques brasileiros viajavam para a Europa porque os principais países daquele continente reabriam seus mercados após décadas sem permitir a

contratação de jogadores estrangeiros.

Desde a década de 1990, a intenção é jogar onde se paga mais e se tem mais visibilidade. O melhor do mundo não foi eleito nenhuma vez atuando num clube sul-americano, africano ou asiático. Para ter o talento reconhecido é necessário jogar na Europa.

Este livro nasceu para isso. Se você quer saber se houve alguém no Uzbequistão antes de Rivaldo, não vai descobrir aqui. Mas, se quer entender as motivações que levaram os principais jogadores do Brasil para o exterior, este livro explica.

Bola fora não tenta contar o caso inusitado, curioso. Não é a história do jogador que foi passar fome na Tunísia. É uma análise do êxodo dos jogadores do futebol brasileiro, mostrando que as transferências não começaram hoje, com a crise do capitalismo. O êxodo é mais antigo do que o próprio futebol. E também não vai acabar tão cedo.

1.

Anos 1980 – Falcão voa para a consagração

Falcão

Falcão queria ir.

A constatação era dolorosa, mas irremediável. O negócio havia sido proposto pelos emissários da Roma, Giuseppe Marchegiani e Aldo Raia, com recomendação explícita do técnico sueco Nils Liedholm, que dirigia o clube italiano desde o verão de 1979. O homem queria Falcão, o melhor jogador brasileiro da época. O presidente colorado, José Asmuz, relutava. Pensava numa renovação contratual que fosse suficiente para segurar o camisa 5 que todo o Brasil pediu na Copa de 1978, o líder do time tricampeão brasileiro em 1979. Todo o plano para manter Falcão no Brasil esbarrava numa informação fundamental, oferecida por Cristóvão Colombo, procurador do jogador: Falcão queria ir.

A Itália fechara suas portas aos jogadores estrangeiros em 1966, logo depois da derrota, na Copa do Mundo da Inglaterra, para a Coreia do Norte por 1 X 0. Um vexame que custou a eliminação da Seleção Italiana ainda na primeira fase. A Itália tinha um passado glorioso, era dona de dois títulos mundiais, mas havia sido eliminada na primeira fase em suas últimas quatro participações em Mundiais. A única exceção era a Copa de 1958, da qual a Itália nem chegou a participar, desclassificada pela Irlanda do Norte ainda nas eliminatórias.

O diagnóstico era definitivo. Não era possível formar uma seleção nacional digna num país povoado por jogadores provenientes de bandeiras diferentes. Não era possível que isso acontecesse, ainda que esses jogadores internacionais pudessem defender a camisa da Squadra Azzurra, como aconteceu com o argentino Sívori e com o brasileiro Altafini na Copa do Mundo do Chile, em 1962. Ou como aconteceu com o brasileiro Guarisi – conhecido como Filó no Brasil – e com o argentino Monti na vitoriosa campanha da Copa de 1934.

Ou a Itália fechava as portas para os estrangeiros e abria vagas em seus clubes para jovens italianos, ou a seleção nunca mais venceria. Era o que pensavam.

As fronteiras se fecharam e até prejudicaram alguns brasileiros que pensavam em cruzá-las. Tostão estava pronto para deixar o futebol brasileiro e assinar com a Inter. Deixou o Cruzeiro, pegou um avião, desembarcou na Itália para o jogo-despedida de Iashin. Mas, a partir de 1966, nada mais de contratações.

Dois anos depois de fechar suas portas aos estrangeiros, a Itália era campeã da Europa em 1968. Mais dois anos e obteve o vice-campeonato mundial no México, em 1970.

Os repetidos sucessos fizeram com que demorasse 14 anos para que a Itália decidisse reabrir suas portas aos jogadores nascidos em outras partes do mundo. Uma década e meia de pressões dos clubes e resistência da federação. Os dirigentes das equipes participantes do Campeonato Nacional queriam clubes mais fortes, como acontecia antes do fechamento das fronteiras. Na primeira metade da década de 1960, antes do vexame contra a Coreia do Norte, os clubes iam bem nas competições europeias. O Milan foi campeão em 1963, a Internazionale foi bicampeã em 1964 e em 1965. Depois do fim das importações, nada de taças de clubes.

Daí a pressão pela liberação. Houve períodos em que se deu a liberação como certa. Em 1971, por exemplo, a Juventus chegou a negociar com Pelé, mas a abertura não foi permitida.

Um ano e meio antes de isso finalmente acontecer, no início de 1979, o craque do Milan, Gianni Rivera, começou a procurar informações para quando seu clube recebesse a permissão de contratar atletas no exterior. Rivera telefonou para um velho amigo, colega do Milan, jogador brasileiro dos anos 1960, Dino Sani. Juntos, Dino e Rivera conquistaram a Copa dos Campeões da Europa, em 1963. Na época, Rivera estava pronto para pendurar as chuteiras e começar a

carreira de dirigente, por isso queria informações precisas para conversar com jogadores interessantes para o Milan. Telefonou para Dino e fez a pergunta mais que direta:

– Qual é o melhor jogador do Brasil hoje?

A resposta foi enfática:

– Falcão.

Em meados de 1979, era o Milan – e não a Roma – que sonhava com Paulo Roberto Falcão. Dino Sani poderia ter respondido que o trono pertencia a Rivelino, apontado na direção de Sócrates, já ídolo corintiano, ou reproduzido a ideia geral no Brasil da época: Zico era o cara. Mas dois motivos faziam o dedo indicador de Dino Sani apontar para Falcão. O primeiro: ninguém havia brilhado mais no primeiro semestre de 1979. Falcão jogava num time fabuloso, o Inter, dirigido por Ênio Andrade. Técnico de escola gaúcha, Ênio comandava uma equipe refinadíssima, especialmente por causa dos toques de Falcão, e que colocaria na galeria de troféus do clube o terceiro título brasileiro em dezembro daquele ano.

O segundo motivo tinha história nos corredores do Beira-Rio. Dino Sani era reconhecido por lá como um dos grandes treinadores do clube colorado de todos os tempos. Passou bons anos no início da década de 1970 e ajudou a lançar legiões de grandes jogadores. Quando foi diretor de futebol do Inter, o então procurador de Falcão, Cristóvão Colombo, aprendeu a separar os técnicos entre os estrategistas e os que pinçam grandes jogadores como quem tira agulha do palheiro. Este último era Dino Sani.

Dino nunca pensou duas vezes antes de apontar o dedo para escolher Falcão como destaque. Primeiro para tirá-lo do time juvenil do Inter e lançá-lo nos profissionais. Depois para colocá-lo na equipe titular. E por último para

recomendá-lo como o homem certo para desbravar o mercado italiano, para recolocar o jogador brasileiro na vitrine europeia.

Nos primeiros anos do convívio com Dino, Falcão escorregava com tanta facilidade da marcação adversária a ponto de os colegas o tratarem por um apelido: Sabonete. A dificuldade para lançá-lo entre os titulares estava na necessidade de barrar um ídolo colorado, que já tinha pouco a oferecer à equipe por estar perto do fim de sua carreira. Dino pediu à direção do clube que vendesse o meia Carbone. Se Carbone ficasse, haveria pressão para que jogasse. Era preciso vendê-lo, para deixar o menino entrar no time com tranquilidade.

Só não teve tempo para ver Falcão comandar o time na conquista do primeiro Brasileiro, em 1975. Perdeu o lugar para Rubens Minelli antes disso.

Do outro lado da linha, na conversa com Dino Sani, Gianni Rivera sabia que podia confiar na opinião de seu interlocutor. Ouviu o nome de Falcão, observou que não constava da lista dos convocados para a Copa de 1978, mas que fazia parte do time de Cláudio Coutinho que disputava a Copa América de 1979. Falcão até hoje pondera que só não foi à Copa da Argentina por causa de um forte desentendimento com Coutinho, que o barrou e preferiu Chicão, volante rústico, do São Paulo.

Rivera sabia também que o Inter fora tricampeão brasileiro por causa de seu camisa 5. Reproduziu o parecer de Dino Sani para o técnico do Milan, campeão italiano de 1979, Nils Liedholm. O mesmo técnico de Rivera no mesmo Milan, na conquista do escudeto de 1968, na Copa dos Campeões de 1969. Nils encantara-se com o futebol brasileiro havia muito tempo, mais precisamente desde que, como jogador, perdera a decisão da Copa do Mundo de 1958 defendendo a Suécia – foi o autor do primeiro gol de seu país naquela final, no estádio Rasunda.

Por isso recebeu com ouvidos atentos a informação sobre o tal Paulo Roberto

Falcão. Guardou-a no bolso enquanto discutia sua permanência ou não na equipe do Milan.

Ocorre que, enquanto Falcão fazia suas partidas mais impres-sionantes com a camisa do Inter, Liedholm arrumava as malas para a Roma. Falcão teve partidas gloriosas entre novembro e dezembro de 1979. Muita gente definiu sua partida contra o Palmeiras, no Morumbi, nas semifinais do Brasileirão, como a mais perfeita exibição de um jogador de futebol na história do campeonato. De cabeça, marcou o segundo gol do seu Inter, na vitória por 3 X 2 sobre o Palmeiras. Perto do final da partida, uma bola mastigada perto da pequena área sobrou para que colocasse seu pé na dividida contra a sola da chuteira de Mococa, volante do Palmeiras. Falcão tirou o pé da bola um segundo antes de o pé de Mococa ameaçá-lo e um segundo depois viu a bola estufar as redes no gol que dava vantagem aos colorados na semifinal daquele ano.

O título seria conquistado contra o Vasco, também com gol de Falcão, agora no Beira-Rio.

Em torno de Falcão, e não de Zico, Sócrates, Roberto Dinamite ou Rivelino, havia se construído a melhor equipe do futebol brasileiro daquele final de década. Em torno de Falcão deveria nascer a melhor equipe italiana depois da reabertura das fronteiras. O Milan tinha certeza de que Falcão era o homem certo. Mas Liedholm trocou o Milan pela Roma, presidida por Dino Viola.

A Roma era uma equipe de poucas ambições na Itália. Dona de um único título nacional em 1942, voltou a sonhar com conquistas após ser comprada por Viola em 16 de maio de 1979. Viola era um empresário do setor de armamentos com ambições políticas, que decidiu fazer do time de futebol seu trampolim para a vida pública. Tal estratégia daria certo se ele fosse capaz de montar uma equipe vencedora.

Daria certo também porque, na mudança, Liedholm levou ideias arrojadas para

montar um time vitorioso. Chegava ainda com uma lista de reforços que não começava pela letra A, mas com o nome Paulo Roberto Falcão.

Como o mercado só se abriria em junho de 1980, Liedholm precisou da paciência da torcida – e da diretoria. Tinha jogadores promissores, como o volante Carlo Ancelotti, e eficientes, como o centroavante Pruzzo. Mas a primeira temporada não produziu resultados melhores do que a sétima posição no campeonato.

Como faltava alguma coisa à equipe, e como a Federação Italiana anunciou no meio da temporada a reabertura da contratação de jogadores estrangeiros, a Roma enviou ao Brasil dois representantes com a missão de encontrar o melhor jogador do país. Foi assim que chegaram a Porto Alegre os enviados do presidente romanista, Dino Viola: os advogados Giuseppe Marchegiani e Aldo Raia, este representante do Banco di Roma, instituição financeira que daria respaldo à gestão de Dino Viola à frente do clube de futebol da capital italiana.

Depois de ganhar o título brasileiro em dezembro de 1979, o Inter iniciou o ano seguinte pensando na Libertadores. Chegou à semifinal do Brasileirão e à decisão do torneio continental contra o Nacional. Antes das fases decisivas, José Asmuz recebeu a visita de Aldo Raia e do representante de Paulo Roberto Falcão, Cristóvão Colombo.

Sem a pretensão de descobrir a América, Colombo entrou na sala do presidente colorado, José Asmuz, e convenceu-o de que era preciso vender um dos dois grandes destaques do Inter daqueles tempos. Um deles era o volante Batista, gênio da raça, dono da camisa 10, de vigor incrível e visão de jogo mais restrita do que o outro, que voava vestindo a camisa 5: Paulo Roberto Falcão. Um deles seria vendido. E o outro teria seu contrato renovado com o clube.

Colombo também voava desde os tempos em que se destacara como diretor das divisões de base do futebol do Internacional. Ele era o chefe da delegação do

Inter em São Paulo em 1972, ano em que o Colorado chegou à final da Copa São Paulo de Futebol Júnior com uma equipe em que brilhavam Falcão e o centroavante Manoel, negociado com o Sporting de Portugal. Ambos confiavam em Cristóvão Colombo, o diretor de futebol. Falcão confiava tanto que lhe deu a atribuição de conselheiro. Mais tarde Colombo seria conhecido como o procurador do maior craque do futebol italiano.

Cristóvão Colombo deixou a direção do Inter e passou a se ocupar da carreira de Falcão. A negociação de contratos não era mais responsabilidade do craque. Ele precisava se preocupar apenas com a qualidade da bola, saber de qual couro era feita e, principalmente, como iria chutá-la. Quanto aos negócios, era deixar que Colombo os resolvesse.

E Colombo era bom nisso. Tanto que convenceu o presidente do Inter, José Asmuz, de que o nome a ser vendido era o de Falcão. O maior craque da equipe já havia conquistado três vezes o título mais importante do país e teria pouco mais a dar a seu clube do coração. Especialmente quando se sabia de um detalhe fundamental: Falcão queria ir.

A decisão era difícil para o guri, já aos 26 anos. Por uma parte, a independência, a conta bancária recheada, a chance de fazer sucesso do outro lado do oceano. Por outra, a possibilidade de continuar sendo amado em Porto Alegre, disputando partidas pela Seleção Brasileira, o caminho aberto e mais seguro para a Copa do Mundo da Espanha, em 1982. As cartas postas sobre a mesa deixavam o craque dividido, mas pendiam para a transferência. As palavras definitivas vieram de dois conselheiros. O técnico Ênio Andrade conhecia a história de diversos outros jogadores que encerraram a carreira sem o reconhecimento dos clubes onde se consagraram. Por isso disse a Falcão que este deveria aceitar a proposta.

Mas o conselho definitivo veio da mãe, dona Azize:

– Vai, meu filho. Vai conquistar o mundo!

Foi com base nesse veredicto que o procurador Colombo sentou-se à mesa com o presidente do Inter, José Asmuz. A Roma dispunha-se a pagar dois milhões de dólares ao Internacional e salário 40% maior do que Falcão recebia em Porto Alegre. Em 1980, Falcão já era dono do salário mais alto do futebol brasileiro. Recebia perto de sessenta mil dólares por ano. Com o aumento de 10% oferecido por José Asmuz para que permanecesse no clube, seus rendimentos ficariam apenas 30% menores do que a Roma lhe oferecia: cem mil dólares anuais e três temporadas de contrato.

Era muito menos do que, por exemplo, jogadores como Paolo Rossi recebiam para jogar pelo Perugia. Era muito menos do que ele poderia receber com a sequência de seu trabalho. E com a promessa feita pelo procurador, Cristóvão Colombo:

> – Falcão e eu sabíamos, tínhamos convicção de que ele tinha potencial para ser o maior salário do futebol mundial. O compromisso era esse. Depois da transferência, trabalhar para alcançar esse estágio.

Para o Inter, não havia muito a fazer. O negócio era bom e o jogador queria ir. Depois do anúncio, José Asmuz foi tratado como vilão por anos a fio. Caminhava nas ruas e era apontado como “o homem que vendeu Falcão”. Sua missão, como presidente de clube num período em que grandes jogadores não saíam do país a todo instante, era segurá-lo. Mas havia sempre a lembrança da vontade do jogador:

> – Eu não quero morrer sem contar a história integral-mente. Eu não tive escolha a não ser vender o Falcão. Ele queria jogar lá fora e eu só podia fazer o negócio – diz José Asmuz, hoje comerciante em Porto Alegre.

O contrato foi assinado no dia 10 de agosto de 1980, com o Inter recebendo 1,5

milhão de dólares, além da renda de um amistoso. Falcão marcou seu último gol no Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, num empate de 1 X 1 com o Guarani. Fez sua última partida contra o Nacional, de Montevidéu, na decisão da Copa Libertadores. O Inter empatou e viu a taça seguir para o Uruguai. O passo seguinte era embarcar para a Itália e iniciar a trajetória para tornar Falcão dono do maior salário do futebol do planeta.

Era uma tarefa que consistia fundamentalmente em talento, trabalho, mas que continha um pouco de marketing e astúcia de raposa na negociação – esta última parte cabia a Cristóvão Colombo.

O capítulo marketing foi abordado no avião da Alitalia, que levou Falcão de São Paulo até Roma, por Giuseppe Marchegiani, braço direito de Aldo Raia, advogado da Banca di Roma, instituição financeira aliada ao presidente da Roma, Dino Viola. Marchegiani ofereceu a Falcão a primeira aula do novo idioma. Ao descer da aeronave e pisar em solo italiano para sua entrevista inaugural como ídolo romanista, Falcão deu *Buon giorno*, agradeceu aos *tifosi*, prometeu o *scudetto*... Tudo com perfeito acento da península.

Virou ídolo antes mesmo da estreia, que aconteceu no dia 29 de agosto, no amistoso contra o Internacional. No Campeonato Italiano, a estreia aconteceu contra o Como, fora de casa, e o primeiro jogo no Estádio Olímpico teve o Brescia como adversário. Duas vitórias magras, por 1 X 0 dentro de Roma, com gol de pênalti do artilheiro Pruzzo. Mas bom demais para uma equipe habituada a brigar por posições intermediárias antes da chegada de Falcão.

O primeiro gol demorou 18 rodadas para acontecer. Veio contra a Bologna, também no Estádio Olímpico. Àquela altura, já se tinha certeza de que o nome apontado por Dino Sani era o mais perfeito para fazer a Roma voltar a seus tempos de glória e sonhar com um título que não era seu desde 1942.

Falcão chegou à Itália logo depois da abertura do mercado, após 14 anos de

proibição de estrangeiros no futebol. Com ele chegaram apenas mais dois brasileiros. Luís Sílvio, um ponta-direita de origem discreta no Marília, que disputava a Primeira Divisão do Campeonato Paulista e que havia vencido a Copa São Paulo de Futebol Júnior em 1979. E Enéas, craque da Portuguesa, contratado pelo Bologna.

Até Falcão marcar seu primeiro gol pela Roma, Enéas já havia feito dois. Fora de casa, no empate por 1 X 1 entre Bologna e Udinese, e no estádio Renato Dall'Ara, em Bolonha, contra o Perugia.

Aos poucos seu futebol desapareceu e Enéas não emplacou uma segunda temporada com a camisa azul e grená do Bologna. Luís Sílvio viveu situação mais delicada. Primeiro porque chegou para a Pistoiese, modesta e recém-promovida equipe da Série B que jogou na Série A daquela temporada e nunca mais retornou. Segundo porque, ponta-direita de origem, Luís Sílvio chegou recomendado numa posição que não era exatamente a sua:

> – Diziam que eu era *punta*. Em italiano, isso significa *centroavante*. E o técnico me escalava assim, no comando do ataque. Eu dizia a ele que precisava jogar pelos lados, mas ninguém me ouvia. Aos poucos, o time foi caindo, e a torcida, me crucificando – lembra Luís Sílvio.

Até hoje, o atacante é apontado como o maior fiasco entre os jogadores estrangeiros contratados para atuar no futebol italiano.

A Pistoiese terminou a temporada 1980-1981 na 16ª colocação, o último lugar. O Bologna ficou na sétima posição e a Roma chegou à última rodada disputando a taça com a Juventus. Empatou fora de casa com o Avellino, enquanto a Juventus vencia a Fiorentina em Turim, com gol do lateral-esquerdo Cabrini. Por muito pouco, o primeiro título romanista em 39 anos não era festejado. Falcão ainda relembra com dor a reta de chegada daquele campeonato, perdido por detalhes.

– Estávamos um ponto abaixo da Juventus quando os enfrentamos em Turim. Faltavam duas rodadas e marcamos 1 X 0, gol do nosso zagueiro Toroni. Mas o árbitro, Paolo Bérgamo, o anulou de maneira absurda. Lembre-se de que o Paolo Bérgamo é o mesmo da comissão de arbitragem envolvida no escândalo que rebaixou a Juventus em 2006 – diz Paulo Roberto Falcão, 27 anos depois de perder a taça.

2.

A renovação impossível

Falcão

O sucesso nos primeiros anos na Itália fez Falcão sonhar alto. Estava mais próximo de confirmar o sonho de se tornar dono do maior salário do futebol mundial. Para tanto, o craque precisava ajudar a Roma a conquistar um título que não era seu havia 39 anos. Precisava também lutar contra interesses dos mais poderosos personagens da vida política italiana.

O bom resultado não significou aumento salarial. Falcão seguia recebendo cem mil dólares anuais em seu segundo ano de contrato.

A segunda temporada registrou um resultado menos animador. Em vez da taça, a Roma caminhou atrás da Juventus e da Fiorentina, comandada por Antognoni, armador titular da Seleção Italiana nas Copas de 1978 e 1982. Na última rodada, a equipe de Florença empatou na Sardenha com o Cagliari por 0 X 0, viu a Juventus vencer o Catanzaro por 1 X 0 e festejar o título. A Fiorentina não levantava a taça desde 1969.

A Roma classificou-se para a Copa da Uefa, mas não brigou pelo escudeto, segundo Falcão, por causa de três partidas:

> – Perdemos pontos em três jogos-chave. Derrotas para a Fiorentina por 1 X 0, Juventus em casa por 3 X 0, Bologna por 2 X 0. Nos três jogos eu estava fora, machucado – lembra Falcão.

A terceira temporada seria a última do contrato. O sucesso significaria continuidade. O fracasso poderia representar a saída ou pior: a permanência sem aumento salarial, sem concretizar o sonho de se tornar dono do maior salário do futebol mundial. A campanha começou forte, mas com tropeços fundamentais. Derrota em Gênova para a Sampdoria, que disputava as primeiras posições, e

queda em Turim contra a Juventus por 2 X 1. Nas sete primeiras rodadas, a Roma liderava, mas escorregava em momentos fundamentais. O sinal de que as coisas poderiam ser mais fortes só veio na 12ª rodada, quando a Roma, líder, recebeu a Internazionale, um ponto atrás. Vitória por 2 X 1, com direito a um gol de Falcão.

A Roma era candidata ao título.

Houve novos sustos, como na 22ª rodada, quando caiu contra a Juventus, no estádio Olímpico, na capital. Derrota por 2 X 1, com gols de Platini e Brio para a Juventus, e de Falcão para a Roma. O resultado deixou a Juventus apenas três pontos abaixo da Roma na classificação, quando faltavam oito rodadas para o final do campeonato.

As rodadas seguintes, no entanto, registraram tropeços da Juventus, vitórias da Roma, a ponto de Falcão ajudar a equipe de Dino Viola a ganhar o escudeto com duas rodadas de antecedência. A festa aconteceu no estádio Olímpico, no dia 1º de maio de 1983, com uma vitória de 2 X 0 sobre o Avellino. O título havia sido conquistado fora de casa uma rodada antes, com o empate com o Genoa. O título era da Roma após 39 anos de espera – desde 1942 o time não era campeão. Os gols do jogo da festa, contra o Avellino, foram marcados por Di Bartolomei e... Paulo Roberto Falcão.

Em três anos, Falcão trocou Porto Alegre pela capital da Itália, fez três temporadas grandiosas pela Roma, disputou sua primeira Copa do Mundo e acabou com uma fila de 41 anos de seu clube. Só faltava ser o maior salário do planeta.

No meio da temporada, pouco depois da vitória sobre a Internazionale com gol de Falcão, o presidente da Inter, Ivanoe Fraizzoli, procurou Cristóvão Colombo para sondar sobre uma possível transferência. Falcão ainda recebia os mesmos cem mil dólares anuais.

– A Roma ofereceu 4% de aumento e eu fiquei furioso – lembra Falcão.

A Internazionale, com postura diferente, oferecia o maior salário do país. Também queria a chance de ser campeã, o que não acontecia desde a temporada 1979-1980, a última antes da reabertura do mercado de futebol para estrangeiros.

Fraizzoli presidia a Inter desde 1968. Era o sucessor de Angelo Moratti, o mais vitorioso da história do clube, bicampeão europeu em 1964 e em 1965. Moratti era empresário do setor petrolífero. Fraizzoli possuía a confecção que levava seu nome e fornecia uniformes para o Exército italiano. Não tinha muito o que temer até começar a negociar a transferência de Falcão.

Dino Viola fazia tudo para manter o craque na Roma. Colombo fazia tudo para dar ao craque o maior salário do futebol. Como Viola não se aproximava da proposta que Fraizzoli já havia formalizado para Colombo, o procurador anunciou que tinha uma carta na manga e pegou o avião para o Brasil. Prometia retornar à Itália três dias mais tarde.

Quando voltou à capital italiana, Viola o esperava ansioso. Solicitava que Colombo se encontrasse com o ministro das Relações Exteriores da Itália, Giulio Andreotti, homem que, nos anos 1970, havia cumprido quatro mandatos como primeiro-ministro. Além disso, era torcedor ferrenho da Roma, homem forte do governo italiano de Betino Craxi e capaz de tirar dinheiro de quaisquer fontes para contemplar o craque brasileiro.

Na reunião com Colombo, Andreotti passou a mão no telefone e acertou a negociação com o presidente da Parmalat, Calisto Tanzi. O empresário, que patrocinava a escuderia inglesa Brabham na Fórmula 1, concordou em completar o salário de Falcão. Com o auxílio a Roma podia se aproximar da maior proposta feita ao craque pela Inter de Fraizzoli. Não conseguiria, no entanto, empatar o jogo.

Sem chance de pagar o que Falcão queria, Colombo anunciou a Andreotti e Viola que assinaria com a Internazionale, mas que daria mais três dias de prazo, para que tivessem a chance de equiparar a proposta. Dois dias depois foi chamado às pressas a Milão por Ivanoe Fraizzoli. Colombo viajou à capital da moda e, ao entrar na sala do dirigente da Inter, viu Fraizzoli aos prantos.

> – O presidente da Inter me disse que não poderia honrar o compromisso. Que não poderia pagar quanto me havia proposto nem fazer qualquer outro tipo de proposta. Foi assim que o Falcão decidiu permanecer na Roma.

Cristóvão Colombo relata que Fraizzoli, chorando, contava ter sido ameaçado pelo ministro Giulio Andreotti com a ruptura do contrato de sua confecção com o Exército italiano. Se a Inter insistisse em tirar Falcão da Roma, sua empresa correria o risco de falência, porque perderia seu maior contrato.

Andreotti tinha meios de provocar o rompimento do acordo comercial.

Dino Viola fez a Roma aumentar o salário de Falcão, que passou a ter a melhor remuneração da Itália, mas não chegou perto do que receberia se a mudança para Milão tivesse dado certo.

O novo acordo teria validade por mais dois anos. Ao mesmo tempo que renovava seu contrato, Falcão começou a viver dias mais conturbados na capital italiana.

Já na quarta rodada, o time perdeu para o Torino. O sucesso de Falcão havia aberto as portas para vários outros brasileiros. Em 1982, o limite de estrangeiros subiu de um para dois por clube.

Zico chegou à Udinese em 1983. Na mesma época, Toninho Cerezo trocou o Atlético Mineiro pela Roma. Edinho já estava na Udinese desde 1982. Dirceu estava no Napoli e, em 1984, Júnior foi contratado pelo Torino. Para onde se

olhasse, havia um brasileiro.

A Roma seguiu forte no Campeonato Italiano, mas sua prioridade parecia ser a Copa dos Campeões da Europa. O campeonato nacional foi perdido na penúltima rodada, com a Roma empatando em Catania e a Juventus vencendo a Avellino.

O sonho, no entanto, era ganhar a decisão da Copa dos Campeões. A sede da decisão do torneio, escolhida no começo da competição, seria Roma, e o time de Falcão poderia jogar em casa a finalíssima contra o Liverpool. Mas o empate por 1 X 1, com gols de Neal e Pruzzo, levou a final para os pênaltis. Pior para a Roma, que viu Bruno Conti e Graziani desperdiçarem suas cobranças.

> – Como no campeonato de 1982, eu não estava em boa forma física. Joguei no sacrifício e não consegui sequer cobrar o pênalti – diz Falcão.

Com a derrota, a crise começou a pegar Falcão de jeito. Primeiro as lesões, que causaram seguidos afastamentos do time principal. Ao final da temporada, Falcão tinha participado de apenas 10% dos jogos da Roma.

O mau desempenho depois de quatro temporadas de altíssima performance fazia com que Falcão decidisse que já era hora de partir. Retornar ao Brasil, jogar mais algum tempo, dedicar-se à preparação para a Copa do Mundo de 1986. Falcão já havia cumprido o desejo de sua mãe e do técnico Ênio Andrade. Já tinha conquistado tudo o que poderia, já havia reaberto o mercado internacional para o futebol brasileiro. Até porque já não tinha mercado para seguir na Europa com bom rendimento.

Quem pensava diferente era seu procurador, Cristóvão Colombo, que queria Falcão na Itália, jogando entre os melhores, enquanto tivesse pernas para isso. Colombo foi pioneiro entre os empresários. Homem baixo e elegante, aparecia publicamente sempre bem trajado, com ternos bem cortados. Transmitia

credibilidade, principalmente quando se notava a confiança que Falcão depositava nele. Falcão não falava sobre dinheiro ou sobre negócios. Nesses casos, Cristóvão Colombo era seu porta-voz.

> – Nunca fiquei com nenhum centavo – diz Colombo, avalizado por Falcão. – Mas havia o prestígio, o poder. Durante cinco anos, mandei em tudo o que quis no futebol italiano. Onde eu ia, as pessoas me reconheciam e me respeitavam. Isso porque eu representava o Falcão. É inimaginável o poder disso.

Mas, no princípio da temporada 1985-1986, pela primeira vez Falcão não estava disposto a fazer o que seu empresário aconselhava. Colombo sonhava com um novo clube na Europa. O craque queria paz. Queria voltar ao Brasil. No dia 26 de setembro de 1985, num amistoso contra o Internacional, Falcão estreava com a camisa do São Paulo.

3.

O caso Zico

Zico

O Flamengo era o time da moda e o clube da época. Elenco que começou a ser montado a partir de uma trágica derrota para o Grêmio, por 5 X 2, em 1978. Jogo em que Zico não estava presente, pois havia acabado de voltar da campanha do Brasil na Copa do Mundo de 1978 com uma lesão muscular em uma das coxas. O mesmo tipo de lesão que o havia tirado das partidas finais do Mundial.

Júnior, lateral titular já naquela época, viveu seu dia mais dramático como jogador do Flamengo. O comentarista Washington Rodrigues chegou a dizer que Júnior não podia ser lateral de um clube com a importância do Flamengo. Era preciso montar um novo time.

Mas a equipe formada por Cláudio Coutinho, campeã brasileira em 1980, tinha muita gente daquela tarde de Porto Alegre, como Toninho, Rondinelli, Júnior, Adílio, Tita, Júlio César. E tinha Zico.

O Flamengo jogava muito em campos brasileiros e, eventualmente, excursionava pela Europa. Ele e a Seleção Brasileira. Em 1981, pouco antes do fim do contrato de Zico com o clube da Gávea, a Seleção de Telê viajou à Europa para três amistosos. A série de três partidas começou em Wembley, contra a Inglaterra. Pela primeira vez na história, o Brasil venceu na casa do futebol britânico, por 1 X 0, gol num voleio sensacional de Zico.

O Galinho também jogou bem e marcou 3 X 1 sobre a França, no Parque dos Príncipes. E, sem ser destaque, vestiu a camisa 10 amarela também na virada sobre a Alemanha por 2 X 1, em Stuttgart. Gols de Toninho Cerezo e Júnior, num dia em que Valdir Peres defendeu duas vezes o pênalti cobrado por Paul Breitner – ele jamais havia desperdiçado uma cobrança antes e fez, de pênalti, o

primeiro gol da Alemanha na decisão da Copa de 1974, contra a Holanda.

Na volta ao Brasil, Zico precisava tratar da renovação de seu contrato – novela que duraria algumas semanas em meio a especulações de que ele poderia se transferir para o futebol da Europa, como acontecera com Falcão um ano antes.

> – O Flamengo viajava muito, as pessoas falavam muito do Zico. Por isso havia quase uma especulação por semana de que Zico poderia se transferir. Não foi assim apenas naquele ano de 1981. Foi assim em todo o período em que fui vice-presidente de futebol do Flamengo, entre 1978 e 1982 – lembra o dirigente da época, Eduardo Mota.

Dessa vez, a missão de Mota era mais complicada do que quando houve a renovação anterior. De 1979 em diante, o Flamengo deu um salto em termos de conquistas, graças à presença de Zico. No final de 1979, o Flamengo colocou no peito a faixa de tricampeão carioca. Virou verso numa nova versão do *Samba rubro-negro*, composto por Wilson Batista nos anos 1950, para festejar o tricampeonato de 1955. Na versão antiga, o verso dizia que “O mais querido tem Rubens, Dequinha e Pavão”. Na nova, João Nogueira cantava “O mais querido tem Zico, Adílio e Adão”.

Em junho de 1980 festejou-se o primeiro título brasileiro do Flamengo. Antes disso, o clube jamais havia terminado o Campeonato Nacional sequer nas quatro primeiras posições. Dessa vez, levantou a taça.

Mota tentou resolver a questão caçando patrocinadores. Mais ou menos como aconteceu com Pelé e o Santos em 1969, quando a Alpargatas e a Kodak entraram no negócio. Só que a quantidade de dinheiro à época era muito maior. Zico receberia trezentos mil cruzeiros por mês.

A procura por patrocinadores produziu um encontro entre Mota e o presidente da CBF, Giulite Coutinho. O Flamengo sonhava com a permanência de Zico para

tentar conquistar a Taça Libertadores, disputada no segundo semestre, e chegar ao Mundial Interclubes em dezembro contra o Liverpool, da Inglaterra.

Giulite tinha interesse em que Zico permanecesse para que seguisse atendendo a todas as convocações para a Seleção Brasileira. Em 1980, Giulite criou o que se convencionou chamar “seleção permanente”. Ou seja, o time de Telê reunia-se uma vez por mês para ganhar conjunto, mesmo com algumas mudanças em determinados nomes. Mudavam os centroavantes, posição para a qual Telê não conseguia encontrar o nome ideal. Ficavam sempre Zico, Sócrates, Cerezo, Paulo Isidoro, Júnior... Quando estavam bem fisicamente, estavam na Seleção.

Não era o caso de Falcão e Dirceu, jogadores que faziam parte dos planos de Telê mas que não podiam ser convocados porque não havia datas definidas para compromissos de seleções nacionais, nem o hábito de trazer a cada convocação os jogadores da Europa. Ardiles, da Argentina, jogava no Tottenham, da Inglaterra. Participava de torneios disputados pela Seleção do seu país, mas não disputava os amistosos a cada mês.

Essa seria a situação de Zico, caso aceitasse uma proposta da Itália, e de Falcão, se topasse jogar na Espanha. Exatamente como Roberto Dinamite havia feito durante uma parte de 1980.

Giulite e Mota chegaram a um acordo de que era preciso encontrar uma solução para o caso. A CBF tinha um contrato de patrocínio do Instituto Brasileiro do Café (IBC), que colocou uma folha de café no escudo da CBF.

Procurou o IBC, mas não conseguiu o acordo. Procurou então os executivos da Coca-Cola, que se interessaram pelo projeto. A imprensa passou a tratar do assunto, mas nunca citando a participação da CBF no negócio. A história publicada dava conta de que o Flamengo estava próximo de viabilizar um *pool* de empresas para manter Zico no Brasil.

Dia a dia, os jornais acompanhavam a história. As empresas envolvidas no *pool* eram mantidas em sigilo, enquanto se discutia a questão com uma única proposta, da Coca-Cola. A multinacional seria responsável pelo pagamento integral dos trezentos mil cruzeiros mensais a que Zico teria direito.

Em troca, para compensar o investimento da multinacional, a CBF e o Flamengo conseguiriam espaço de publicidade nas emissoras de televisão. Zico teria de ser garoto-propaganda da empresa, na gravação de diversos comerciais veiculados na TV.

Então o negócio emperrou. Giulite Coutinho e Eduardo Mota não conseguiram viabilizar com emissoras de televisão a mesma quantidade de entradas institucionais que a empresa desejava.

A entrevista foi mantida e, até a última hora, tentava-se resolver o problema. Sem solução, quando as equipes de TV e jornais chegaram ao local da coletiva, veio a surpresa: em vez do *pool* de empresas, apenas uma estava disposta a pagar o salário de Zico: a Coca-Cola.

Mas haveria a participação de mais duas partes. Pelo imbróglio que envolvia a publicidade em televisão, a CBF decidiu entrar com uma parte do negócio e o Flamengo se comprometeu a pagar a outra parte. Isso significava que a Coca-Cola seria responsável por um terço do salário de Zico nos dois anos seguintes. Pagaria, portanto, cem mil cruzeiros por mês, enquanto o Flamengo e a CBF dividiriam os duzentos mil cruzeiros restantes em duas partes iguais. Em troca, Zico gravaria uma sequência de comerciais para a multinacional.

> – Isso acabou não acontecendo. Meu contrato com a Coca-Cola, na sequência, foi um contrato individual da minha imagem, como sempre aconteceu, e não tinha nada a ver com o Flamengo. Meus contratos com o Flamengo sempre foram feitos diretamente com minha atividade de atleta profissional, e nada de direito de imagem. Meus contratos de publicidade

> sempre foram feitos diretamente com as empresas, e nada a ver com o Flamengo, exceto a minha volta da Udinese, que teve todo um projeto com o Rogério Steimberg.

No mais famoso desses comerciais, Zico deixava o gramado suado, com a camisa da Seleção Brasileira no ombro, seguido de perto por um garoto na casa dos 12 anos. O menino, emocionado perto do ídolo, oferecia um refrigerante. O Galinho aceitava e bebia, num único gole, os 290 mililitros do líquido mágico que matava sua sede e a fome do futebol brasileiro.

Era a primeira vez que uma operação desse porte e envolvendo tanto dinheiro funcionava no futebol brasileiro. Parecia um exemplo para que novos contratos publicitários permitissem a permanência dos principais jogadores no país. Podiam sair os médios. No final dos anos 1970, Juary deixou o Santos e a Seleção Brasileira para atuar no futebol mexicano, no Tecos, de Guadalajara. Mas uma coisa era perder um jogador de bom nível. Outra bem diferente era perder o símbolo do bom futebol brasileiro da época, perder um homem que carregava público ao Maracanã e que levava a torcida aos estádios.

A solução funcionou por dois anos. E Zico ficou.

A operação Flamengo-Coca-Cola-CBF serviu para manter o Galinho até a Copa do Mundo de 1982, para conquistar a Libertadores pelo Flamengo, em novembro de 1981, e para levantar o Mundial Interclubes, em dezembro daquele mesmo ano. Serviu para os rubro-negros ganharem o segundo título brasileiro de sua história, em 1982, e o terceiro, em 1983. Serviu para chamar a atenção de um modesto time italiano, situado numa desconhecida cidade do Norte daquele país, desconhecida dos brasileiros antes da chegada do emissário da Udinese ao Brasil.

Quem chegou ao Brasil com o interesse da Udinese foi o emissário Franco Dalcin, em 1983. Ele e o zagueiro Edinho, ex-Fluminense, na época titular da

equipe do Norte da Itália, conversaram e seduziram Zico para ir à Itália. Antes da proposta, o único contato concreto entre um clube italiano e o Flamengo havia sido do Milan, por meio do mesmo Gianni Rivera que iniciou as conversas sobre a transferência de Falcão três anos atrás. Essa conversa com o presidente rubro-negro, Antonio Augusto Dunshee de Abranches, aconteceu em 1982, quando o Milan se preparava para disputar a Segunda Divisão da Itália – e acabou sendo rebaixado em maio do mesmo ano.

A negociação não interessava por causa da Série B, mas a conversa seguiu num tom tenso.

> – O Dunshee colocou um jornalista atrás da cortina para ouvir a proposta, porque o Rivera deu uma declaração falando uma cifra e na sala dele falou outra. Aí não teve negócio. Meu advogado já tinha visto e escolhido casa para eu morar e tudo em Milão – lembra Zico.

Dunshee de Abranches jura que a proposta chegou à Gávea pela boca de Zico. Que foi o Galinho quem levou o diretor esportivo da Udinese, Franco dal Sin, com a proposta em mãos, porque desejava a transferência, depois de passar seus primeiros 12 anos de carreira profissional vestido de rubro-negro. Já estávamos em 1983.

O Galinho não nega ter levado a proposta, mas conta uma história um pouco diferente. Não fazia questão de ir embora para a Itália, desde que recebesse uma oferta proporcional, mesmo que esse dinheiro demorasse mais tempo para chegar às suas mãos. Quando o negócio começou a ser tratado, Zico pediu sigilo para os envolvidos, mas o presidente do Flamengo liberou a informação às 17 horas do dia 1º de junho, 12 dias antes de o negócio ser sacramentado. Dunshee foi o primeiro a quebrar as regras que haviam mantido o Galinho no clube dois anos antes. O primeiro a sinalizar que, dessa vez, não havia chance de ele continuar no time.

> – Os emissários da Udinese chegaram quando faltava um mês para acabar o Campeonato Brasileiro. Quando o Flamengo percebeu que o negócio estava perto de se viabilizar, começou a procurar um mecanismo de me manter. A Udinese me pagaria 2,1 milhões de dólares em três parcelas de setecentos mil. Pela venda, eu teria direito a 15%, como mandava a legislação da época. Era o equivalente a 450 mil dólares. Defini que se o Flamengo me pagasse apenas o que eu ganharia lá, ficaria, mesmo recebendo parcelado – conta Zico.

O craque abriria mão dos 15% em troca do passe livre ao final de seu contrato de dois anos. O novo acordo seria viabilizado pela Adidas, que entraria no negócio como fornecedora de material esportivo do Flamengo. Quando a proposta foi anunciada, o presidente rubro-negro avisou que a proposta salarial anterior, que não cobria a oferta dos italianos, já incluía o dinheiro pago pela Adidas. As tentativas de manter o Galinho no Brasil passavam por acordos com o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e com a Nestlé. Era o que dizia o noticiário da época.

> – Foi quando eu percebi que o Antonio Augusto não fazia questão da minha permanência – conta Zico.

O presidente rubro-negro ficou famoso por vender o maior ídolo da história do clube e por suas lágrimas de crocodilo. Fingia chorar e enxugar as lágrimas com a camisa 10 do Flamengo. Sua ideia era mostrar que o Flamengo não tinha por que chorar a ausência de seu maior craque.

A conta dizia que o Flamengo aplicaria os quatro milhões de dólares da transação e teria condições de comprar um craque por mês. Com esse aval, o Conselho Deliberativo rubro-negro fechou um dos negócios mais polêmicos da história do futebol brasileiro. Polêmico porque o país ainda não havia se acostumado com a ideia de que é impossível concorrer com os euros. À época, parecia viável brigar com as liras. Não era.

No dia 15 de junho de 1983, Zico desembarcou no aeroporto Ronchi dei Legionari, em Udine, no Norte da Itália. Adidas, Coca-Cola, CBF, IBC... As empresas que poderiam entrar na briga para manter a matéria-prima do futebol brasileiro por aqui perderam para o modesto time italiano. Esse foi o gol com que a Europa fechou o placar do jogo contra o futebol do Brasil.

A volta às origens

Zico

Falcão foi só o primeiro a deixar o futebol brasileiro para jogar na Itália após a reabertura do mercado italiano para atletas estrangeiros. No ano seguinte à venda do craque do Inter, uma longa conversa teve lugar, na tentativa de manter Zico na Gávea. A questão, no entanto, era muito mais antiga. Falcão deu início a uma safra de negociações incrível, que tomaria conta dos anos 1980. Na década de 1970, com o mercado italiano fechado, poucos eram os que arrumavam as malas e seguiam para o exterior. Manoel deixou o Inter para jogar no futebol português. Marinho Peres, Leivinha e Luís Pereira foram para a Espanha. A história das negociações, no entanto, remonta à década de 1930, quando um técnico deixou o Brasil e seguiu para a Itália a fim de montar o time mais brasileiro de que se tem notícia. Chamava-se Amílcar Barbuy, personagem importante para a história de Palmeiras e Corinthians, e que deu o primeiro passo para os jogadores brasileiros tomarem conta da Europa. Naquele tempo, eles já queriam ir.

O presidente da Lazio, Remo Zenobi, tinha negócios no Brasil no final dos anos 1920, pois era um empresário italiano interessado em manter transações comerciais na América do Sul. Nas viagens, começou a se interessar também por jogadores de futebol.

Já no final daqueles anos 1920, o futebol estava mudando na Europa. Especialmente na Itália, onde Edoardo Agnelli ocupou a presidência da Juventus em julho de 1923 e fez seu clube dar os primeiros passos em direção ao profissionalismo. Agnelli, muito mais poderoso do que Remo Zenobi, era filho do fundador da Fiat e iniciava a relação entre o clube e a fábrica italiana de automóveis de Turim. O passo definitivo aconteceu quando Viri Rosetta, meia do Pro Vercelli, decidiu não jogar mais por seu clube e transferir-se para a Juventus. Agnelli lhe propôs a transferência com boa recompensa financeira e

Rosetta não pensou duas vezes. Foi para a Juventus ainda na temporada 1923-1924, enquanto o time de Turim disputava o título cabeça a cabeça com o Genoa.

Rosetta se transferiu durante o torneio, ajudou a Juventus marcando três gols da campanha, mas não evitou que o Genoa conquistasse o último de seus oito títulos nacionais. Antes do final do torneio, no entanto, Rosetta causa fúria nos dirigentes genoveses, que entraram na justiça pedindo a anulação dos pontos conquistados pela Juventus com ele em campo. A justiça deu razão ao time de Turim e o caso abriu precedentes para que novos clubes tirassem jogadores de outras agremiações à custa de dinheiro. Era o início do profissionalismo na Itália.

A ideia de jogar em troca de bons pagamentos só chegaria ao Brasil no final dos anos 1920 e seria colocada em prática de maneira clara apenas a partir de 1933. Antes disso, gente como Remo Zenobi vinha ao Brasil e se esforçava para levar jogadores para o mercado italiano.

O primeiro a pisar em gramados europeus foi o lateral Paulo Innocenti, contratado pelo Bologna em 1925 e transferido para o Napoli no ano seguinte. A partir de 1930 começou a leva definitiva de jogadores brasileiros para a Itália. A começar pela família Fantoni.

A motivação para retirar do Brasil esse tipo de jogador misturava dois sentimentos. Em primeiro lugar, a ideia de que o atleta não precisaria conviver com o preconceito tão perto por ser jogador de futebol, nem viver à custa do amadorismo marrom, criticado por muitos. A alternativa, no Brasil, era receber críticas por ser um profissional sério ou por trocar os treinos diários, fundamentais para o desenvolvimento como jogador, pelo trabalho.

Em São Paulo, muita gente já conseguia levar a vida apenas jogando futebol, recebendo ajuda financeira de seus clubes. No Rio de Janeiro, o exemplo que

deixou tudo ainda mais claro era o do Vasco. O clube dos portugueses entrou no futebol em 1923, repleto de jogadores negros ou brancos mais pobres. Os rivais reclamaram, e muita gente diz que isso aconteceu exclusivamente pelo fato de os vascaínos juntarem em seus clubes os primeiros negros no esporte. Ocorre que já existiam clubes, como o Bangu, que admitiam negros em seus quadros havia anos. O motivo para a reclamação contra o Vasco, além do preconceito contra negros e portugueses, era a luta contra o profissionalismo.

Os vascaínos pobres, negros e brancos, entravam em campo durante todo o dia para treinamentos fortes. Contra o amadorismo, os vascaínos tinham a arma dos armazéns de portugueses no Rio de Janeiro jogadores como o ponta-direita Paschoal, bicampeão carioca em 1923 e 1924, que formou o primeiro time histórico do Vasco, em 1929. Os rivais tentavam averiguar a veracidade das informações sobre a participação dos jogadores em trabalhos nos armazéns dos portugueses. Quando a federação visitava seus locais de trabalho, o argumento era de que os funcionários estavam realizando serviços externos.

Na Itália, especialmente depois da entrada em ação da família Agnelli na Juventus, o profissionalismo chegou de maneira muito mais clara. Significava a possibilidade de jogar profissionalmente sem restrição. Significava, também, a chance de receber mais dinheiro para jogar futebol do que acontecia no Brasil. Os argumentos, mais do que sedutores, começaram a arrancar jogadores brasileiros do país e levá-los para a Europa.

Um dos primeiros a se encantar com a ideia de levar jogadores brasileiros para a Itália foi o presidente da Lazio, Remo Zenobi. Em 1930, passou por São Paulo, seguiu para Belo Horizonte, e descobriu que lá jogavam irmãos que eram fantásticos com a bola no pé. Na temporada 1930-1931 chegaram Niginho e Ninão e seu primo, Nininho, respectivamente chamados na Itália de Fantoni III, Fantoni II e Fantoni I. Além do dinheiro, havia outro argumento para seduzi-los: o sobrenome. Os primeiros a atravessar o oceano para jogar na Itália eram filhos de italianos que vieram ao Brasil em busca de trabalho duro. Muitos chegaram

para trabalhar em fazendas de café, outros tiveram uma vida pobre e alimentaram em seus filhos o sonho de retornar à Itália para uma vida melhor. Os Fantoni tinham a chance de fazer isso recebendo dinheiro para jogar futebol.

Com os três em campo, a Lazio terminou em oitavo lugar no campeonato da temporada 1930-1931, um feito grandioso para uma equipe acostumada aos insucessos e que concluíra a temporada anterior no modestíssimo 15º lugar.

A ascensão da Lazio motivou Remo Zenobi a convidar Amílcar Barbuy para arregimentar um batalhão de jogadores brasileiros para a Itália.

Amílcar era um brasileiro, filho de imigrante italiano, histórico por se tornar o primeiro grande ídolo corintiano a ingressar nas fileiras do Palestra Itália em sua fundação. O sangue e a família italianos motivaram a escolha pelo Palestra em seu jogo inaugural, mas a história dentro do Corinthians o manteve no Parque São Jorge para disputar competições oficiais.

Foi assim até 1924, quando uma briga com a direção corintiana fez com que Amílcar se mudasse de vez para o Parque Antártica e lá jogasse por mais sete anos. Foi o capitão do segundo time palestrino campeão paulista, em 1926. O capitão fazia as vezes de técnico, função ainda inexistente no final dos anos 1920. E, para ser um dublê de técnico e jogador, Amílcar foi convidado por Remo Zenobi a se juntar à trupe brasileira da Lazio.

Amílcar se juntou à família Fantoni e levou para a Itália mais sete brasileiros; os zagueiros Pepe e Serafini, do Palestra, o meia Salatin, do Palestra, o ponta-direita Filó, o meia-esquerda Rato e o ponta-esquerda De Maria, do Corinthians, e o zagueiro Del Debbio, que já registrara uma experiência sem sucesso pelo Lucchese em 1925.

O grupo recebeu um apelido sugestivo: *Brasilazio*. Mais do que isso, faria história pela relação da equipe com *Il Duce*, Benito Mussolini, *laziali* de quatro

costados.

Amílcar era um garoto com pouco mais de oito anos quando chegou a Roma pelas mãos do pai, Amílcar Barbuy, contratado para ser técnico e jogador. Não sabia bem onde estava pisando, a não ser pelo fato de estar acompanhando o pai, com quem mal tivera contato no ano anterior. Amílcar Barbuy seguiu para Roma em 1931, imaginando que viveria uma aventura, talvez rápida. Por isso, achou melhor não levar a família no primeiro momento.

Mas o tempo passou, os resultados o animaram, e o segundo ano da experiência já merecia a viagem da esposa e do filho. O pequeno Amílcar chegou, portanto, com o terreno reconhecido. Isso significava que o pai gozava da amizade e do respeito do presidente do clube, Remo Zenobi, que gozava também da admiração do primeiro-ministro do país, Benito Mussolini.

Apesar de a Lazio não ameaçar chegar às primeiras posições do Campeonato Italiano, pois estas pertenciam à Juventus, time imbatível no início da década de 1930, era a equipe da Fiat, do presidente Edoardo Agnelli, dos primeiros passos no profissionalismo e da força incrível como equipe.

O técnico era Carlo Carcano, e o elenco contava com argentinos e brasileiros. Na temporada 1932-1933, a segunda de Amílcar Barbuy como treinador, a Juventus arrebatou a taça com oito pontos de vantagem sobre a Ambrosiana-Inter, a segunda colocada. O elenco tinha Renato Cesarini, um armador nascido em Buenos Aires mas que se mudou para a Itália com poucos meses de vida. O centro-médio era Luisito Monti, vice-campeão mundial pela Argentina em 1930, que deixou o Boca Juniors para defender a Juventus no ano seguinte. Na ponta-direita, um craque de nome italiano mas de sangue absolutamente brasileiro, Pedro Sernagiotto, que recebeu o apelido de Ministrinho, dado por um dirigente do Palestra Itália em homenagem ao craque Ministro, que atuara no início dos anos 1920. Em 1929 foi eleito o craque mais popular de São Paulo, fruto de seu bom futebol e da popularidade do Palestra, dono da maior torcida da cidade na

época. Isso lhe valeu a transferência para a Itália.

Ministrinho e a Juventus eram os agentes dificultadores para que a vida dos Barbuy fosse ainda mais perfeita. Mussolini bem que gostaria de ver seu time campeão italiano, mas não fazia tanta força para que isso ocorresse, até porque a Juventus, em Turim, estava próxima da família real, a quem ainda devia obediência.

O pequeno Amílcar, no entanto, gozava de privilégios. Lembra de passear tardes seguidas na casa do *Il Duce*, de brincar com filhos e com empregados, de jogar futebol no quintal do ditador. Isso apesar de os resultados da Lazio nos primeiros meses de campeonato não animarem em nada. Estreia contra o Napoli, no Sul da Itália, com derrota por 3 X 1. Segunda rodada no estádio Flaminio, em Roma, com empate contra o modestíssimo Palermo por 1 X 1. Terceira rodada em Turim, contra o Torino, e derrota por 4 X 2. Valiam, sim, os gols de Niginho, craque do Palestra Itália de Minas Gerais, o mais refinado dos três irmãos Fantoni, autor de dois gols nos três primeiros jogos na Itália.

Na quarta rodada, nem Niginho ajudou. Empate por 0 X 0 contra o Bari, novamente no estádio Flaminio. Estava claro que o futuro daquele time seria o fracasso, à exceção de um ou outro grande resultado. Um deles, no sexto jogo da temporada, uma vitória no clássico da capital italiana contra a Roma por 2 X 1, com um gol do ponta-esquerda De Maria para a Lazio.

Ao final da temporada, a Lazio ocupava a décima posição, com uma distância incomum de 21 pontos para a campeã Juventus. Antes de deixar o comando da equipe, Amílcar Barbuy ainda decidiu disputar uma partida como centroavante da equipe, contra o Bari. Com a vitória por 3 X 2, tornou-se o mais velho jogador a vestir a camisa de um clube profissional na história da Liga Italiana.

Melhor sorte tinha Ministrinho, o ponta-direita autor de sete gols em 24 partidas com a camisa alvinegra da Juventus, em sua segunda temporada por lá. Ao final

do campeonato, Ministrinho colecionava seu terceiro título, dos cinco que a Juventus venceria em fileira entre 1931 e 1935. Era o primeiro multicampeão brasileiro que jogava na Itália.

Ao final da temporada, a família Barbuy arrumou as malas e voltou para o Brasil. Um jogador brasileiro naquele período podia ganhar dinheiro limpo com o esporte, dedicando-se exclusivamente ao futebol, e receber cerca de três vezes mais do que recebia alguém para desenvolver o mesmo trabalho no Brasil. Amílcar retornou para não mais jogar futebol. Passou a se dedicar à família e aos negócios em São Paulo. A Lazio foi dirigida a partir daí por um austríaco, Karl Sturmer, substituído em 1935 pelo húngaro Giuseppe Viola. Os resultados não melhoraram antes da temporada 1936-1937, a primeira em que os laziali disputaram a taça cabeça a cabeça e terminaram o primeiro turno com o título de campeões de inverno. A essa altura, a maior tragédia da vida do clube já havia se confirmado.

Niginho era um talento esplendoroso. Mas não apenas ele conquistou a torcida. Nininho, seu primo, também. Era jogador de toques refinados, que jogava mais recuado em relação aos primos. Atuava na linha média, pelo lado esquerdo, mas nas primeiras temporadas sempre conseguiu chegar ao ataque e marcar ao menos um gol por campeonato.

Reconheciam-se em Nininho a enorme inteligência tática e o sangue da família, toscano, que permitiu uma convocação para a Seleção da Itália na fase de preparação para a Copa do Mundo de 1934. Nininho jogou contra a Grécia, na vitória por 4 X 0, em partida válida pelas eliminatórias do Mundial. Na Copa, o brasileiro a jogar pela Itália foi Guarisi, o ponta-direita Filó, também da Lazio. Nas eliminatórias, Nininho deixou gravado seu nome, o que faz dele também um campeão do mundo pela Itália.

O sucesso batia em sua porta todos os dias, até a temporada 1934-1935, sua quinta estação seguida com a camisa azul-celeste dos *laziali*. No dia 20 de

janeiro de 1935, um encontro no estádio Flaminio entre Lazio e Torino marcou um choque entre Nininho e o mediano do Torino, Baldi, que lhe causou uma fratura no nariz. Baldi havia feito o primeiro gol da partida para o Torino, e a Lazio empataria aos 41 minutos do segundo tempo com gol de Piola, o mesmo centroavante titular na Copa do Mundo de 1938.

A essa altura, Nininho já não estava em campo. O choque com Baldi levou-o ao hospital. Chegou sem grandes preocupações. Era apenas um incidente de jogo, até que se percebeu que seu quadro não evoluía. Passaram-se duas semanas com Nininho acometido de uma infecção hospitalar. Período de tortura para a família, em busca de notícias precisas sobre as razões para o agravamento do caso. Em 8 de fevereiro, sem explicações mais detalhadas sobre quem havia entrado no hospital para cuidar de um caso simples, Nininho morreu.

A Lazio, de luto, tinha na semana seguinte um compromisso contra a Livorno, coincidentemente uma equipe da Toscana, região de onde saíra a família Fantoni para se abrigar no Brasil, no final do século XIX. A Lazio solicitou o adiamento do jogo, por luto. A Livorno não concordou e obrigou a Federação a manter a data original da partida.

Em 10 de fevereiro, dois dias após a morte de Nininho, a Lazio entrou em campo na cidade de Livorno, sem os dois outros representantes da família Fantoni. Ninão e Niginho não estavam em campo quando Piola e Uneddu marcaram os dois gols da vitória laziali por 2 X 0. De luto, a equipe de Roma seguiu em busca do primeiro escudeto de sua história. Passou perto. O técnico Giuseppe Viola conseguiu levar a equipe à quinta posição na tabela, ainda com o auxílio de Ninão e Niginho, que voltaram a campo duas semanas depois da morte do primo. Contra a Bologna, em 3 de março, Ninão voltou a marcar. Mas aquela seria a última temporada dos Fantoni na Itália. Ninão faria 22 partidas ao todo, com oito gols marcados. Niginho disputaria sua temporada mais frágil, com apenas dois jogos e um gol. A Lazio, já sem todos os brasileiros – eram seis, e ainda havia o técnico Amílcar Barbuy –, fez sua melhor temporada nos anos

1930 e terminou em quinto lugar, 12 pontos abaixo da Juventus, a equipe campeã.

A Juventus também foi vítima de uma tragédia, mas depois do final da temporada. Campeão pela quinta vez seguida, o time era o símbolo do sucesso da Fiat, para gosto de seu presidente, Edoardo Agnelli, que seguiu um dia depois de seu time para Praga para participar da Mitropa Cup, onde a Juventus disputaria a semifinal. Agnelli havia pago o prêmio pelo quinto escudeto consecutivo dois dias antes, mas precisou voltar a Turim às pressas para resolver problemas da empresa. Na chegada à Itália foi vítima de um acidente aéreo, tendo a hélice do avião perfurado seu crânio. A Juventus entrou em campo no dia seguinte à sua morte e perdeu para a Sparta Praga por 2 X 0. Nem a vitória no jogo de volta, em Turim, aliviou a equipe, que só voltaria a ser campeã italiana em 1950, 15 anos depois.

A morte de Agnelli freou os investimentos da família em futebol. O time mais forte, mais poderoso, que mais investia no futebol italiano parou de gastar e, com ele, os demais clubes italianos diminuíram seus investimentos. Na temporada 1935-1936, só dois brasileiros chegaram para tentar a sorte na Itália, ambos no Milan: Arnoni e Gabardo. Outros permaneceram, como Filó, titular da Lazio até 1938. Mas as duas tragédias juntas diminuíram o interesse nos brasileiros e em contratar jogadores do exterior. Junte-se a isso a proximidade da guerra e estava ainda mais fechado o mercado para craques do Brasil rumarem para a Itália, embora houvesse certamente outros mercados onde craques nascidos no Brasil poderiam tentar a sorte.

5.

Anos 1930 – o profissionalismo como desculpa

Domingos da Guia

Na volta da Espanha, o goleiro Jaguaré, do Vasco, costumava apontar as razões pelas quais o profissionalismo mudaria o futebol do Brasil. Na Espanha, quando um jogador perdia um gol, um jogo, vários colegas choravam, porque da vitória dependia o ganha-pão deles e de suas famílias. Por isso, para Jaguaré, formavam-se conjuntos mais fortes, pelo ardor com que os jogadores se dispunham a disputar cada uma de suas jogadas.

O problema é que, quando o dinheiro era maior em outra parte, o profissionalismo não era assim tão profissional.

Jaguaré fora goleiro do Barcelona entre 1931 e 1932, mesma época em que os primeiros brasileiros começavam a migrar para a Itália. Antes, fora o brilhante goleiro do Vasco da Gama, campeão carioca invicto em 1929 e, por causa desse título, convidado a excursionar à Europa no início de 1931. Seria uma equipe com base no esquadrão que conquistou o título estadual de 1929: Jaguaré, Brilhante e Itália; Tinoco, Fausto e Mola; Paschoal, Oitenta e Quatro, Russinho, Mário Mattos e Sant'Anna. O técnico era Harry Welfare.

Todos jogadores com história. Em 1929, ano do título invicto, Russinho chegou a ganhar um concurso promovido pelos cigarros da marca Veado e foi premiado com um automóvel, por ser considerado o melhor jogador do país – uma eleição auxiliada pela torcida do Vasco, composta na maioria por comerciantes portugueses que compravam cupons para fazer Russinho vencer a enquete.

Um time mítico, amado no Rio de Janeiro, reconhecido até mesmo no exterior. Não eram tempos de globalização nem de profissionalismo.

Nesse tom, aquele Vasco embarcou para sua excursão à Europa em meados de

1931. A ideia era realizar jogos contra clubes espanhóis e portugueses, o que fazia crescer os olhos de diversos jogadores brasileiros, seduzidos pela ideia do profissionalismo. Se não existia no Brasil, eles sabiam, o futebol espanhol já convivia com suas pesetas desde 1926.

A ideia vascaína era levar seu time campeão em 1929 recheado com alguns jogadores de destaque no Rio de Janeiro. Reforços como Fernando, do Fluminense, ajudariam a representar bem o futebol brasileiro. Era esse e só esse o aparente objetivo da viagem.

Daí a decisão provocar elogios de jogadores renomados do Vasco, como Fausto, apelidado Maravilha Negra pela imprensa uruguaia durante a Copa do Mundo de 1930.

Os convidados eleitos foram Nilo, definido por Fausto como atacante sem igual tanto no Brasil quanto em qualquer outra parte do planeta; Carvalho Leite, centroavante do Botafogo, o maior goleador da história do alvinegro, apontado por Fausto como comandante de ataque hábil, resoluto. Fernando era um centromédio magnífico, na definição do Maravilha Negra, e pertencia ao Fluminense, que concordou em emprestá-lo ao Vasco exclusivamente para a excursão.

Era esse o caso em que se enquadrava Domingos da Guia, zagueiro do Bangu, clube do subúrbio carioca, mas já destaque em cada partida do campeonato com a camisa vermelha e branca. Era clássico e não perdia divididas. Era sóbrio e um exemplo de dedicação ao futebol.

Até por isso, Domingos era definido por cada integrante da comissão vascaína como uma coluna de ferro, homem ideal para acompanhar a excursão dos campeões invictos de 1929.

Era assim também que Fausto definia seu provável companheiro na excursão à

Espanha. Fausto estava animadíssimo pelo fato de saber que o profissionalismo já havia chegado à Espanha e que um bom desempenho com certeza produziria algum tipo de proposta para que permanecesse na Europa.

Domingos certamente também tinha isso em mente, mas foi seduzido por um conselho do dirigente do Bangu, Benjamin Galego, no dia em que almoçaria com o presidente do Vasco, Raul Campos, para tratar da documentação para a excursão. Em tese, não se trataria de dinheiro, apenas dos documentos necessários para a viagem. Se o problema fosse contar com uns trocados a mais, isso se resolveria com uma proposta de um clube da Espanha.

> – Era a grande oportunidade da minha carreira e, de nenhuma maneira, desejava perder. Dependendo do Bangu, o inexperiente Domingos acompanharia a delegação do clube cruz-maltino. Ora, eu estava começando, e o convite do Raul Campos teve a proprie-dade de alçar a minha imaginação; abria-se uma porta para o infinito – disse Domingos ao *Última Hora*, em 1957.

O encontro com Raul Campos estava marcado em um restaurante no centro do Rio, na rua Dom Pedro I, de acordo com o livro *Domingos da Guia, o divino mestre*, de Aidan Hamilton. Já sentado à mesa, à espera do presidente vascaíno, Domingos ouvia Benjamin Galego aconselhar o pedido de dez mil contos de réis para aceitar a viagem para a Espanha.

Domingos contou ao *Última Hora*, em 1957, que a conversa com Benjamin Galego foi regada a algumas doses de martíni. Domingos jurou jamais ter bebido uma gota de álcool antes e atribuiu a isso seu fracasso na tentativa de se incorporar à nau cruz-maltina.

Quando Raul Campos chegou ao restaurante, Domingos já estava para lá de Barcelona e, até por isso, decidiu seguir à risca o conselho de Benjamin Galego. No depoimento ao *Última Hora*, o Divino Mestre conta ter percebido a

expressão desapontada de Raul Campos com seu aspecto de embriaguez e com a proposta sem sentido num tempo em que o futebol brasileiro ainda era amador. Eis o problema para a maior parte dos que jogavam por aqui – o futebol era amador.Amadorismo marrom, é claro.

Raul Campos deixou o restaurante seguro de que não precisava de Domingos da Guia em seu quadro. Podia viajar apenas com seu time campeão invicto em 1929, sem nenhum outro reforço. E Domingos, embriagado, claramente não seria o homem a reforçar uma equipe tão consistente.

Domingos voltou ao Bangu, mas seguiu negociando com outros clubes. Estava desapontado. A chance desperdiçada de viajar com os vascaínos tocou seu coração, especialmente pelo sucesso de alguns que para lá foram.

O Vasco fazia sucesso na excursão à Europa. Estreou com derrota contra o Barcelona, no velho estádio de Les Corts, na capital catalã. O segundo jogo, contra o mesmo Barça, foi de revanche. Vitória do Vasco por 2 X 1, com destaque para as atuações de Fausto e Barbosa.

O terceiro jogo, ainda em território espanhol, aconteceu na Galícia. Derrota por 2 X 1 para o Celta, em Vigo. Na partida seguinte, nova vingança. O Vasco goleou por 7 X 1, com destaque para Fausto e Fernando, o médio emprestado pelo Fluminense.

O Vasco permaneceu quarenta dias em território europeu, realizando jogos na Espanha e em Portugal. Entre 28 de junho e 2 de agosto, realizou 12 partidas, com oito vitórias, um empate e três derrotas. Resultados ótimos para os vascaínos, do ponto de vista esportivo, mas péssimos do ponto de vista da permanência dos ídolos em São Januário.

Em 1931, dois anos antes de a história do profissionalismo fincar seus pés no futebol brasileiro, o Barcelona contratava Jaguaré, Fausto e Fernando para

compor suas fileiras. Eram os primeiros brasileiros a jogar no futebol espanhol.

Data	Competição	Placar Vasco X adversários	Adversários	Estádio	Cidade	Estado/ País
28/6/1931	Amistoso Internac.	2 X 3	Barcelona	Les Corts	Barcelona	Espanha
29/6/1931	Amistoso Internac.	2 X 1	Barcelona	Les Corts	Barcelona	Espanha
5/7/1931	Amistoso Internac.	1 X 2	Celta de Vigo	Balaídos	Vigo	Espanha
7/7/1931	Amistoso Internac.	7 X 1	Celta de Vigo	Balaídos	Vigo	Espanha
12/7/1931	Amistoso Internac.	5 X 0	Benfica	Estádio do Lumiar	Lisboa	Portugal
15/7/1931	Amistoso Internac.	4 X 2	Comb. de Lisboa	Campo das Amoreiras	Lisboa	Portugal
19/7/1931	Amistoso Internac.	3 X 1	Porto	Estádio do Amial	Cidade do Porto	Portugal
22/7/1931	Amistoso Internac.	9 X 2	Comb. Varzim--Boavista	Guedes Amorim	Povoa de Varzim	Portugal
24/7/1931	Amistoso Internac.	6 X 2	Comb. de Ovar	Parque do Oliveirinha	Ovar	Portugal
26/7/1931	Amistoso Internac.	1 X 2	Porto	Estádio do Amial	Cidade do Porto	Portugal
30/7/1931	Amistoso Internac.	1 X 1	Vitória de Lisboa	Campo das Amoreiras	Lisboa	Portugal
2/8/1931	Amistoso Internac.	4 X 1	Sporting Lisboa	—	Lisboa	Portugal

Por fim Fernando sequer vestiu a camisa do Barcelona como jogador profissional. Depois de um período curto na Catalunha, foi dispensado e retornou ao Rio de Janeiro.

Jaguaré e Fausto permaneceram em Barcelona dispostos a ingressar no time principal, no campeonato que se iniciaria em novembro. Até hoje fazem parte do livro do Barcelona. Jaguaré figura como goleiro do time profissional entre 1931 e 1932, mas não apareceu em nenhuma partida da Liga Espanhola, porque não podiam disputar partidas oficiais jogadores que não fossem oriundos, ou seja, que não tivessem em sua árvore genealógica familiares espanhóis. Nem Jaguaré nem Fausto tinham, o que significava possibilidade de atuar apenas em

amistosos.

Fausto aparece no livro do Barcelona como jogador da equipe entre 1931 e 1936. No entanto, em 1932 já estava de volta ao Vasco, jogando no amadorismo marrom do futebol brasileiro, em pleno Campeonato Carioca.

Inscrito como jogador na Liga Espanhola, Fausto jamais chegou a disputar uma partida que fosse do Campeonato da Espanha.

Os brasileiros davam lugar a atletas de outros lugares – catalães, como Samitier, símbolo da época dos anos 1930, no Barça; ou como o goleiro húngaro Platko.

O ardor com que se defendia o sangue de outro país dava a impressão de que o preconceito passava longe dos campos de Barcelona nos anos 1930. Mesmo assim, foi falando em racismo que Fausto retornou ao Brasil em 1932. Voltou sem jogar nenhuma partida sequer do Campeonato Espanhol, assim como Jaguaré, preterido a Nogués.

Alguém há de dizer que o brasileiro era melhor. Talvez. O fato é que Nogués foi o reserva do lendário Zamora na Copa do Mundo de 1934 e enfrentou a Itália na partida de desempate que custou aos espanhóis o lugar nas semifinais do Mundial.

Jaguaré voltou ao Vasco sem jamais recuperar seu lugar como titular absoluto do gol vascaíno, que passou a pertencer a Rey.

Fausto seguiu para a Suíça e disputou uma temporada pelo Young Fellows, de Zurique, em 1932, antes de retornar ao Vasco em 1933. Nesse ano, já estava outra vez desfilando o talento que o consagrou como jogador profissional do Vasco, reclamando do preconceito na Europa, sem jamais ter alcançado o destaque necessário para justificar sua permanência por lá.

E Domingos?

Tratou com o América, mas teria de passar um ano cumprindo com rigor a lei do estágio, que impedia que os jogadores atuassem imediatamente em seus novos clubes em caso de transferência não consentida. Havia o boato de que a lei do estágio cairia naquele ano de 1931. Não caiu, e Domingos acabou permanecendo no Bangu.

Enquanto ele negociava para onde ir, Fausto foi o primeiro jogador a percorrer ao mesmo tempo os territórios espanhol e suíço. Não teve sucesso em nenhuma das duas empreitadas.

Mas nem isso tirava de Domingos da Guia a frustração de não ter tentado. Especialmente porque os que retornavam ao país voltavam falando sobre os benefícios do profissionalismo, ainda não adotado no Brasil. Jaguaré, por exemplo, deu longo depoimento ao *Jornal dos Sports*, em 1932, logo após o retorno de sua experiência fracassada na Espanha.

> – Acho o profissionalismo uma grande necessidade, para melhorar nosso futebol, tão carecedor de bons conjuntos. Os profissionais jogam com mais ardor, porque dessa atividade tiram o pão de cada dia. Uma bola chutada fora do arco, chutada por profissionais, importa grande tortura, para todo o time, que perde, assim, possibilidades de ganhar mais nota.

Logo após a saída de Fausto, o técnico Harry Welfare, do Vasco, pensou em escalar Domingos da Guia. Queria-o como médio, à frente da defesa, posição em que não estava habituado a atuar. Poderia fazê-lo, desde que superasse uma exigência básica do velho amadorismo: o estágio.

Já no final de 1931, pouco depois da viagem de Jaguaré, Fernando e Fausto para a Espanha, Domingos da Guia deu pela primeira vez um depoimento amplamente favorável à adoção do profissionalismo no futebol brasileiro. Dizia que não se envergonharia de ser profissional, por julgá-lo uma necessidade inadiável do futebol brasileiro.

Logo após a suposta transferência para o Vasco, surgiu o boato de que Domingos da Guia havia arrumado as malas para se transferir para o América. Ficou acertado que o zagueiro, já rompido com o Bangu, poderia se transferir para o clube rubro, desde que fosse derrubada a lei do estágio. A expectativa geral era essa.

Até o início dos anos 1930, qualquer jogador que trocasse um clube por outro, sem consentimento de sua velha casa, era obrigado a cumprir um ano na reserva de seu novo endereço. Se a lei caísse, Domingos sairia do subúrbio e chegaria à zona Sul pronto para jogar com a camisa vermelha americana.

Como a lei não caiu e o América fez o anúncio percorrer os jornais do Rio de Janeiro, Domingos tratou de procurar novos negócios. Acabou acertando com o Vasco.

O zagueiro já havia declarado ser favorável ao profissionalismo, mas apenas a especulação da mudança de clube já fazia ruborizar os críticos. O que dizer da possível mudança de país, que dali a pouco viria a acontecer, como já havia se passado com Jaguaré, Fernando e Fausto? Com tudo isso, os desentendimentos com o Bangu provocaram o acerto com o Vasco. Se não podia jogar as partidas do primeiro quadro no campeonato da cidade, tinha condição legal para os amistosos.

Entre abril e junho de 1932, Domingos entrou em campo apenas duas vezes, no segundo quadro vascaíno. Quando era escalado em amistosos, via colegas torcerem o nariz. Isso apesar de depoimentos acalorados contra a lei do estágio, como o do técnico Harry Welfare. Sua missão, durante o período do estágio, era ajudar o Vasco a conquistar o torneio de aspirantes, disputado às 13h30, antes da partida da equipe principal. Domingos sentia-se mal com o calor, menos do que com a ausência do campeonato verdadeiro.

Essa situação aliada a depoimentos de que os jogadores não gostavam de atuar

quando tinham Domingos lado a lado provocou reação da diretoria para que o zagueiro passasse a ser escalado mais regularmente, na equipe aspirante, o que aconteceu a partir de agosto. Evitou jogar contra o Bangu, por julgar constrangimento, mas o Vasco cresceu de produção com Domingos na defesa e chegou à decisão contra o América. Foi aí sua primeira falha. Um erro na saída de bola, uma furada, e o América marcou o gol da vitória e do título aspirante.

Se não bastassem as críticas, as ausências, agora também os olhares diziam a Domingos que deveria seguir sua intuição e procurar um caminho no profissionalismo. No exterior.

Nacional de Montevidéu

Os uruguaios se recordavam de Domingos desde sua estreia na Seleção Brasileira. Aconteceu nas Laranjeiras, pela Copa Rio Branco, em 6 de setembro de 1931. Do outro lado do campo, vestido de azul-celeste, manto sagrado da seleção bicampeã olímpica e, àquela altura, já campeã mundial, o ponta-direita chamava-se Dorado.

Mario Filho descreveu brilhantemente e transformou em mito a jogada de Domingos, que ficou na retina dos uruguaios que viram e nos ouvidos dos que não assistiram:

> – Era a Copa Rio Branco, aqui, no estádio do Fluminense, o escrete brasileiro de um lado, os uruguaios do outro. Os uruguaios eram os campeões do mundo. Não os de 1950, mas os de 1930, os de 1928, os de 1924. Campeões olímpicos e do mundo. E aí vem a dúvida não desfeita: que idade teria Domingos Antônio? Dezoito, 19? Estava começando a surgir. Embora ele fosse do Bangu, ninguém estranhou que o escalassem para o escrete brasileiro. E foi o dia da consagração do irmão de Ladislau.
>
> É como vejo Domingos: dando o drible em Dorado. Bastava que Dorado

> pegasse uma bola para a multidão ficar de coração batendo. E Dorado pega a bola, fecha sobre o gol brasileiro, Domingos correndo ao lado dele. Eram duas pernas na frente, duas pernas atrás. Pareciam, Domingos e Dorado, um corpo só. De repente, Domingos gira o corpo, dá as costas para o gol, para. E lá vai Dorado para dentro do gol. E dentro do gol eram pontapés nas redes, eram socos no ar, eram gritos, eram abraços, eram beijos. Em volta do estádio, petrificado, imóvel, emudecido. E Domingos, um pouco além da pequena área, olhando espantado para tudo aqui, enquanto pisava a bola, como uma estátua.

Os uruguaios leram e escutaram falar em Domingos a ponto de não descansarem antes de fazer uma proposta concreta para tirá-lo do Vasco. Não era difícil. Foi uma disputa árdua, porque os argentinos do Boca Juniors também conheciam o mito de Domingos da Guia. Se o Brasil já perdera jogadores para o profissionalismo espanhol, era a vez de perder gente importante para o Uruguai, para a Argentina.

No final dos anos 1920, já havia migrado o primeiro desses. Feitiço, ex-Santos, já era ídolo do Peñarol antes da chegada de Domingos. Mas a trajetória brasileira no futebol uruguaio divide-se mesmo em antes e depois de Domingos da Guia, que chegou a Montevidéu no final de 1932, para jogar o campeonato do ano seguinte.

A começar pelo fato de que os uruguaios espantavam-se ao ver chegar à Bacia do Prata o que chamavam de “o melhor zagueiro direito” do mundo. Formaria a zaga com Nazassi, já campeão mundial. Isso dava noção do prestígio do brasileiro. O que dizer, então, da informação de que Domingos jogava pela direita da zaga, como Nazassi, e que o improviso do outro lado do campo foi imposto ao uruguaio, para que o brasileiro não corresse o risco do fracasso.

Risco inexistente.

Domingos, no Uruguai, tinha tudo. A chance de jogar futebol, a emoção dos estádios lotados, especialmente nos clássicos contra o Peñarol, a companhia de um brasileiro, depois que a direção resolveu levar a Montevidéu o ponta-esquerda Patesko, do Força e Luz do Rio Grande do Sul. Tudo estava precisamente colocado para o sucesso de Domingos da Guia. Até a condição fundamental: o dinheiro.

Domingos seria profissional, coisa que o Brasil não podia lhe dar. Quem duvidava em território brasileiro de que o jogador nascido por aqui tivesse condição de se adaptar ao profissionalismo teve uma mostra de que a história era diferente no Uruguai:

> – Estou cumprindo meus deveres religiosamente, meus deveres de profissional. Meu treinamento segue sem exageros, mas eficiente. Minha alimentação é ainda à brasileira, graças ao dedicado patrício que aqui está com a família. Evito assim, com grande proveito, a comida dos hotéis, sempre duvidosa e, ao mesmo tempo, não faço um câmbio completo de sistema.

Dizia-se que Domingos tinha problemas de adaptação ao frio. Mas o futebol e os resultados do Nacional avalizavam as contratações. À base disso, o time seria chamado de Máquina.

Naquele ano de 1933, Domingos foi o melhor zagueiro do campeonato, que chegou empatado até o fim. Havia equilíbrio em tudo. Até no número de brasileiros, que tomavam o Campeonato Uruguaio. O Peñarol tinha Feitiço, Osvaldo, Leônidas da Silva, Bahia, Congo, Rabello e Carlitos. O Nacional contava com Domingos, Pateska, Benevuto e Oliveira. Todos saídos do futebol brasileiro, fugidos do amadorismo. Todos encantados com a organização e o equilíbrio do futebol do Uruguai.

Até que o Brasil anunciou seu profissionalismo, no começo de 1933. O Vasco,

especialmente, anunciou a entrada no novo sistema e começou a sondar velhos ídolos, como Leônidas e Domingos.

No Uruguai, o campeonato terminou empatado entre Nacional e Peñarol, cada um com 46 pontos. Não havia como definir a taça antes do Natal. Tempo para que os brasileiros viajassem para passar não apenas as festas de fim de ano, mas seguissem até o Carnaval.

Quando se marcou a decisão do Campeonato Uruguaio para maio, Domingos já tinha acertado seu retorno para o Vasco. O Nacional queria Domingos na decisão contra o Peñarol e enviou um telegrama ao Vasco para dizer que esperava seu zagueiro a fim de cumprir o contrato. Caso contrário iria à Fifa reivindicar uma punição exemplar.

Como se estava às portas da Copa do Mundo de 1934, a chance de o Brasil contar com Domingos era a Confederação Brasileira de Futebol (CBD), ainda ardente defensora do amadorismo, comprar o passe do zagueiro para o Nacional. Isso para que Domingos voltasse ao Brasil e se incorporasse ao profissionalismo do Vasco.

De Montevidéu, o Nacional recusou todas as propostas da CBD e ainda anunciou publicamente que Domingos da Guia estava voltando ao país para disputar o desempate do campeonato contra o Peñarol, o que jamais aconteceu *(veja as fichas das três partidas decisivas, com Feitiço e Bahia em campo, dos brasileiros que havia)*. Os demais brasileiros, todos se foram, seduzidos pela paixão pelo país e pela grana do profissionalismo.

Até o fim da vida, Domingos da Guia jurou ter sido tricampeão nacional. Venceu em 1933 pelo Nacional, em 1934 ganhou o Carioca pelo Vasco e em 1935 venceu o Argentino pelo Boca Juniors.

Na prática, o Nacional gostaria de lhe retirar o primeiro título por não ter

participado de seu momento decisivo. Estava bem ao norte, curtindo o sol do Rio de Janeiro e anunciando que o Brasil a partir de 1933 tinha condição de ficar em pé de igualdade com os vizinhos. Na chegada de Domingos, dizia Raul Campos, diretor do Vasco:

– Estamos em pé de igualdade com argentinos e uruguaios. Domingos recebeu propostas fabulosas, do Nacional e do Boca. Recusou-as e preferiu retornar ao Vasco.

Talvez tenha começado aí a fama de mau profissional do jogador brasileiro no exterior. Mas a igualdade entre os clubes brasileiros e os que têm dinheiro pelo mundo afora não começou, infelizmente.

Primeiro jogo das finais
27 de maio de 1934
NACIONAL 0 X 0 PEÑAROL

Local: Centenário (Montevidéu)
Público: 42.000
Juiz: Teléforo Rodríguez

Expulsão: Labraga, Nazassi, Chifflet

Nacional: Eduardo García; José Nasazzi, Juan Brito; Arsenio Fernández, Ulises Chifflet, Marcelino Pérez; Juan Miguel Labraga, Pedro Duhart, Héctor Castro, Enrique Fernández, Eduardo Ithurbide. Técnico: Américo Szigeti.

Peñarol: Juan Tea; Lorenzo Fernández, Ernesto Mascheroni; Erebo Zunino, Alvaro Gestido, Galileo Chanes; João de Almeida “Bahia”, Luis Mata, Juan Pedro Young, Juan Peregrino Anselmo, Braulio Castro. Técnico: Leonardo De Lucca.

Observação: aos 25 do segundo tempo, um chute errado de Bahia atingiu o

gabinete dos médicos e voltou para o campo. Anselmo apanhou o rebote e tocou para Castro marcar. Chifflet, Labraga e Nazassi foram expulsos por agredir o árbitro na sequência da jogada.

Segundo jogo
2 de setembro de 1934
PEÑAROL 0 X 0 NACIONAL (DEPOIS DE DUAS PRORROGAÇÕES)

Local: Centenário (Montevidéu)
Juiz: Domingo Lombardi

Peñarol: Juan Tea; Lorenzo Fernández, Adhemar Canavessi; Erebo Zunino, Alvaro Gestido, Alberto Berisso; João de Almeida “Bahia”, Luis Mata, Juan Pedro Young, Luis Marcelo, Feitiço e Castro. Técnico: Leonardo De Lucca.

Nacional: Eduardo García; Ulises Chifflet, Juan Ramón Cabrera; Arsenio Fernández, Miguel Andriolo, Marcelino Pérez; Zoilo Saldombide, Francisco Arispe, Aníbal Ciocca, Enrique Fernández, Eduardo Ithurbide. Técnico: Américo Szigeti.

Terceiro jogo
18 de novembro de 1934
NACIONAL 3 X 2 PEÑAROL

Local: Centenário (Montevidéu)
Juiz: Juan Carlos Cerón

Gols: Braulio Castro aos 42 do 1º tempo; Héctor Castro aos 8, Arremón aos 13, Héctor Castro aos 16, Héctor Castro aos 32 do 2º tempo.

Nacional: Eduardo García; Ulises Chifflet, Juan Ramón Cabrera; Arsenio Fernández, Miguel, Andriolo, Marcelino Pérez; Francisco Arispe, Aníbal Ciocca, Héctor Castro, Enrique Fernández, Zoilo Saldombide. Técnico: Américo

Szigeti.

Peñarol: Juan Tea; Alberto Nogués, Adhemar Canavessi; Erebo Zunino, Alvaro Gestido, Alberto Berisso; Braulio Castro, Lorenzo Fernández, Juan Pedro Young, Luis Mata, Juan Pedro Arremón. Técnico: Leonardo De Lucca.

A saída para a América

Heleno de Freitas

Foi Elba de Pádua Lima, o Tim, quem telefonou da Colômbia para Heleno de Freitas, em 1950. Àquela altura, já fazia um ano que o movimento da Liga Dimayor da Colômbia ficara conhecido em toda a América Latina. A proposta de Tim era que Heleno de Freitas deixasse o Brasil e o Vasco para se juntar à elite do futebol sul-americano.

Lá já estavam brasileiros como Marinho Rodrigues e Gérson dos Santos, zagueiros, ex-Botafogo, atuando pelo Atlético Junior de Barranquilla. Por que eles foram para lá? Em busca de dinheiro.

Não se tratava de receber salários ruins no Brasil do final dos anos 1940. É que a Liga Colombiana pagava mais. Motivo simples: era pirata.

A Liga Dimayor, o Eldorado colombiano, nasceu da intenção dos empresários locais de investir em futebol. Como levar jogadores pagando salários altos se era preciso antes pagar pelo passe aos clubes a que cada craque pertencia? Se não fosse preciso depositar dinheiro nas contas dos clubes, seria mais fácil.

E assim os colombianos começaram a arregimentar argentinos, uruguaios, peruanos, alguns europeus... e brasileiros.

O pontapé inicial para o êxodo rumo à Colômbia aconteceu em 1948, mas em território argentino. O River seguia líder do Campeonato Argentino, como já havia se tornado hábito nos anos anteriores. La Máquina era a equipe comandada por Angel Labruna, mas de jogadores incríveis, tais como Nestor Rossi, Moreno, Muñoz, Pedernera. Em 1945, Di Stéfano começou a entrar nessa equipe, foi emprestado ao Huracán no ano seguinte e voltou a fazer parte da equipe em 1947. Ano de título.

Seria o ano do bi, 1948, se não houvesse a greve mais famosa do futebol mundial. O River foi líder até o início de outubro, quando caiu em Rosário, contra o Rosario Central, por 4 X 3.

A rodada seguinte marcava o encontro com o Independiente, que assumiria a ponta com vitória por 4 X 3, no estádio Monumental de Nuñez.

O jogo do êxodo
31 de outubro de 1948
River Plate 3 X 4 Independiente

Local: Monumental de Nuñez (Buenos Aires)
Público: 28.538
Juiz: Fox

Gols: Muñoz aos 7, Labruna aos 9, Pairoux aos 39 do 1º tempo; Di Stéfano aos 9, Cervino aos 10, Fernández aos 31, Pairoux aos 41 do 2º tempo.

River Plate: Grisetti, Vaghi e Ferreyra; Yácono, Rossi e Ferrari; Muñoz, Moreno, Di Stéfano, Labruna e Lostau.

Independiente: Cammarata, Crucci e Riera; Sastre, Bisutti e Rivas; Cervino, De la Mata, Pairoux, Fernández e Mourin.

Foi o último dia com jogadores profissionais antes do grande êxodo que traria consequências também ao futebol brasileiro. A greve nasceu não por motivos econômicos, como explica Alfredo Di Stéfano no livro *Gracias, vieja*. O problema era com as equipes pequenas. Estas contratavam jogadores a preços altíssimos, pagavam os dois primeiros meses, mas, à medida que os resultados desapareciam, deixavam de pagar em dia e assim milhares de jogadores profissionais ficavam à míngua. Gente que precisava arranjar emprego para continuar sustentando a família. Na prática, o profissionalismo resumia-se aos

grandes: Boca Juniors, River Plate, Independiente, Racing e San Lorenzo.

A greve surgiu para proteger jogadores desses clubes. O governo Perón posicionou-se contra a greve. Um de seus ministros, Carlos Paillot, era presidente do Racing. Os jogadores, articulados desde a fundação do sindicato, em 1944, elaboraram estratégias para fugir à pressão da opinião pública, especialmente depois de o governo tomar partido contra os grevistas: jogos beneficentes.

> – Fazíamos partidas em hospitais, maternidades, em benefício de sanatórios, de crianças, nas escolas... Era a chance de comentar com as pessoas que nossa greve não era uma questão de dinheiro, mas de justiça com os jogadores mais pobres – conta Di Stéfano.

No primeiro momento, o campeonato parou. Ficou paralisado por duas semanas e retornou no dia 14 de novembro, com jogadores juvenis tomando os postos dos grevistas. O Independiente, por exemplo, sofreu a perda de Sastre, já bicampeão paulista pelo São Paulo, em 1945 e 1946, que deixou os gramados para se juntar ao movimento por justiça com os jogadores de times pequenos. Escalou uma equipe repleta de juvenis, como Arias, Gil, Lago, Berdía, Paramidani, Lorenzo e Reula. Esse foi o time vencedor do dérbi de Avellaneda, por 1 X 0, em novembro de 1948. Duas semanas mais tarde, o Independiente seria campeão em La Plata, goleando o Gimnasia por 4 X 1. O River, time mais forte do país, jogou a reta de chegada do campeonato sem nenhum titular. Quando o problema se resolveu, os jogadores estavam derrotados. O campeonato terminado mostrou que a torcida seguia seus times, não seus craques. O governo estabeleceu um teto salarial.

Quando janeiro começou, alguns jogadores disseram adeus. O primeiro foi Pedernera, veterano centroavante, de talento espantoso, dono da camisa 9 que ficou na história com o título nacional de 1945. Foi levado pelo presidente, Alfonso Senior, um dos articuladores da Liga Dimayor, que pretendia arrebanhar

jogadores de todo o continente para formar o que se convencionou chamar de Eldorado, o período de ouro do futebol da Colômbia. Outros o seguiram. O meia Moreno, outro de la Máquina. E assim se foram outros craques, como Rial, ponta-esquerda que brilharia no Real Madrid...

Adolfo Pedernera fez os contatos e Di Stéfano foi sendo seduzido, até que, em 11 de agosto de 1949, decidiu partir. Tinha convite do Torino, mas o River Plate não desejava vendê-lo. O Millonarios era mais do que isso.

> – Eles pagavam dez vezes mais do que qualquer outra proposta da época – conta Di Stéfano.

Sua estreia aconteceria contra o Atlético Junior, de Barranquilla.Vitória do Millonarios por 5 X 0, sobre o time que seria a base brasileira na Colômbia. Time de Marinho Rodrigues, o pai adotivo de Paulo César Caju. No período do Eldorado, Heleno de Freitas também jogou em Barranquilla, base brasileira. Disputou 25 partidas durante uma única temporada. O curto período na Colômbia teve a ver com o período da doença de Heleno, perto do fim de sua carreira. Os brasileiros fizeram muito menos história na Colômbia do que os argentinos, baseados em Bogotá. Foram os argentinos que tiveram indiretamente mais importância para que o êxodo dos brasileiros voltasse a crescer a partir dos anos 1950.

Di Stéfano estreou no Millonarios em 1949, seduzido pela proposta de Pedernera. Como era possível um país pobre, como a Colômbia, concorrer com clubes poderosos da América do Sul? Sem pagar nada a esses clubes.

Os colombianos não eram filiados à Fifa. Logo, não temiam as represálias da Federação Internacional. Em vez de oferecer uma quantia ao River, para comprar Di Stéfano, ofereciam uma porcentagem grande do valor do passe ao próprio jogador. Ele não pensava duas vezes diante da possibilidade de colocar no bolso uma enorme quantia.

Di Stéfano aceitou o convite e, na sequência, chegaram também o ponta-esquerda argentino Rial e o centromédio Nestor Rossi, todos para o Millonarios. Vieram ainda o uruguaio campeão do mundo Gambetta, para o Cúcuta, os peruanos Drago, López, Mosquera e Barbadillo, para o Deportivo Cáli, os paraguaios González, que disputou a Copa de 1950, e Genes, para o Boca Juniors de Cáli, Heleno de Freitas, para o Junior de Barranquilla, e uma série de outros jogadores, boa parte envolvida na greve dos jogadores de 1948.

O Millonarios era o time de Alfonso Senior, também presidente da Liga Dimayor, e, por isso, o time mais poderoso. Senior ficou conhecido por trabalhar para o governo colombiano, nas aduaneiras de Cáli. Resolveu colocar parte de sua fortuna no financiamento do futebol de seu país e criou campeonatos incríveis entre 1949 e 1953. Destes, o Millonarios sagrou-se campeão por quatro vezes: 1949, 1951, 1952 e 1953.

O plano de enfrentar a Fifa e construir um campeonato de inúmeros craques, independentemente de sua nacionalidade, esbarrou na própria vaidade de Alfonso Senior. Em 1951, seduzido pela entidade do futebol internacional, Senior passou a ter um posto na direção da Fifa, em Zurique. Não pegava bem ser dirigente da entidade e, ao mesmo tempo, controlar uma liga pirata, que ameaçava a autonomia dos clubes mundo afora. Senior fez, então, um acordo. Se não podia abrir mão de seu projeto, na América do Sul, de uma hora para outra, poderia, sim, selar um tratado a médio prazo.

Chegou-se à conclusão de que em dois anos, ou seja, até 1953, os jogadores deveriam deixar a Colômbia e os ex-proprietários seriam indenizados ao final desse período.

Enquanto Senior ganhava espaço na Fifa, o Millonarios conquistava títulos na Colômbia e prestígio na Europa. Em 1952, o Real Madrid festejou seu cinquentenário promovendo um torneio entre grandes clubes do planeta. Um dos convidados: o Millonarios. Convidado estraga-prazeres, que selou a festa com

cem mil pessoas no estádio Santiago Bernabéu com um fantástico 4 X 2 sobre a equipe da capital da Espanha. O destaque da partida? Um certo Alfredo Di Stéfano.

Não é preciso dizer que o jogo festivo chamou a atenção de toda a Espanha. Emissários dos principais clubes espanhóis pegaram aviões em direção à América do Sul. O Barcelona enviou um emissário a Buenos Aires, para tratar com o River Plate, clube que supostamente teria os direitos sobre Di Stéfano. O Real Madrid cuidou de tudo ali mesmo, nos arredores do estádio Chamartín, com Alfonso Senior. Comprou Di Stéfano e inaugurou um embate histórico com seus inimigos catalães. Isso porque o Barça acertou tudo para a transferência com o River Plate. Pagou caro e contou que teria *La Saeta Rubia*, apelido dado pelos argentinos a Alfredo Di Stéfano quando ele ainda jogava com a camisa branca de *banda roja*.

Para fazer valer seu direito, foi à Fifa. A alegação era que o Real Madrid não poderia comprar Di Stéfano de um clube pirata. O jogador não pertencia ao Millonarios, mas ao River Plate. Não atentou para três detalhes:

1. O acordo firmado em 1951 dava ao Millonarios a possibilidade de negociar seus jogadores, mesmo sendo pirateados.

2. Que esse acordo havia sido formatado com base no prestígio de Alfonso Senior na Fifa.

3. Que a Federação espanhola era aliada histórica do Real Madrid.

A Fifa julgou o caso com sua natural neutralidade suíça. Determinou que Di Stéfano iria para a Espanha, para dois anos de contrato. O primeiro, para jogar pelo Barcelona. O segundo, para atuar pelo Real Madrid.

O Barcelona não gostou da decisão, mas acatou-a. Quando tentou inscrevê-lo na Federação espanhola, não conseguiu. A Federação, pressionada pelo Real

Madrid, tentava formatar um novo tipo de acordo. Percebendo o que estava se passando, o Barça decidiu abandonar a briga.

Di Stéfano tornou-se jogador do Real Madrid.

7.

Anos 1950 – a Espanha descobriu o Brasil

Didi

Quando Jaguaré e Fausto viajaram para a Espanha, em 1931, acompanhados do fantástico Vasco, campeão carioca invicto em 1929, levaram consigo Fernando. O médio do Fluminense retornou ao Brasil, passou quatro anos sem pensar em voltar à Europa, mas recebeu uma chance em 1935. Um único jogo pelo Real Madrid. Uma mísera partida que fez dele o primeiro brasileiro de todos os tempos a atuar no futebol espanhol.

Doze anos mais tarde, o meia Lúcio, ex-América, chegou à Espanha para uma rápida passagem pelo Barcelona. De novo, três jogos apenas, um gol marcado e a presença nos livros de História, mais do que nos campos de jogo.

A rigor, a história dos brasileiros na Espanha começa nos anos 1950, logo depois da chegada de Alfredo Di Stéfano. Os espanhóis continuavam admitindo apenas jogadores estrangeiros que tivessem antepassados espanhóis. Mas a legislação tinha brechas imensas, que permitiram inúmeros arranjos até 1974, quando a Federação decidiu não lutar mais contra a corrupção e os arranjos que colocavam estrangeiros ilegais nos campeonatos da Primeira Divisão.

Di Stéfano estreou no Real Madrid em 1953. Os brasileiros que inauguraram a nova fase chegaram embalados pelo sucesso de estrangeiros como ele. Havia também Kubala, do Barcelona, mas a experiência argentina despertava o interesse em outros jogadores da região. Só que a Federação espanhola resolveu, de novo, fechar o mercado, para aplacar a crise entre Barça e Real. Entre 1953 e 1957, ninguém podia entrar no futebol espanhol vindo do exterior. Quando a liberação aconteceu, houve um festival.

De uma só vez chegaram à Espanha quatro jogadores brasileiros, três deles provenientes do Campeonato Carioca. O centroavante Machado, do Madureira,

foi levado para o Valencia. Na primeira temporada, nove gols. O centroavante Brandão, do Santos, foi comprado pelo Celta, de Vigo.

Mas sucesso mesmo fizeram dois craques do Maracanã dos anos 1950. Walter Marciano havia sido campeão carioca pelo Vasco em 1956 e, logo depois, embarcou para o Valencia. No primeiro ano, disputou 25 dos trinta jogos da equipe e marcou 13 vezes – número espantoso para um meia-esquerda.

Evaristo saiu do Flamengo e da perfeita campanha do tricam-peonato carioca de 1955, encerrado em 1956. Ele seria a grande sensação do futebol espanhol, entre os craques brasileiros, pelos dez anos seguintes. Dez anos em que 22 brasileiros entraram ou saíram da Primeira Divisão da Espanha. Parece pouco para o padrão do século XXI, mas vale a lembrança de que continuavam tendo permissão para jogar lá apenas os oriundos. E a permissão era de, no máximo, dois jogadores estrangeiros por clube. Como havia 16 clubes na Primeira Divisão, o número era o maior entre todos os outros países do planeta.

Evaristo fez sucesso nas duas primeiras temporadas, mas o Barcelona esbarrou no Athletic Bilbao. O técnico Helenio Herrera montou um time defensivo para a temporada seguinte, porém baseado no talento de três jogadores espetaculares: o húngaro Lazslo Kubala, o espanhol Luisito Suárez e o brasileiro Evaristo.

A segunda temporada foi ainda mais extraordinária. Em 23 partidas, Evaristo marcou vinte vezes. Não foi o goleador do campeonato, mas seus gols aliviavam um time retrancado, formado pelo técnico que ficou na história como o criador de alguns dos sistemas mais ferrenhamente defensivos de todos os tempos. O Barcelona terminou com a taça, pela primeira vez em oito temporadas.

Entrou no ano seguinte com autoestima elevada. Se o Real era o campeão da Europa quatro vezes seguidas, o Barça conduzia o futebol do país. O Real mantinha a base do tetracampeão europeu, com um ataque extraordinário, formado por Del Sol, Di Stéfano, Puskas e Gento. Haveria só uma mudança, na

ponta-direita: saía o francês Kopa, de volta ao futebol francês e ao Stade Reims; entrava um brasileiro, recém-contratado do América: Canário.

No Campeonato Carioca de 1955, Canário e Evaristo disputaram cabeça a cabeça o título da cidade. Canário, pelo América, chegou à decisão contra o Flamengo de Evaristo. Até hoje os americanos choram a perna quebrada do meia argentino Alarcón pelo zagueiro Tomíres. O América perdeu a primeira partida por 1 X 0, venceu a segunda por 5 X 1 e foi goleado no terceiro jogo por incríveis 4 X 1, com três gols de Dida e um gol do garoto Duca, aos 21 anos.

Além de Canário, chegou a Madri para aquela temporada um outro craque brasileiro, este de muito mais prestígio e destaque internacional: Didi. A revoada de brasileiros para um time dominado por Di Stéfano tinha um outro dedo meio brasileiro. No final da temporada 1958-1959, o Real Madrid trocou o treinador Luis Carniglia, argentino, pelo paraguaio Fleitas Solich, que era um profundo conhecedor de futebol, campeão sul-americano pelo Paraguai, em 1953, e treinador do Flamengo na conquista histórica do tricampeonato carioca de 1955.

Como no Rio, em 1955, o Campeonato Espanhol da temporada 1959-1960 seria disputado cabeça a cabeça pelo Barcelona, de Evaristo e Fleitas Solich, e o Real Madrid, de Canário. A cada rodada, os dois clubes rivalizavam e se revezavam na primeira posição.

Canário não passou toda a temporada brilhando. Ao contrário, foi titular na maior parte da Copa dos Campeões da Europa, mas disputou apenas cinco partidas da Primeira Divisão. Didi, até hoje apontado como um fiasco retumbante na Espanha, disputou 19 das trinta partidas. Mas não jogou a reta de chegada e produziu a grande polêmica com Di Stéfano.

O craque argentino costuma dizer que Didi foi um dos maiores jogadores que viu jogar. Que batia na bola como nenhum outro, mas que chegou à Espanha na hora equivocada. Que o Real Madrid precisava de um meia marcador, e o estilo

de Didi era o oposto disso. Diz que Didi não fazia o trabalho sujo, da bola roubada, e desejava ser lançado para definir ele próprio as jogadas.

> – Eu quis ajudar tanto dentro quanto fora de campo. Sabia o que se passa de ruim quando se chega de outro país com *status* de estrela. Dentro de campo, Didi tinha que me alimentar de bolas, e não o inverso. E além de tudo sua mulher, Guiomar, ficava dizendo que nós, na Espanha, estávamos acostumados a dar dinheiro à imprensa para sermos elogiados. Como faríamos isso? Eu dizia a Didi que o melhor, para ele, era dar um chute nos fundilhos de Guiomar e mandá-la de volta ao Brasil, mas ele não me ouvia – conta Di Stéfano em seu livro *Gracias, vieja*.

Com tudo isso, a vida de Didi foi boa na primeira metade da temporada. Ao todo, realizou 19 partidas pelo Real Madrid e marcou seis gols, no mesmo campeonato em que Canário jogou cinco vezes e não fez nenhum gol. O detalhe é que Didi jogou todas as primeiras 19 partidas. Ficou fora da reta de chegada, justamente o período em que o time de Santiago Bernabéu perdeu a taça.

Didi saiu do time, e a direção começou a questionar o trabalho de Fleitas Solich. Chegaram à conclusão de que não era o técnico ideal apenas quando faltava uma rodada para o fim do torneio. Três jogos depois de perder para o Barça, na Catalunha.

Eram trinta rodadas e o Real liderou até a de número 25. Na 26ª, viajou à Catalunha para jogar contra o Barça. Perdeu por 3 X 1, com gol de Di Stéfano para o Real, de Kocsis, Martinez e Villaverde para o Barcelona. O resultado produziu o empate em pontos entre as duas equipes e a disputa no *goal average*, nas quatro últimas partidas.

Na 27ª rodada, o Real venceu o Valladolid por 1 X 0 e o Barcelona ganhou do Betis por 3 X 0. Na 28ª, o Real ganhou do Granada por 4 X 3, enquanto o Barça ganhava do Valencia por 2 X 1. Na penúltima jornada, deu Real por 4 X 0 sobre

a Real Sociedad, enquanto o Barcelona fazia 1 X 0 no Espanyol, quando faltavam nove minutos para o fim. A combinação selou a demissão de Fleitas Solich e a indicação de Miguel Muñoz, antigo companheiro de equipe de Di Stéfano, como técnico interino. Muñoz havia sido jogador do Real na conquista da Europa em 1956 e 1957.

Na última rodada, o Real precisava ganhar do Las Palmas, em Madri, e torcer por um tropeço do Barcelona contra o Zaragoza, na Catalunha. O Real ganhou por 1 X 0, mas os azuis e grenás enfiaram 5 X 0 no Zaragoza e festejaram o título. O último gol da campanha foi marcado por Evaristo.

Miguel Muñoz ficou para o jogo da taça da Europa, contra o Eintracht Frankfurt, em Glasgow. Viu seu time aplicar 7 X 3 nos alemães. Pouco depois, uma visita do presidente do Real Madrid, Santiago Bernabéu, à casa de Alfredo Di Stéfano selou a permanência de Muñoz como treinador para a temporada seguinte. Bernabéu questionou se o nome ideal não seria o de Helenio Herrera. Ouviu a resposta de que Herrera era conhecido pelo personalismo e que o Real, com Muñoz, teria a chance de recuperar a hegemonia na Espanha. Que o Barcelona tinha jogadores mais talentosos, mas o Real era um time mais consistente. Bernabéu balançou a cabeça demonstrando dúvida, mas fez o que Di Stéfano queria. Miguel Muñoz passou a ser o comandante definitivamente.

Didi foi embora, mas Canário continuou sendo figura importante no Real Madrid. Em vez dos cinco jogos da temporada 1959-1960, disputou 19 partidas em 1960-1961 e ajudou o time a voltar a ter o título – fez cinco gols. Seria a grande temporada de Canário, a que marcaria o início de uma trajetória inesquecível para os madridistas, até 1965. Depois do pentacampeonato europeu, viriam cinco títulos consecutivos na Espanha. Canário ganhou dois, o segundo disputando apenas quatro partidas.

No terceiro ano, para comprovar o que dizia Di Stéfano, o Real foi buscar um dos craques do Barcelona: Evaristo.

O centroavante brasileiro chegou a formar dupla com um Di Stéfano mais próximo do fim da carreira, aos 37 anos. Juntos ganharam duas taças, em 1963 e 1964, mas sem que o brasileiro jamais reproduzisse, com a camisa branca do Real, o sucesso do Barcelona. Pelo Barça, foram 114 partidas. Pelo Real, 17, em duas temporadas. Pelos azuis e grenás, 78 gols; pelo Real, quatro.

No ano de seu último gol na Espanha, Evaristo teve tempo de aplaudir dois outros brasileiros de sucesso inquestionável com a modesta camisa do Zaragoza. Campeões da Copa del Generalíssimo (hoje Copa del Rey), em 1963, o clube entrou na Recopa Europeia e caminhou rumo à taça. Em campo, estava Canário. No grupo de jogadores, Duca, ex-Flamengo, titular do Zaragoza desde 1958. A Espanha aplaudia pela última vez os craques brasileiros da década de 1950.

8.

Anos 1960 – empresários muito estranhos

Jair da Costa

Chinesinho era um meia-esquerda brilhante no início dos anos 1960. Jogava de cabeça erguida, tinha velocidade, fazia lançamentos precisos e chutava forte com seu pé esquerdo. Chegara ao Palmeiras em 1958, vindo do Internacional, e rapidamente se tornara ídolo da torcida alviverde. Sagrou-se supercampeão paulista em 1959, vencendo o Santos de Pelé. Quando o Modena chegou com a proposta para levá-lo para a Itália, em 1962, só uma coisa podia convencer os dirigentes palmeirenses: o dinheiro.

Ainda não era um tempo em que os jogadores tivessem repercussão internacional jogando na Itália. E já não era mais tempo em que os brasileiros sonhassem seguir para a terra de seus pais, sonho que carregou legiões de brasileiros para o território italiano no início dos anos 1930. Mas a Itália era mercado pagador, muito mais do que o brasileiro. Mercado semelhante ao espanhol, que por dinheiro levou jogadores extraordinários para a Primeira Divisão nos anos 1950.

> – A motivação no tempo em que fomos para lá era o dinheiro. Não sei quantificar quanto eu recebia. Eram 160 mil libras em valor absoluto, e meu ordenado no Palmeiras não se equiparava ao que se pagava na Itália – conta Mazzola, Altafini para os italianos, que se transferiu do Palmeiras para o Milan em 1958 e permaneceu jogando até 1975, além de atuar no Milan, Napoli e Juventus.

A rigor, pagava-se em torno de 30% a mais de salário para um jogador do Milan em relação ao que se dava de ordenado no Palmeiras.

Mazzola e Chinesinho foram negociados com interesse financeiro. No caso de Chinesinho, a ideia do presidente do Palmeiras, Delfino Facchina, era de utilizar

o dinheiro do negócio para reforma do estádio Palestra Itália. Em dois anos, o estádio teve sua capacidade ampliada, o nível do gramado elevado e, na reinauguração em 1964, contra a Esportiva de Guaratinguetá, recebeu o apelido de Jardim Suspenso – o campo fica até hoje cerca de seis metros acima do nível do solo.

O dinheiro servia ao clube e ao jogador.

> – Não se ficava rico em um ano, como aconteceu a partir dos anos 1990, mas era um bom dinheiro – lembra Mazzola.

Tão bom que começou a produzir interesse em gente de fora do esporte. Um exemplo disso aconteceu na transferência de um ponta-direita ultraveloz, que fazia sucesso no início dos anos 1960 com a camisa da Portuguesa, em São Paulo. Com Jair da Costa e sua velocidade extraordinária, a Lusa ameaçou o Santos de Pelé.Chegou à penúltima rodada do Campeonato Paulista de 1960 precisando vencer o Noroeste para decidir e tentar ficar com a taça na última jornada. Foi jogar em Bauru, contra o Noroeste. Conta o folclore do futebol paulista que um dirigente da Lusa bateu à porta do casarão onde se concentrava o Noroeste e solicitou a presença do goleiro noroestino. Recebeu o convite para entrar e levou, como cartão de boas-vindas, uma surra histórica.

A tentativa de suborno fracassou, com o Noroeste goleando a Lusa por 5 X 2, e o goleiro foi imediatamente substituído. Folclore.

Aquele time da Lusa tinha Jair da Costa em estado de graça, mas ele foi mesmo observado quando chegou ao Chile, reserva de Garrincha, para a disputa da Copa do Mundo. Junto à delegação brasileira, acompanhava a cobertura o jornalista italiano Geraldo Sanella.

Tratava-se de um jornalista especializado em ciclismo, mas apaixonado por futebol e muito próximo ao presidente da Internazionale, Angelo Moratti. Este,

um magnata do setor de petróleo, controlava a Inter desde 1956, movido pelo sonho de levar para Milão os principais jogadores do planeta e de tornar seu clube o mais poderoso da Europa.

Terminada a Copa do Mundo, Sanella aproximou-se de Jair da Costa com uma proposta para defender a Inter. Se no caso de Mazzola a oferta italiana representava perto de 30% a mais do que o Palmeiras lhe pagava, o exemplo de Jair da Costa trazia uma diferença um pouco maior. Jair jogava pela Portuguesa, clube mais importante na época do que no início do século XXI, mas de tradição de salários inferiores a Corinthians, São Paulo e Palmeiras.

> – Foi o Sanella quem se aproximou. A oferta era ótima. Viajei primeiro para a Itália, para conhecer a estrutura, mas nem voltei ao Brasil. Entendi que seria um sonho poder jogar pela Inter.

Jair da Costa tornou-se um símbolo da era vitoriosa da Internazionale, dirigida pelo mesmo Helenio Herrera que levara o Barcelona, de Evaristo, ao título espanhol em 1960. O esquema ultradefensivo tinha em contrapartida os lançamentos precisos do espanhol Luisito Suárez – outro parceiro de Evaristo no Barça – para a velocidade incessante de Jair.

Assim, a Inter conquistou o Campeonato Italiano de 1963, numa reviravolta histórica no torneio. Terminou o primeiro turno seis pontos abaixo do Milan e reagiu na segunda metade da campanha, a ponto de ganhar a taça com duas rodadas de antecipação.

Jair da Costa também foi figura decisiva nas partidas da Copa dos Campeões da Europa. Campeão em 1964, numa decisão contra o Real Madrid, a Inter fez campanha extraordinária outra vez em 1965. Chegou à decisão contra o Benfica e ganhou o bicampeonato: 1 X 0, gol de Jair da Costa.

O encanto pelo brasileiro aumentou o prestígio de Geraldo Sanella junto ao

presidente da Inter, Ângelo Moratti. Sanella seguia sua atividade como jornalista, mas passou a fazer uma série de negócios com a Inter.

Nesse período, trabalhava no Brasil um colega de Sanella, italiano como ele, mas de práticas diferentes. Cláudio Carsughi produzia matérias para jornais brasileiros, participava da programação da rádio Bandeirantes e escrevia para jornais italianos.

> – Foi nessa época que tive alguns desentendimentos com Sanella, porque não compreendia que pudesse manter sua atividade jornalística, mesmo que não voltada diretamente para o futebol, com os contatos com jogadores que levava para a Itália.

A revolta de Carsughi dá noção de que havia rígidas discussões éticas no jornalismo da época. E que havia participação de empresários, que negociavam e angariavam benefício já naquele princípio dos anos 1960.

Um pouco antes da transferência de Jair da Costa para a Inter de Milão, Sanella já estivera envolvido em outro negócio. Primeiro, ajudou a articular, junto ao presidente do Boca Juniors, Armando J. Armando, a saída de Dino Sani do São Paulo para o futebol argentino. Dino, campeão mundial pela Seleção, em 1958, passou apenas seis meses vestindo a camisa do Boca Juniors. Participou da primeira parte da campanha do título argentino de 1962, conquistado pelo Boca num final épico disputado contra o River Plate. A partida decisiva reuniu Boca e River em La Bombonera. Foi vencida por 1 X 0, com gol de Paulo Valentim e com pênalti desperdiçado pelo brasileiro Delém, defendido pelo goleiro Roma.

Delém era o exemplo das negociações dos velhos tempos. Despertou interesse depois de uma excursão da Seleção Brasileira a Buenos Aires e vitória por 4 X 1, em Nuñez. Ele, que jogava no Vasco, e o ponta-esquerda Roberto, do São Paulo, encantaram os argentinos, e estes decidiram contratá-los.

Dino fazia parte de um repertório menos puro. Já chegou à Argentina com o empresário tratando do negócio com o Milan.

– Foi o Sanella quem participou do negócio de minha ida para a Itália, para jogar com Mazzola no Milan.

Dino fez história, junto com o centroavante que deixara o Palmeiras em 1958. Disputou o final da temporada 1961-1962 e foi tratado como um genuíno regista – jogador que fazia o meio de campo da sua equipe jogar em torno de seu talento. O Milan de Dino Sani conquistou o campeonato em 1962, entrou na Copa dos Campeões da estação 1962-1963, chegou à decisão contra o Benfica e venceu por 2 X 1. Dois gols do brasileiro Mazzola.

O investimento feito nos brasileiros dava resultado. No princípio dos anos 1960, os quatro primeiros campeões tiveram três brasileiros presentes. A Juventus, campeã em 1958 com um argentino especial em seu elenco – Omar Sívori –, também apostou nos brasileiros e contratou Chinesinho, do Modena, em 1965 – seria campeão em 1967 com o meia-esquerda no time titular. Antes, levou para a Itália o preparador físico brasileiro Paulo Amaral, para trabalhar na função de técnico. Paulo Amaral montou uma defesa marcando por zona, passou uma temporada e meia e ficou com o vice-campeonato da temporada 1962-1963.

Os brasileiros ganharam, os clubes italianos também, em função dos títulos. Dublê de empresário e jornalista, Geraldo Sanella fez negócios durante os anos 1960. Como diz Mazzola, naquele início de década não se ficava rico com o futebol em um ano, nem em uma década. Sanella recebeu comissões pelos bons negócios que realizou com o Milan, com a Inter e, especialmente, com o presidente interista, Ângelo Moratti. Mas não ficou rico.

Sanella participou da negociação de Chinesinho, de Dino Sani, de Jair da Costa, teve contatos com Mazzola, envolveu-se em negócios de brasileiros, quando estes trocavam de clube dentro da Itália. Mas não foi o agente responsável pelo

boom que devolveu à Itália uma legião de brasileiros. Nos anos 1930, tempo da Brasilazio, 29 jogadores brasileiros passaram por clubes que disputavam a Série A. Na década de 1960, esse número quase produziu um empate. Foram 28 atletas brasileiros jogando em algum momento da década dentro da Itália – número que só seria superado nos anos 1990.

> – Quando morreu, na década de 1990, Sanella não estava rico. Ao contrário, teve muitas dificuldades financeiras, porque se fazia muita coisa pelo prestígio e as quantias de dinheiro não eram grandes. Muita coisa se fazia pela amizade com Moratti, o presidente da Inter – jura Mazzola, a quem Sanella conheceu de perto, mesmo sem os dois jamais terem feito nenhum negócio juntos.

Na mesma época, empresários faziam a ligação de jogadores nascidos no Brasil com a Alemanha. Em 1964, o português José da Gama iniciou a trilha com uma excursão do Madureira pela Europa. Ao final da excursão, José da Gama e o empresário Elias D'Acour apresentaram uma proposta pelo centroavante Zezé, do tricolor suburbano. Zezé poderia jogar pelo Duisburg. A história durou pouco, mas fez de Zezé o primeiro brasileiro a pisar o solo do futebol alemão. Foram cinco partidas e um gol.

Na mesma época, o centroavante Raul Tagliari excursionou com o Cruzeiro, de Porto Alegre, à Áustria e à Alemanha. A excursão foi promovida pelo empresário Dieter Hermann, alemão que residiu em Porto Alegre na década de 1950. Hermann levou o Cruzeiro com a certeza de vender Raul Tagliari para a Áustria.

– A proposta era do Sturm Graz. Viajei para a Áustria certo de que jogaria lá, mas a proposta não vingou. O Hermann conseguiu, então, um negócio com o Duisburg, da Alemanha. Foi assim que me tornei o primeiro brasileiro a jogar na Alemanha, lado a lado com Zezé, ex-Madureira – conta Tagliari.

As portas da Alemanha foram abertas nos anos 1960, com a ajuda de empresários.

9.

Anos 1970 – Pelé e o mercado americano

Pelé

Um dos craques brasileiros com passagem pela Espanha no final dos anos 1950 foi Vavá. Acabada a Copa do Mundo, o Peito de Aço trocou o Vasco pelo Atlético de Madrid, os cruzeiros pelas pesetas. Abria mão, assim, de defender a Seleção Brasileira, porque, naquele tempo, jogar fora do Brasil significava dedicar-se exclusivamente ao clube e dizer adeus à carreira internacional.

Vavá foi a primeira e única exceção a essa regra no comecinho dos anos 1960. Depois de fazer boa temporada pelo Atlético de Madrid em 1959-1960 – 29 partidas e dez gols –, o centroavante do título mundial na Suécia passava férias no Brasil. Em 29 de junho, aniversário de dois anos da final contra os suecos, a CBD realizou um amistoso contra o Chile e enviou um pedido formal ao Atlético para liberar o Peito de Aço para participar da partida. Liberado, durante seu período de descanso, Vavá jogou e marcou um dos gols da vitória brasileira por 4 X 0. Pela primeira vez, a Seleção Brasileira convocava e escalava um jogador de um clube estrangeiro.

Em 1963, Pelé recebeu convite para defender o Milan. O Rei conta que passou os anos 1960 conversando e descartando propostas para jogar fora do país. Em 1969, por exemplo, a oferta veio do América do México. Por um milhão de dólares, Pelé jogaria dois anos.

Por que Pelé não foi? “Por amor à camisa”, diria o Rei do Futebol.

> – Pelé nunca foi embora porque era rei no Brasil. A situação dele era completamente diferente dos que procuravam consagração na Europa, como foi meu caso. Lá, ele não receberia o tratamento de rei que acontecia no Brasil – diz Raul Tagliari, o segundo brasileiro a jogar na Alemanha, pelo Duisburg, em 1964.

Pelé recebia o maior salário do futebol brasileiro, o que fazia dele um caso diferente dos que levaram Evaristo, Canário, Walter Marciano e Didi para o futebol europeu. Não tinha a intenção de viver na Europa, porque o futebol girava menos em torno dos clubes de lá do que passou a acontecer a partir dos anos 1980.

O fato é que por um misto de apego às coisas de sua casa e um pouco por cuidado com sua carreira internacional, Pelé jamais aceitou convites para jogar fora do Brasil antes de encerrar sua presença na Seleção, em 1971, e no futebol brasileiro, em 1974. Jogar na Seleção podia representar muita coisa. Em 1969, o contato feito pelos mexicanos do América esbarrou nos contratos publicitários do Rei. Pelé já era garoto-propaganda e fez novo acordo com a Alpargatas e a Kodak. As empresas garantiam a permanência de Pelé no futebol brasileiro.

Cada contrato desses para Pelé ser garoto-propaganda aumentava a renda do Rei e permitia que continuasse participando do que mais repercutia no mundo do futebol à época: a Seleção Brasileira. Não importava o que o Milan fazia na Itália, se ganhava a Copa dos Campeões de 1969. A notícia não se espalhava pelo mundo. O que fazia pela Seleção, sim.

E Vavá, em 1960, foi a grande exceção. Quem saísse não jogaria pela Seleção Brasileira, em suas excursões muitas vezes programadas para o meio da temporada europeia. Pelé nunca disse isso, mas manter o laço com a Seleção e, consequentemente, com a repercussão internacional era um de seus objetivos.

Quase no final da carreira, em 1971, Pelé recebeu um convite da Juventus e viajou a Turim, para uma conversa com os representantes do clube. A ideia dos italianos era difundir a imagem de Pelé e ligá-la à da Fiat, empresa proprietária do clube italiano e que lançaria sua fábrica no Brasil em 1976. Pelé ouviu a proposta, fez contas, ponderou que a fase da Juve não era a mais vitoriosa até aquele ano de 1971 – a Juve encerrou em 1972 um jejum de títulos que vinha desde 1967 – e decidiu continuar no Santos.

Na Vila Belmiro, encerrou sua carreira, e só então recebeu o contato dos representantes da Warner, dispostos a investir milhões de dólares no futebol dos Estados Unidos, a partir dos anos 1970. As primeiras sondagens vieram ainda próximas da proposta da Juventus, mas Pelé seguiu no Brasil até 1974 e encerrou sua participação no futebol oficialmente numa partida contra a Ponte Preta, em outubro daquele ano, no estádio santista.

No ano seguinte, a proposta ficou melhor.

O Cosmos nasceu da influência dos irmãos Ertgun, criadores da Atlantic Records, junto a Steve Bross, dono da Warner. Nesuhi e Ahmet Ertgun eram apaixonados por futebol desde os primeiros dias de sua vida, em Istambul, na Turquia. Desenvolveram a Atlantic Records até venderem a gravadora para a Warner, em 1967.

Sob a tutela da Warner, a Atlantic firmou alguns de seus contratos mais vantajosos. Entre 1968 e 1973, o Led Zeppelin esteve sob contrato da Atlantic, mas os irmãos Ertgun ganharam espaço para sugerir à Warner participação no mercado do futebol. A sugestão era criar um time poderoso, que aglutinasse estrelas do futebol mundial e criasse uma verdadeira liga norte-americana. Assim nasceu o New York Cosmos.

Pelé aceitou o convite por várias questões. Uma delas era o fato de já ter encerrado sua carreira em âmbito nacional. A segunda, poder pertencer a um conglomerado como a Warner, que alavancaria seus negócios extrafutebol após pendurar as chuteiras. A terceira, o desafio de transformar os Estados Unidos num país apaixonado pelo esporte.

A impressão foi de que conseguiriam, em seu primeiro ano, quando a média de público do Cosmos saltou de 3.500 pagantes por partida para 10.500. Um aumento de 250% só para ver Pelé. Número que caiu drasticamente logo após a saída do Rei dos campos do país, em 1977. Em 1978, a média de público caiu de

13 mil pessoas para cinco mil, outra vez. Sem público, sem repercussão internacional, sem mercado publicitário, os americanos viram cair por terra o sonho de carregar para lá os principais talentos do mundo do futebol.

O ano de 1977 foi também o ano em que Pelé conquistou seu único título da Liga Norte-Americana. Ou seja, o Rei consolidou sua imagem no mercado americano, transformou por momentos a história do futebol por lá, mas, do ponto de vista técnico, deixou uma pequena dívida, paga com uma única taça.

Para o Brasil, deixou uma pequena contribuição, no que diz respeito à abertura do mercado. Entre 1977 e 1982, Carlos Alberto Torres aproveitou a brecha deixada por Pelé e atuou no mesmo Cosmos, ao lado de Franz Beckenbauer, do centroavante italiano Chinaglia e do holandês Neeskens. A abertura do mercado estendeu-se para jogadores de nível médio, tais como os são-paulinos Lange e Zizinho, que atuaram pelo Tampa Bay nos anos 1980.

Mas a passagem de Pelé pelos Estados Unidos não mexeu com o mercado brasileiro para jogadores de primeiro nível. Esses não recebiam dinheiro suficientemente bom para trocar o futebol brasileiro pelo mercado norte-americano. Também pesavam a falta de repercussão e a chance menor de vestir a camisa da Seleção Brasileira.

No final dos anos 1970, ainda era importante jogar partidas internacionais, com camisas de seleções dos países. Aí estava a repercussão e, consequentemente, os bons contratos. Os Estados Unidos não conseguiram interferir no futebol brasileiro a ponto de tornar o êxodo uma questão preocupante.

10.

O mundo árabe

Rivelino

No final dos anos 1970, os árabes começaram a chamar jogadores e técnicos brasileiros para trabalhar do outro lado do mapa. Rivelino foi o exemplo mais importante.

Rubens Minelli era o técnico tricampeão brasileiro, quando o diretor de futebol do São Paulo, José Douglas Dallora, aproximou-se do campo para avisá-lo de que havia gente importante querendo conversar com ele. O palco desta história é o Morumbi.

> – O Dallora veio me dizer no meio do treino que os árabes estavam ali para tentar me convencer a me transferir para o Oriente Médio – lembra Minelli.

O diálogo foi rápido. Minelli havia sido campeão brasileiro pelo Internacional por duas vezes, em 1975 e 1976, e conquistara o título seguinte pelo São Paulo. A sequência de seu trabalho no Tricolor foi também vitoriosa. Tricampeão gaúcho pelo Inter, Minelli não conseguiu o título paulista – terminou a carreira de técnico sem conquistá-lo –, mas chegou à decisão do campeonato de 1978 contra o Santos. Os Meninos da Vila, time de garotos como Juary, João Paulo e Nilton Batata, ficaria com o título. Os são-paulinos não tinham restrições ao trabalho de Minelli.

Mas Dallora sabia que seria difícil mantê-lo quando o xeque Abdoulaziz avisou-o da conversa.

> – Eles me ofereceram sete vezes mais do que eu ganhava no São Paulo. Na época, meu salário era o maior do país. Telefonei para minha mulher, que estava de férias em São José do Rio Preto, e disse que estava arrumando as malas, que eu ia viajar para Riad – lembra Minelli.

Essa não foi a primeira vez que um treinador brasileiro transferiu-se para o Oriente Médio. Os brasileiros, especialmente os radialistas, já estavam se acostumando, no final dos anos 1970, a falar de propostas do que chamavam de “mundo árabe”. Antes de Minelli, Zagallo foi contratado pela Seleção do Kuwait, em 1976. Passou dois anos tentando classificar a equipe para a Copa do Mundo da Argentina. Fracassou.

Teve uma rápida passagem pelo Botafogo, entre 1977 e 1978, antes de ser chamado pelo xeque Fahd, o filho do rei que dá nome ao maior estádio da Arábia Saudita – o rei Fahd.

Zagallo também não hesitou. A proposta, da mesma ordem de sete vezes mais do que se pagava no Brasil, foi prontamente aceita, e o treinador, em seguida, fazia seu clube tentar contratar Rivelino, o maior craque do Brasil. Logo depois de disputar a Copa do Mundo de 1978, Rivelino arrumou as malas e se mudou para Riad.

> – A conta era muito simples. Se eu ganharia sete vezes mais do que no Brasil, pensei: é como se eu trabalhasse por três anos e recebesse o equivalente ao que receberia nos próximos 21. Tenho de aceitar – pensou Rubens Minelli.

As transferências de Minelli e Zagallo para o Oriente Médio abriram o mercado para os brasileiros. Se entre os treinadores os brasileiros tinham preconceito no mercado europeu, onde se imaginava que a maior qualidade desses profissionais fosse orientar tecnicamente os jogadores, em vez de dar noções táticas, no Oriente Médio a ordem era dar ideias técnicas aos jogadores. Aos árabes, especialmente.Porque a grande estrela da nova experiência era Roberto Rivelino. Ao final da Copa do Mundo de 1978, Rivelino estava pronto para deixar o Fluminense. Havia chegado às Laranjeiras logo depois da decisão do Campeonato Paulista, em dezembro de 1974. Passara três anos e conquistara dois títulos estaduais pelo Flu. Mas o Fluminense, no meio de 1978, já não era o time ambicioso do presidente Francisco Horta. Tratava-se de um time modesto.

Quem poderia resolver essa questão para Rivelino era o Al Hilal.

Assim se fez. Rivelino transferiu-se para o Al Hilal, que pagou oitocentos mil dólares ao Fluminense. Sua referência de salário era semelhante à de Rubens Minelli. Ganharia sete vezes mais do que jogando pelo Flu.

A maioria dos brasileiros que se transferiram para o Oriente Médio naquele período era de técnicos. Mas havia mais.

O centroavante Luisinho, do Campo Grande, que mais tarde jogaria pelo Flamengo, transferiu-se para o Al Shabab, também da cidade de Riad. No Brasil, virou Luisinho das Arábias.

Os brasileiros dividiam-se entre os dois polos da Arábia Saudita. Mesmo que Carlos Alberto Parreira tenha dirigido a Seleção do Kuwait na Copa do Mundo de 1982, e que mais tarde tenha trabalhado nos Emirados Árabes, no final dos anos 1970, o foco era a Arábia Saudita. Ou Riad, a capital, cidade de costumes muçulmanos rígidos, ou Jeddah, cidade onde a religião era tratada com menos rigor. Claro, a maior parte preferia a segunda cidade.

Além de jogadores de porte secundário, como Luisinho, transferiam-se para a Arábia Saudita outros integrantes de comissões técnicas. O massagista Chico, do Fluminense e do Vasco, recebeu o convite e aceitou o trabalho no Al Shabab, em Riad.

A experiência saudita resistiu produzindo salários astronômicos para brasileiros do final dos anos 1970. Quando a década de 1980 chegou, o relacionamento entre os mandachuvas árabes e os jogadores brasileiros começou a dar problemas. O principal deles com o astro, o cartão-postal do futebol para os torcedores sauditas: Rivelino.

Em 1981, na decisão da Copa do Rei, o Al Hilal enfrentava o Al Nasr, também

da cidade de Riad. Durante muito tempo, especulou-se que a rescisão contratual de Rivelino, que brigou em Riad e retornou ao Brasil, teria ocorrido em função de assédio à esposa do jogador. “Não foi isso o que aconteceu”, diz Rubens Minelli, técnico da Seleção da Arábia Saudita, no início dos anos 1980.

O Al Nasr vencia o Al Hilal, de Rivelino, por 3 X 1. No final do jogo, Rivelino perdeu a paciência com a agressividade dos marcadores locais e agrediu um dos zagueiros adversários.

> – Na Arábia, não havia agressão. Não havia violência. O episódio produziu brigas nas arquibancadas, coisa que não é usual entre os árabes.

Depois da briga e do final da temporada, em janeiro de 1981, Rivelino viajou para o Brasil. Chegou dizendo que não voltaria mais para o Oriente Médio. Ameaçou fechar contrato com o São Paulo, mas esbarrou no fato de os árabes prenderem seu contrato. Como havia passe, e essa condição atrelava o jogador ao clube, Rivelino não poderia disputar partidas profissionais por outro clube enquanto o Al Hilal não o liberasse.

Em 1981, Rivelino encerrou a carreira milionária, fruto da passagem de três anos pelo futebol saudita. Mas a intolerância dos árabes, inquietos pela briga com que o campeão do mundo se despediu dos campos do Oriente Médio, não permitiu que o liberassem para jogar por qualquer outro clube do planeta.

As histórias do Oriente Médio voltariam na primeira década do século XXI. Tcheco foi contratado pelo Al Ittihad para a disputa do Mundial Interclubes em 2005. Ao mesmo tempo, abriam-se fronteiras para jogadores como Roger, revelado pelo Fluminense e vendido pelo Grêmio para o F. C. Catar no meio do Brasileirão de 2008. O Oriente Médio também se tornou destino para jogadores intermediários, como o centroavante Aloísio, campeão mundial pelo São Paulo. Nessa época, o mercado virou alternativa à crise financeira de 2008 na Europa.

Semelhante aos anos 1970, porém não igual. No início de 2009, o Al Hilal sonhou contratar o camisa 10 do Fluminense, como fizera com Rivelino no fim da década de 1970. Nesse caso, o sonho era Thiago Neves, meia vice-campeão da Libertadores pelo Flu. Como seu contrato estava assinado com o Hamburgo, quase não foi possível retirá-lo de lá. Em Riad, Rivelino continua sendo uma sombra.

11.

A vida em Portugal

Flávio Minuano

Adivinhe quem foi o primeiro brasileiro a jogar em Portugal? A história lembra o que se passou na Espanha. O goleiro Jaguaré assinou contrato com o Sporting de Lisboa para jogar por lá a temporada 1935-1936. Já havia superado sua experiência tímida no Barcelona e retornado ao Vasco, mas, perto do final da carreira, esforçava-se para ter um emprego de destaque. Conseguiu. Com Jaguaré no gol, o Sporting foi campeão português.

Mas a história dos jogadores brasileiros começa, de fato, nos anos 1950. Em 1955, o Belenenses chegou à última rodada do Campeonato Nacional precisando de uma vitória sobre o Sporting, no velho campo das Salésias. Vencia por 2 X 1 quando o artilheiro Matateu finalizou e o goleiro César Peixoto tirou uma bola de dentro do gol. No último minuto, o gol do Sporting acabou com a chance de o Belenenses ganhar a segunda taça de sua história – a primeira havia sido conquistada em 1946.

O campeão foi o Benfica, e o Sporting, mesmo com o final dramático, terminou sua campanha apenas em terceiro lugar. A providência para o ano seguinte foi montar o primeiro time de brasileiros do futebol português. Em 1956, contratou o zagueiro Osvaldinho, vice-campeão carioca pelo América em 1955. Jogavam também nessa equipe os meias Miltinho e Ibson. Com eles e o treinador uruguaio Henrique Fernandez, o Sporting conquistou o título nacional em 1958.

Mais um ano e o Porto seria campeão português em 1959, dirigido pelo técnico Iustrich e com dois cariocas no elenco: Gastão era meio-campista; Jaburu, o centroavante, havia jogado pelo Olaria e, mais tarde, seria do Fluminense.

Os mais importantes brasileiros do Sporting desse período che-gariam para a conquista da Recopa Europeia de 1964. O zagueiro Lúcio, que deixou o América

em 1961, o ponta Geo e o meia Osvaldo Silva. Com eles, a equipe conquistou o título português de 1962, a Copa de Portugal do ano seguinte e entrou na disputa da Recopa Europeia, que conquistou em 1964. Lúcio chegou a atuar na Seleção Portuguesa no começo da década de 1960.

Mas os portugueses consideram que a contratação de estrangeiros de alto nível se deu efetivamente nos anos 1970. Antes, chegavam os jogadores intermediários. A partir dali, os craques de seleções nacionais.

O marco foi a chegada do argentino Yazalde, centroavante do Independiente de Avellaneda, campeão nacional em 1967, sob o comando do técnico brasileiro Osvaldo Brandão. Em 1971, Yazalde chegou ao estádio José do Alvalade e chamou a atenção dos clubes que sonhavam acabar com a hegemonia do Benfica.

Na mesma época, o centroavante Flávio terminava sua trajetória vitoriosa com a camisa do Fluminense. Campeão carioca de 1969, atacante revelado pelo Internacional com passagem pelo Corinthians – fez um dos gols da vitória corintiana por 2 X 0 que, em 1968, deu fim ao tabu de 11 anos sem ganhar do Santos –, Flávio deixava as Laranjeiras numa mistura de fim de seu ciclo e de problemas pessoais.

Na época, o Porto era presidido pelo banqueiro Afonso Pinto Magalhães, dono do banco Pinto Magalhães.

> – Seu método de trabalho era simples. Sentava-se à frente da comissão técnica e perguntava: quem é que querem? Com base na resposta, comprava o jogador.

O sonho do Porto, nesse período, era acabar com o longo jejum de títulos, que durava desde a taça conquistada com o técnico brasileiro Iustrich, em 1959.

Flávio tinha envolvimento pessoal com a filha do presidente tricolor Francisco Laport. O episódio criava constrangimentos no clube, mas o centroavante deixou o Flu ao final do mandato de Laport. Em 1972, um ano depois da contratação de Héctor Yazalde pelo Sporting, Flávio chegava ao Futebol Clube do Porto e se tornaria o primeiro brasileiro a deixar a elite do futebol do Brasil para atuar em Portugal.

Sua missão não foi cumprida. Flávio chegou ao Porto para dar ao clube português o primeiro título nacional em 12 anos. Depois de 1959, o Porto só voltou a levantar o troféu em 1978. Flávio tentou em vão o título. Nas primeiras três das quatro temporadas que passou em Portugal, não chegou sequer ao terceiro lugar. Em 1973, o Benfica de Eusébio terminou com a taça, com o Porto em quarto lugar e o Belenenses, campeão uma única vez em 1946, com o vice-campeonato.

Apenas na última de suas quatro temporadas, Flávio esboçou sucesso.

> – Quando o Porto disputou o título e terminou em segundo lugar, em 1975, Flávio já não era o protagonista. No início daquela temporada, o Porto havia contratado o peruano Cubillas. Foi um tempo de declínio do prestígio do brasileiro e dos brasileiros – diz Victor Cândido, jornalista português.

A nova coqueluche nos campos de Portugal seria Teófilo Cubillas. Mesmo ele, no entanto, não faria parte do elenco do Porto que sairia da fila apenas em 1978. À época, o dono do time era o centroavante Fernando Gomes. Mas havia um brasileiro nessa equipe: o atacante Duda, ex-Sport do Recife.

Nesse mesmo ano, em 1º de julho, o Benfica alterou seu estatuto, que até então proibia a contratação de jogadores estrangeiros, embora alinhasse durante muitos anos jogadores que vinham das colônias africanas, como Eusébio e Coluna. Eram nascidos em Moçambique, mas tinham nacionalidade portuguesa, o que permitia a inclusão no quadro benfiquista. O primeiro estrangeiro foi brasileiro.

Jorge Gomes era centroavante do São Cristóvão, passou pelo Vasco e Nacional de Uberaba, antes de se transferir para o CRB. De Maceió, seguiu para o Boavista de Portugal. Em 1978, foi contratado pelo Benfica e quebrou o tabu dos estrangeiros no clube de Lisboa.

A terceira etapa dos brasileiros em Portugal viria nos anos 1980. Nessa época, um acordo diplomático dava aos brasileiros direito a jogar em Portugal livremente. Não eram contados como estrangeiros, e isso provocou uma enxurrada de brasileiros de todos os níveis.

Na segunda metade dos anos 1980, entraram jogadores com passagem pela Seleção Brasileira, como Juary, autor do gol do título europeu do Porto, em 1987, contra o Bayern de Munique. Ou Douglas, volante que deixou o Cruzeiro para atuar pelo Sporting. Mas o grande goleador era Paulinho Cascavel. Em 1984, trocou o Fluminense pelo Porto e jogou também no Vitória de Guimarães e Sporting. Foi artilheiro do campeonato nacional em 1987 e 1988, primeiro pelo Vitória, depois pelo Sporting.

O acordo de dupla cidadania entre os governos do Brasil e Portugal provocou situações inusitadas. Quando a situação mudou, no início dos anos 1990, criou-se a estratégia do casamento por conveniência. O zagueiro Eduardo deixou o Bangu, em 1991, para atuar pelo Leixões, no Norte de Portugal. Sem direito a atuar como português, conseguiu uma portuguesa disposta a se casar – o que lhe possibilitou o direito à cidadania – e logo divorciar-se. O casamento abriu a vaga na Primeira Divisão portuguesa.

Desde Jaguaré, Portugal é caminho para os brasileiros. Mas não prioridade. Se o sonho de quem atua no Morumbi e Maracanã é jogar na Europa, nesse caso, Portugal também está quase fora do mapa.

O sol nasceu no Japão

Oscar

Sérgio Etigo ficou famoso no futebol brasileiro por ser o parceiro de Roberto Rivelino no time do Corinthians, que fazia milhares de torcedores chegarem mais cedo aos estádios para ver a campanha do título paulista de aspirantes, em 1964. O Corinthians já completava uma década sem a taça estadual. A palavra-chave era esperança.

Rivelino chegou ao time de cima do Corinthians no ano seguinte e só saiu dez anos mais tarde, depois da derrota corintiana na decisão do Campeonato Paulista de 1974.

Descendente de japoneses, Sérgio Etigo teve vida mais curta. Disputou apenas 11 partidas entre 1964 e 1965. Em 1971, chegou ao Japão, para se tornar o primeiro jogador brasileiro nos campos do outro lado do planeta. Jogou pelo Fujita, ainda no amadorismo japonês. O motivo da primeira transferência era a dificuldade em se firmar no futebol brasileiro e a facilidade em conseguir emprego na terra de seus pais.

Etigo abriu as portas para jogadores como Ruy Ramos, que se mudou para o Japão em 1977. Tinha vinte anos de idade, era jogador sem prestígio no Saad, de São Caetano do Sul, mas construiu toda a carreira no Yomiuri, o time do principal jornal japonês.

No Japão, era assim nos anos 1970. O futebol era amador, os clubes tinham nomes de grandes empresas do país. A história começou a mudar na segunda metade dos anos 1980. Em 1988, o Yomiuri veio disputar amistoso no Pacaembu, contra a Seleção Brasileira de Masters. Trazia em seu elenco jogadores como Milton Cruz, centroavante que se destacou no São Paulo como substituto de Serginho Chulapa, quando este foi suspenso por dez meses em

1978. Milton seria campeão pelo Botafogo em 1989.

Milton foi na leva de jogadores contratados em 1987. Na mesma época transferiu-se para o Japão outro ídolo do São Paulo: o zagueiro Oscar, que já havia tido experiência nos Estados Unidos, jogando pelo Cosmos, chegou ao Hitachi.

> – O Oscar e eu fomos os primeiros a chegar ao Japão como profissionais. Nós dois e o Wágner Lopes. Só que o Wágner chegou como amador, como todos os outros brasileiros que viajaram para o Japão antes. Era difícil, no início. A gente tinha de carregar e limpar o material e fazer coisas que não estávamos acostumados no Brasil. Passei um ano no Yomiuri e voltei para ser campeão carioca no Botafogo em 1989 – lembra Milton.

Os dois tiveram peso decisivo no processo que fez o futebol japonês fazer a transição do amadorismo para o profissionalismo. Abriram a porta para jogadores de alto nível do Brasil. Até que, em 1991, o Sumitomo contratou Zico.

O Galinho de Quintino havia encerrado a carreira num Fla-Flu disputado em Juiz de Fora na última rodada do Campeonato Brasileiro de 1989. Fez no Estádio Municipal, na Zona da Mata mineira, seu último gol como profissional. Mas recebeu o convite para participar do projeto do Sumitomo. Zico chegou ao Japão em 1991 sabendo que o profissionalismo seria lançado dois anos depois. Os clubes deixariam de levar os nomes das empresas que os mantinham e passariam a ter o nome da cidade ligado a um mascote. O Kashima Antlers nasceu assim. Kashima, a cidade, Antlers, os veados. Zico é quem conta como e por que foi parar do outro lado do planeta:

> – Eu já tinha encerrado a carreira e em março recebi o convite do Collor para ser secretário de Esportes do governo federal. Fiquei até abril de 1991, mas nesse período fui ao Japão para um jogo de másteres entre as seleções da América do Sul e da Europa. Fiz uma partida maravilhosa, e um empresário

> japonês chamado Takasaki colocou na cabeça que dava para jogar na J. League, que estava para ser criada. Veio ao Brasil me fazer o convite. Fiz um contrato de três anos e se em dois meses eu conseguisse recuperar minha condição e se meu joelho não me incomodasse eu ficaria. O acordo era que, se tivesse algum problema, eu ficaria como professor, técnico ou algo assim. Mas correu tudo bem e, como a diferença técnica era muito grande, deu para jogar o campeonato todo da Segunda Divisão pela Sumitomo Metals F. C., nas temporadas 1991-1992. Dos trinta jogos, joguei 21, fiz 21 gols, fui o artilheiro do campeonato, fomos vice-campeões. Tínhamos que ficar em primeiro ou segundo para jogarmos a J. League, e com isso adquirimos o direito de participar do primeiro campeonato da Liga Profissional no Japão. Acabamos nos tornando os primeiros campeões da liga profissional – conta Zico.

Nessa época, Milton Cruz voltou para o Kashima e jogou lado a lado com Zico. Era um dos 26 brasileiros que disputavam partidas por lá.

No Japão, Zico fez seu gol número 800 na inauguração do estádio da cidade de Kashima. O adversário? O Fluminense, que perdeu por 2 X 0.

Zico jogava no Kashima junto com Alcindo, atacante do Flamengo campeão da Copa do Brasil de 1990, com passagens por São Paulo e Grêmio. Alcindo virou ídolo da torcida do Kashima e garoto-propaganda para qualquer tipo de produto. Vendia-se até a peruca do atacante, ligeiramente calvo na parte da frente, mas com longa cabeleira loura atrás.

Mais um ídolo do Kashima foi Leonardo, entre 1994 e 1996. Outros clubes também tinham seus ídolos. Em 1997, por exemplo, o Jubilo Iwata ganhou a Copa do Imperador com Dunga e o italiano Totó Schilacci em campo. Meses antes, o técnico do Jubilo foi Luiz Felipe Scolari. Se você pensa que a grande dificuldade para trabalhar no Japão era o idioma, a alimentação ou o transporte, Felipão se queixava de outra coisa:

– Trabalhava com Schilacci. Ele passava alguns dias treinando e então se queixava de dores. Eu perguntava qual era o problema e ele respondia do que precisava para se curar: dois meses na Itália – diverte-se Felipão.

O Japão foi o paraíso dos jogadores em fim de carreira. O contraponto era que quem desejasse trabalhar duro se dava bem. Daí o sucesso de gente como Zico, Dunga, Leonardo, Oscar e Zé Sérgio.

O Japão não era o mercado preferencial dos brasileiros de primeiro nível. Nessa época, eles seguiam para outros centros, particularmente quando os clubes da Itália e Espanha abriram o mercado para o terceiro estrangeiro, em 1988. Aí foi uma debandada.

Os brasileiros na Liga Japonesa em 1993

Jogador	Clube no Brasil	Clube no Japão
Ademir	–	Shimizu
Alcindo	Grêmio	Kashima Antlers
Amoroso	Guarani	Yomiuri
Ângelo	Corinthians	Yokohama Flugels
Betinho	Cruzeiro	Verdy Tokyo
Carlinhos	Flamengo	Kashima Antlers
Carlos A. Santos	Botafogo	Kashima Antlers
Cláudio	Amparo	Gambá Osaka
Edu Manga	Corinthians	Shimizu
Everton	Corinthians	Yokohama Marinos
Flávio	Vasco	Gambá Osaka
Garça	Grêmio Maringá	Nagoya Grampus
Jorginho	Palmeiras	Nagoya Grampus
Luís Muller	Bragantino	Gambá Osaka
Marco Antônio	Sport	Shimizu
Menon	Matsubara	Flugels
Okasaki	Friburguense	Yokohama Marinos
Paulinho	Guarani	Yomiuri
Pereira	Guarani	Yomiuri
Pita	São Paulo	Nagoya Grampus
Ramos	Saad	Yomiuri
Régis	Flamengo	Kashima Antlers
Rinaldo	Portuguesa	Gambá
Sandro	–	Jef United
Toninho	Portuguesa	Shimizu
Zico	Flamengo	Kashima Antlers

13.

A debandada de 1988

Romário

No final dos anos 1970, o movimento em direção à Espanha voltou. Marinho Peres deixou o Santos para ser comandado pelo holandês Rinus Michels no Barcelona. A aventura durou uma temporada e meia e terminou com a convocação de Marinho para o exército espanhol. Ele era um daqueles muitos que só podiam jogar na Espanha pela nacionalidade espanhola, mas decidiu não atender ao chamado do exército do país. Saiu da Espanha fugido, sem nunca mais poder retornar.

O ano de 1974, além da chegada de Marinho Peres, foi também o da mudança na legislação para jogadores de outros países. A Federação passou a permitir dois internacionais por clube, independente de terem ou não ascendência espanhola.

Assim, chegou à Espanha o zagueiro Luís Pereira, para vestir a camisa 2, de zagueiro central do Atlético de Madrid. Veio junto Leivinha, seu parceiro no Palmeiras desde 1971. João Leiva Campos Filho carregava nas veias o puro sangue espanhol. Viajava para realizar dois sonhos. O primeiro, de sua família, de viver na Espanha. O segundo, dele próprio, de encher os cofres com um contrato que superava em cerca de 40% seus ganhos no Brasil.

Mais ou menos como Mazzola, o Altafini, nos anos 1950, Leivinha unia duas das características que, durante muito tempo, carregaram jogadores brasileiros para o exterior.

Leivinha chegou com um desafio extra, em comparação com Luís Pereira. Vestiria a camisa 8, que pertencia a Luis Aragonés, meia-direita de característica ofensiva, ídolo da torcida, campeão pelo clube da capital em 1973. Luis Aragonés estava encerrando a carreira, pronto para se tornar técnico, função que assumiria na segunda temporada de Leivinha e Luís Pereira na Espanha – a

temporada do título 1976-1977.

> – O início foi difícil, porque havia sempre comparações com Luis, mas comecei a marcar muitos gols e a torcida passou a gostar de meu futebol – lembra Leivinha.

Em quatro temporadas no Atlético de Madrid, foram quarenta gols em 83 partidas, o suficiente para consagrá-lo. Só voltou ao Brasil quando o joelho começou a atrapalhar e o São Paulo sinalizou com um convite. Na volta ao país, jamais atuou com a regularidade dos tempos de Palmeiras e Atlético de Madrid.

Na Espanha, a taça coroou a passagem dos dois e tornou Leivinha e Luís Pereira exemplos de sucesso que poderiam ser seguidos a partir do início dos anos 1980, com a reabertura do mercado italiano. A Itália decidira fechar as portas para estrangeiros logo depois do fiasco na Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966. Perder para a Coreia do Norte e ser eliminada na primeira fase de um Mundial eram a senha para encerrar a participação dos que diminuíam a chance de crescimento dos jogadores locais, os que podiam representar a Itália em competições internacionais.

Sem estrangeiros em seus clubes, a Itália conquistou a Eurocopa em 1968, foi vice-campeã mundial em 1970, chegou às semifinais em 1978, mas também caiu na primeira fase em 1974, eliminada pela Polônia. Depois de 14 anos de fronteiras cerradas, o país resolveu abrir vaga para um estrangeiro por clube. Assim chegaram Falcão para a Roma, Enéas para o Bologna, Luís Sílvio para a Pistoiese.

Enéas e Luís Sílvio não fracassaram, mas não inibiram o sucesso estrondoso de Paulo Roberto Falcão. E os anos 1980 foram se tornando pródigos em exportações. Roberto Dinamite jogou dez partidas na Espanha, com a camisa do Barcelona. Guina, do Vasco, seguiu para o Murcia, também da Espanha. Para a Itália, o final da Copa do Mundo de 1982 serviu para carregar Edinho, zagueiro,

para a Udinese. Dirceu já atuava fora do país desde 1978, circulou pelo América do México, pelo Atlético de Madrid, e passou a perambular por clubes italianos, tais como Napoli, Ascoli e Verona.

Sucessos e fracassos arrastavam os principais jogadores da Seleção, entre 1982 e 1987, ano em que Careca, destaque da Copa de 1986, arrumou as malas e trocou o São Paulo pelo Napoli.

Os campos brasileiros se esvaziavam de talento, mas o país vivia com a expectativa de que uma geração de craques se firmasse. Dessa história, faziam parte jogadores como Muller e Silas, já presentes à Copa do Mundo do México, em 1986, e campeões mundiais Sub-20, em 1985; Romário, revelação vascaína de 1985; Bebeto, já com passagem pela Seleção, com o técnico Evaristo de Macedo, em 1985; e ainda havia Renato Gaúcho, no auge da forma, exuberante campeão brasileiro de 1987 pelo Flamengo.

Se a estrutura não era a melhor, havia esperança, antes de a Itália e a Espanha abrirem seus mercados para o terceiro estrangeiro por clube – eram dois a partir de 1982 – na temporada 1988-1989. A grande realidade do final dos anos 1980 era cruel: o Brasil não podia competir nem manter a maior parte de seus jogadores.

Os valores subiam de maneira assombrosa. Em 1983, Zico foi vendido para a Udinese, aos trinta anos, por dois milhões de dólares. Seguia para o mercado italiano, o mais rico do planeta àquela época. Em 1988, Romário deixou o Vasco, apanhou o avião da KLM e desembarcou em Eindhoven para jogar pelo PSV. O preço? Seis milhões de dólares.

A negociação foi recorde do futebol brasileiro na época, superando de longe os dois milhões de dólares de Zico, em 1983. Mas havia muitas outras negociações por volumes menores.

Silas, esperança do meio de campo, trocou o São Paulo pelo Sporting de Portugal. Com ele, foram o volante Douglas, do Cruzeiro, e o zagueiro Ricardo Rocha, do Guarani. Muller, já consagrado aos 22 anos, saiu do Morumbi e foi para a Torino, da Itália. Geovani, meia vascaíno, seguiu para a Bologna, da Itália. Aloísio, zagueiro do Internacional, transferiu-se para o Barcelona. Andrade, volante do Flamengo, foi para a Roma da Itália. Valdo, ex-Grêmio, aceitou proposta do Benfica de Portugal, junto com o zagueiro Ricardo Gomes, ex-Fluminense.

Em julho de 1988, a Seleção Brasileira ganhou o Torneio Bicentenário da Austrália com 11 jogadores de clubes brasileiros. Em agosto, seis dos 11 titulares da decisão estavam no exterior, sem considerar jogadores com que o técnico Carlos Alberto Silva contava, mas que não estiveram no torneio, como Silas, Muller, Douglas e Ricardo Rocha.

O Brasil se assustou em 1983 ao perder craques como Zico e Toninho Cerezo, ou jogadores médios, como Elói e Pedrinho, do Vasco. Aumentou o trauma assistir a Sócrates e Júnior saírem de Corinthians e Flamengo, respectivamente, rumo a Fiorentina e Torino, em 1984. O movimento, àquela época, acontecia numa única direção: o mercado italiano, que retirava do país jogadores acima dos 28 anos, com carreira consolidada na Seleção ou sem perspectivas de jogar com brilho nela.

Agora era diferente. Os mercados de Espanha, Portugal e França também se moviam. Júlio César, zagueiro titular da Copa de 1986, havia deixado o Guarani logo depois do Mundial para jogar pelo Brest, da França. Em 1987, o atacante Mirandinha chamou a atenção do Newcastle depois de disputar um amistoso contra a Inglaterra, em Wembley. Fez gol em Peter Shilton, num empate da Seleção por 1 X 1 – Lineker marcou para os ingleses –, e se tornou o primeiro jogador a entrar no mercado inglês, proveniente do futebol brasileiro.

A temporada de negócios de 1988 levou também um brasileiro para a Alemanha.

Tita ficou famoso como o primeiro a seguir para os campos alemães. Na verdade, não foi, porque Raul Tagliari e Zezé haviam jogado lá. Mas Tita reabriu o mercado.

Até 1978, a Seleção jamais havia entrado em campo, numa Copa do Mundo, com um jogador que atuasse no exterior. Em 1982, o time titular tinha um: Paulo Roberto Falcão, da Roma. Em 1986, dos titulares, dois jogavam na Itália: Edinho, da Udinese; Júnior, do Torino.

A debandada de 1988 mudou o quadro. Quando estreou na Copa do Mundo da Itália, em 1990, a Seleção de Sebastião Lazaroni estava escalada com nove estrangeiros. Apenas o goleiro Taffarel, do Internacional, e o zagueiro Mauro Galvão, do Botafogo, atuavam no Brasil. E Mauro Galvão já estava negociado com o Lugano, da Suíça.

Os outros eram Aldair e Valdo, do Benfica; Mozer, do Olympique de Marselha; Jorginho, do Bayer Leverkusen; Branco, do Porto; Alemão e Careca, do Napoli; Dunga, da Fiorentina; Muller, da Torino. Nove jogadores de sete clubes diferentes em quatro países da Europa.

Entre a saída de Falcão, em 1980, e a debandada de 1988, não aumentou a qualidade do craque nascido no Brasil. Ao contrário, a impressão à época era de pobreza nos campos do país, de seca de craques, de entressafra. Semanalmente, jornais e programas de rádio e TV discutiam a crise, diziam que o futebol brasileiro estava nivelado por baixo.

A média de público do Campeonato Brasileiro caiu pela metade. O país começou a assistir semanalmente e a comentar com mais entusiasmo do que no início da década o que se passava nos campos da Série A, da Itália: o incrível campeonato disputado cabeça a cabeça entre Milan, dos holandeses Van Basten e Gullit, e Napoli, do brasileiro Careca e do argentino Maradona.

Por que, então, houve a debandada? Porque os clubes, em crise, já não conseguiam bancar sequer os 60% do salário que tentavam pagar nos tempos em que Falcão foi para a Roma, em 1980. E porque o mercado estava mais amplo. Na Itália e na Espanha, a liberação para o terceiro estrangeiro, em 1988, provocou a busca por jogadores brasileiros e argentinos. Em Portugal, havia o elemento extra da dupla nacionalidade.

O ciclo vicioso brasileiro era tenebroso. Os craques iam embora, os estádios se esvaziavam, os clubes não tinham dinheiro e não conseguiam competir com as moedas europeias.

Na outra ponta, havia cada dia mais dinheiro para contratar craques, que enchiam estádios e produziam mais condições de comprar jogadores na América do Sul.

Em 1990, logo depois de disputar a Copa do Mundo, Taffarel deixou o Internacional e foi jogar no Parma, assim como Mauro Galvão confirmou sua transferência para o Lugano, da Suíça. Não se deve esquecer de Jaguaré, que deixou o Vasco para atuar em amistosos pelo Barcelona, em 1931. Ou de Manga, que fez carreira durante oito anos, no Nacional de Montevidéu. Mas um goleiro brasileiro no mercado europeu era um marco para abrir a década de 1990. Os italianos, agora, não se conformavam em apenas levar os meias, centroavantes, armadores. Começavam os anos 1990 carregando também um goleiro.

Não existia nada tão ruim que não pudesse piorar.

14.

Bosman e o fim das fronteiras

Ronaldinho Gaúcho

A Itália virou a meca do futebol mundial até 1992. A média de público era a maior do planeta, com 35 mil pagantes por jogo, número turbinado pela presença dos principais jogadores de todas as seleções nacionais. O interesse nos *stranieri* era tão grande que, na temporada 1992-1993, o número de estrangeiros já era maior do que os três por time. O quarto estrangeiro foi permitido em 1992, mas apenas três podiam jogar em cada partida.

O goleiro brasileiro fez sucesso nas duas primeiras temporadas. Na terceira, sofreu com a lei do quarto jogador internacional. O Parma tinha o colombiano Asprilla, o belga Grun, o sueco Brolin. Para escalar os três, Taffarel tinha de ficar de fora. O técnico Nevio Scala escalava o goleiro Ballotta, e Taffarel chegou a precisar treinar como jogador de linha para manter a forma. Nas Eliminatórias para a Copa de 1994, atribuiu o mau desempenho técnico à falta de treinamentos específicos na Itália.

Foi quando o governo italiano percebeu que havia algo de podre na imensa possibilidade de os clubes da Série A pescarem tantos jogadores de tão alto nível e em tantos lugares diferentes do mundo. Em meio à Operação Mãos Limpas, empresários de todos os setores foram investigados quanto às suas declarações de impostos. Vários caíram na malha fina, alguns foram presos, e a investigação chegou ao futebol.

Com rigidez maior, sem facilidade para fazer operações com caixa dois, os italianos diminuíram um pouco seus investimentos a partir do final de 1992. Movimento simultâneo ao dos clubes brasileiros que, em tempo de inflação elevada, faziam suas projeções anuais em dólar. A economia estava indexada ao dólar, e houve a entrada da Parmalat no mercado brasileiro – investimento pesado que obrigou outros clubes a também tentar encontrar fórmulas de gastar

mais com jogadores. O resultado da queda de investimento italiano e do crescimento brasileiro foi um ligeiro movimento de retorno.

Toninho Cerezo, já em final de carreira, trocou a Sampdoria da Itália pelo São Paulo. O zagueiro Antônio Carlos passou seis meses no Albacete, da Espanha, e retornou para o Palmeiras. Mazinho, lateral e meia da Fiorentina, aceitou jogar no Palmeiras. Leonardo voltou do Valencia para o São Paulo. O balanço entre os que retornavam e os que partiam continuava mostrando uma conta negativa para os campos brasileiros, mas nomes de peso voltavam ao país.

A impressão de que isso acontecia ficou mais forte com a operação de retorno de Romário ao Flamengo, em 1995, negociação que se deu por dois fatores. O primeiro, o arranjo financeiro que o presidente rubro-negro recém-eleito, Kleber Leite, fez por meio de patrocinadores como a Umbro e a Coca-Cola. O segundo, o desejo incontrolável de o Baixinho voltar a sua terra, fugir do frio da Europa, retornar ao Rio de Janeiro.

Não, não era apenas o dinheiro do Flamengo. Romário perdeu muito de seus ganhos mensais para poder jogar com a camisa rubro-negra. Mas seu retorno causou, momentaneamente, a sensação de que o futebol brasileiro poderia concorrer com algumas das propostas mais vantajosas da Europa. Não podia.

E não poderia ainda mais à medida que a valorização artificial da moeda brasileira se desfez. O real foi lançado em 1994 em paridade com o dólar, mas perdeu valor ao longo da segunda metade dos anos 1990. A entrada de patrocinadores como a Parmalat no Palmeiras, em 1992, o Banco Excel no Corinthians, em 1997, e a Hicks Muse, também no Corinthians, em 1999, produziu algumas contratações e formações de times fortíssimos. O Corinthians de Rincón, Vampeta, Marcelinho e Ricardinho é o exemplo mais forte, quase ao término daquela década.

Vale a ponderação de que Vampeta voltou ao Brasil depois de uma passagem

discreta pelo PSV Eindhoven, da Holanda, e que Ricardinho havia trocado o Paraná pelo Bordeaux, da França, antes de retornar ao Brasil e para o Corinthians.

Mais do que isso, os jogadores de carreira ascendente não ficavam no país. Rivaldo trocou o Palmeiras pelo Deportivo La Coruña, em 1996, pouco depois de disputar a Olimpíada de Atlanta. Ronaldo saiu do Cruzeiro após disputar um único Campeonato Brasileiro, em 1994, para atuar pelo PSV Eindhoven da Holanda. Edmundo fechou o Brasileirão 1997 como melhor jogador do país, mas saiu da finalíssima para o avião da Alitalia, que o levaria para a Fiorentina. Giovanni foi a estrela do Campeonato Brasileiro de 1995. Um ano e meio depois estava vestido de azul e grená, com a camisa do Barcelona.

Craque ascendente não permanecia no Brasil e, em geral, saía do país para ganhar mais de 100% do que recebia para atuar no Maracanã, Mineirão ou Morumbi.

Enquanto tudo isso se passava, em meados dos anos 1990, um jogador belga causava furor na Europa. Chamava-se Jean Marc Bosman, jogava pelo Liège da Bélgica, tinha seu contrato encerrado no final da temporada 1991-1992 e desejava transferir-se para o futebol francês. Tinha convite do Dunkerque, da Segunda Divisão francesa, que coincidia com o final de seu contrato na Bélgica.

Como qualquer trabalhador comum, Bosman anunciou a seu clube a decisão de trocar de emprego, apanhou o avião e seguiu para a França, escolha a que o clube belga reagiu com indignação. Disse que o jogador não estava livre, porque, embora seu contrato tivesse acabado, seu vínculo ainda era com o Liège. Em bom francês, o passe de Bosman pertencia ao Liège.

Meio-campista de qualidade discutível dentro de campo, Bosman decidiu atacar nos tribunais. Recorreu à corte europeia alegando que era um trabalhador igual a qualquer outro e, portanto, estava livre do vínculo ao final de seu contrato de

trabalho.

Seu argumento também batia na tese de ser um cidadão europeu. Portanto, tinha direito a trabalhar em qualquer empresa, em qualquer lugar da Comunidade Europeia. Essa era a lei desde que a Comunidade Europeia acabara com fronteiras para trabalhadores do continente, em 1992. Devia ser, também, a lei para jogadores de futebol.

O clube deu de ombros. A corte, não. Em fevereiro de 1995, o mundo do futebol europeu recebeu com surpresa a notícia de que Jean Marc Bosman estava livre para trabalhar em qualquer clube do continente. A lei passava a valer automaticamente para qualquer outro jogador em atividade na Europa. Ao final do contrato, liberdade para escolher a melhor oferta de trabalho.

O caso criava também a jurisprudência para quem tivesse passaporte europeu. Se um trabalhador comum, de qualquer nacionalidade pertencente à Comunidade Europeia, tinha acesso ao emprego em qualquer país-membro desta, qualquer jogador dono de um passaporte comunitário poderia jogar em qualquer clube da Europa, sem limitação a estrangeiros.

Começou, assim, a caça aos passaportes da Comunidade Europeia. Cafu foi jogar na Roma com um passaporte italiano porque o avô de sua esposa era nascido na Itália. Dida conseguiu outro passaporte, sabe-se lá como, e veio daí a punição da Federação Italiana, que o suspendeu no final de 2001.

Agentes internacionais tentavam conseguir passaportes comu-nitários com base na ascendência verdadeira ou falsa de jogadores de todos os cantos. Mesmo quando a febre diminuiu, a quantidade de craques sem pátria havia aumentado de maneira estrondosa.

Em dezembro de 1999, o Chelsea se tornou o primeiro grande clube europeu a escalar uma equipe inteiramente internacional. Não havia nenhum jogador

nascido na Inglaterra. O técnico italiano Gianluca Vialli escalou o goleiro holandês De Goey, o lateral espanhol Ferrer, o zagueiro brasileiro Emerson Thomé, o beque francês Leboeuf e o lateral Babayaro; no meio de campo, o romeno Petrescu, o volante francês Deschamps, o italiano Di Matteo e o uruguaio Poyet. No ataque, o italiano Ambrosetti e o norueguês Tore André Flo. O jogo: 2 X 1 para o Southampton.

A experiência não se tornou frequente no Chelsea, mas virou rotina na Internazionale, ávida por fazer valer seu nome, e no Arsenal, vice-campeão da Liga dos Campeões da Europa, em 2006, com uma equipe que jogou a partir das oitavas de final sem nenhum titular nascido na Inglaterra.

Quando se diz, portanto, que a Lei Pelé ajudou a minar a relação brasileira com os craques nascidos no país, não se deve esquecer que ela apenas adaptou a lei brasileira ao que já era jurisprudência no futebol internacional. Ao determinar que cada jogador, ao final de seu contrato, é livre como qualquer trabalhador comum, a lei seguiu o padrão internacional, que fatalmente chegaria ao Brasil por meio de algum jogador, como fez Jean Marc Bosman na Europa.

Emblema disso foi a transferência de Ronaldinho Gaúcho, do Grêmio, para o Paris Saint-Germain, em 2001. Em fevereiro de 1999, o craque gremista assinou contrato de dois anos, que terminaria exatamente quando a lei brasileira mudaria. A Lei Pelé entraria em vigor no que dizia respeito à liberdade para os que tinham seu contrato terminado no final de março de 2001.

Ao perceber a coincidência, o Grêmio passou a argumentar que o acordo fora assinado na vigência da lei anterior e que Ronaldinho estaria ainda vinculado ao clube ao final de seu contrato. O craque sequer foi à Justiça. Deixou o estádio Olímpico e assinou com o Paris Saint-Germain. Apenas esperou a definição favorável de seu caso.

Sem pensar duas vezes, o juiz determinou que Ronaldinho Gaúcho poderia jogar

em qualquer lugar do mundo, porque seu contrato com o Grêmio estava encerrado. O Grêmio levou o caso à Fifa, que atribuiu ao Paris Saint-Germain uma multa irrisória: seiscentos mil dólares. O Grêmio solicitava 21 milhões de dólares.

Mesmo que a Lei Pelé não existisse, a jurisprudência criada na Europa levaria jogadores do Brasil ao lugar que desejassem, se assim o quisessem. Ao futebol brasileiro restou a luta insana para brigar contra quem tem mais dinheiro, ou mais organização; para quem é atraído pela conta bancária que pode oferecer, ou pela chance de jogar campeonatos cheios de glamour, como são os da Europa – e como *não* são os brasileiros.

Para os clubes do Brasil, sobrou ainda uma alternativa: a criatividade, receita que produziu resultados inesperados nos velhos anos 1980. De lá vem o único exemplo para a sobrevivência: o momento em que o Flamengo conseguiu segurar o Zico, contado anteriormente.

15.

Saída para o Leste

Leandro Machado

Léo Lima e Souza acabavam de ser campeões estaduais pelo Vasco. Revelações do futebol brasileiro no início da década, arrumaram as malas e viajaram para a Bulgária a fim de jogar pelo CSKA Sófia. A transferência pegou de surpresa muita gente, que criticou a saída para lugares como Ucrânia, Rússia e Bulgária. Mas a história já estava sendo construída havia quatro anos.

Foi em 1999 que o empresário Jorge Machado viajou pela primeira vez para a Ucrânia. Com a abertura do mercado do Leste europeu, o fim do comunismo e a entrada em cena de megamilionários favorecidos pelas privatizações nos países da Cortina de Ferro, Machado percebeu o interesse por jogadores estrangeiros. Isso tinha tudo a ver com a saída de revelações do futebol do Leste. Em 1998, o Dínamo de Kiev foi ao Camp Nou enfrentar o Barcelona, pela primeira fase da Liga dos Campeões. Aplicou 4 X 0 inapeláveis, com atuação exemplar de Shevchenko e Rebrov. A dupla virou coqueluche do mercado de jogadores da Europa.

Em junho de 1999, Shevchenko foi contratado pelo Milan por 23 milhões de dólares. Em pouco tempo, os ucranianos perceberam que não revelariam gente da mesma qualidade e a chance de ter ídolos em seus times era contratar no exterior.

O interesse era reforçado pelo fato de os clubes ucranianos serem presididos por fanáticos e milionários torcedores. Outra definição para os mesmos dirigentes é a de privilegiados que se deram estranhamente bem no processo de privatizações, inclusive dos clubes de futebol. Alguns dos sócios dos irmãos Ihor e Grigoris Surkis, como Viktor Medvechuk, foram presos anos depois do processo de privatizações das empresas de energia elétrica do país, sob acusação de tráfico de influência.

Ihor tornou-se presidente do Dínamo; Grigoris, da Federação, e os irmãos dividiam o poder do futebol da Ucrânia. Nessa época, Jorge Machado desembarcou em Kiev.

Ao mesmo tempo, no Brasil, escândalos também envolviam times de futebol como o Flamengo. O presidente Edmundo dos Santos Silva foi deposto em meio à crise financeira do clube. Jogadores sem salário tinham a possibilidade de trocar de ares, com passe livre.

> – Foi assim que convenci o presidente Surkis a contratar Leandro Machado. E convenci o jogador de que a Ucrânia era um bom lugar para se jogar futebol – conta o agente gaúcho.

Jorge Machado foi jogador de futebol e, antes, embalador dos supermercados Sonda, no interior gaúcho. Ali conheceu os irmãos Idi e Delcir Sonda. No início dos anos 2000, Machado fez com que os dois irmãos iniciassem o trabalho agenciando jogadores. Antes, começou a fazer o futebol brasileiro gravitar em torno do Leste europeu.

> – Quando eu disse ao Leandro Machado que tinha tudo acertado com o Dínamo de Kiev, ele levou um susto. Primeiro, nem sabia onde ficava o país. Depois, ficou assustado com a perspectiva do frio. Mas o contrato era ótimo. Leandro ganhou cinco milhões de dólares por três anos de contrato e abriu o mercado para vários outros joga-dores brasileiros se mudarem para lá – conta Jorge Machado.

Leandro chegou reclamando do frio, acostumou-se aos poucos e começou a fazer gols com a camisa do Dínamo. Abriu o mercado para muito mais gente. No ano seguinte, o Internacional aceitou a ideia de vender o garoto Diogo Rincón, revelado nas divisões de base do Beira-Rio sob o comando do técnico Mano Menezes.

Diogo Rincón viajou para a Ucrânia já com o espaço aberto pela passagem de Leandro Machado. Tornou-se o mais vitorioso de todos os jogadores brasileiros que desembarcaram em Kiev. Em 116 partidas, durante seis anos, marcou 57 gols e só deixou o clube no início de 2008, por uma solicitação dele próprio.

> – Ele queria ficar próximo à família por um ano. Explicou isso à direção do Dínamo e só assim ela acei-tou emprestá-lo por um ano – explica o empresário.

Dois anos depois, o Leste europeu investiu em revelações do futebol brasileiro. Léo Lima e Souza jogavam no Vasco, mas apareceram no cenário nacional disputando o Mundial Sub-17 pela Seleção, em 1999. Eram do Madureira. Léo Lima, de família de craque, era bisneto de Isaías, do trio que encantou a torcida do Vasco nos anos 1940 e recebeu o apelido de "Os Três Patetas", formado também por Lelé e Jair Rosa Pinto. Jogando pelo Madureira, Isaías foi protagonista de uma goleada sobre o Fluminense por 4 X 1, no estádio das Laranjeiras. O quarto gol foi de letra.

Mais de sessenta anos depois, numa final de Campeonato Carioca também contra o Fluminense, Léo Lima chegou à linha de fundo em velocidade. Sem força no pé esquerdo, preferiu o toque de letra, que resultou num cabeceio de Cadu e no gol de Souza – o gol do título estadual de 2003.

Léo Lima foi sensação do primeiro semestre daquele ano. Graças ao seu camisa 10, o Vasco entrou no Brasileirão sonhando com boa campanha, mas foi surpreendido por uma decisão estranha da dupla Léo Lima e Souza. Os dois seguiriam para a Bulgária, para atuar pelo CSKA.

> – Nosso desafio é classificar o clube para a Liga dos Campeões e disputar o maior torneio europeu de clubes – declarou Léo Lima na época da transferência.

Não podia dar certo. O CSKA era frágil o suficiente para ser eliminado na fase classificatória da Liga dos Campeões pelo Vardar da Macedônia.

Léo Lima e Souza não foram os primeiros, tampouco os últimos. Jogadores começaram a se espalhar pela Bulgária, Romênia e Rússia. Em 2004, enquanto o Palmeiras brigava pela primeira posição na tabela de classificação do Brasileiro, o clube anunciou a venda do centroavante Vágner Love para o CSKA, de Moscou. Diferente da trajetória de Léo Lima e Souza, os russos do CSKA fizeram sucesso e ganharam a Copa da Uefa, em 2005, com um time repleto de jogadores recém-saídos das divisões de base de clubes do Brasil.

Jô transferiu-se do Corinthians para o CSKA em 2005. Daniel Carvalho deixou o Internacional de Porto Alegre e viajou para a Rússia depois de conquistar o Mundial Sub-20 de 2003. Diferentemente da experiência da Bulgária, a experiência russa aumentou o interesse de jogadores brasileiros em jogar no Leste europeu.

Também tornou forte o interesse na Ucrânia o sucesso de Diogo Rincón e Kléber pelo Dínamo de Kiev. Diogo Rincón, ex-Internacional; Kléber, contratado do São Paulo.

O Shakhtar, de Donetsky – cidade industrial famosa pela metalurgia na Ucrânia –, time conduzido pelo banqueiro Rinat Akhmetov, proprietário do Donetsk City Bank, contratou revelações como Fernandinho, outro campeão mundial Sub-20 em 2003. Ou como Jádson, meia vice-campeão brasileiro pelo Atlético Paranaense em 2004. Levou para a Ucrânia também o meia Elano, campeão brasileiro pelo Santos em 2002 e 2004.

O Shakhtar dos brasileiros conquistou o bicampeonato ucraniano em 2005 e 2006 e aumentou o interesse do presidente por jogadores nascidos na América do Sul. Em 2007, foi a vez de investir no lateral direito Ilsinho, revelado pelo Palmeiras, de onde saiu no fim de seu contrato, em 2006. Na mesma temporada,

virou titular do São Paulo na campanha do título do Brasileirão. No meio da trajetória para o bi, Ilsinho recebeu convite para visitar a Ucrânia.

> – Ele entrou na minha sala com os olhos brilhando. Disse que havia entrado no avião do presidente do clube e que queria se transferir para a Ucrânia. Os homens ofereciam novecentos mil reais por mês. Não tinha como segurá-lo – conta o presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio.

O dirigente do Tricolor é um dos que mais viveram negócios desse tipo. Para a Alemanha, Itália e Ucrânia, as técnicas de sedução dos jogadores são as mais variadas possíveis. Nos mercados de maior visibilidade, apenas o sonho de jogar por clubes tradicionais como Milan, Barcelona ou Real Madrid serve para causar o interesse. No passado, jogadores nascidos no interior do país sonhavam em jogar no Flamengo, Vasco, Botafogo, Palmeiras, São Paulo ou Corinthians. No início do século XXI, os mais importantes clubes brasileiros se transformaram em trampolins para o mercado europeu. Quando chegou ao Palmeiras, em 2007, o volante Makelele tinha o discurso pronto:

> – Quero fazer sucesso aqui para me transferir para um grande clube europeu.

Os clubes de mercados menores, como Turquia, Ucrânia ou Rússia, investem na grande quantidade de dinheiro pago aos clubes. O Fenerbahçe, por exemplo, é famoso por ter criado receitas alternativas vendendo produtos com a marca do clube:

> – Uma camisa normal sai por cerca de cem euros, mas nós temos o compromisso de assinar várias camisetas, e estas custam perto de mil euros. Com esse dinheiro, é possível pagar altos salários e seduzir jogadores de várias partes do mundo – acredita o zagueiro Lugano, que trocou o São Paulo pelo Fenerbahçe em 2006.

Há suspeitas de que a receita de clubes desse porte não venha apenas do

marketing esportivo. Até mesmo jogadores brasileiros surpreendem-se com a quantidade de dinheiro que se coloca à disposição da montagem da equipe. Em teoria, o presidente do Fenerbahçe, Aziz Yildirim, fez mudanças substanciais na gestão do clube. Mas sobre de onde vem o dinheiro grande para o Fener, há quem levante suspeitas de atividades irregulares.

É o caso dos clubes do Leste europeu, todos controlados por presidentes famosos por estarem nos lugares certos, na hora exata em que se iniciaram os processos de privatização nas antigas repúblicas soviéticas. O maior exemplo disso é Roman Abramovich, acionista da Sibneft, a grande empresa de petróleo da Rússia que se tornou patrocinadora do CSKA Moscou antes de comprar o Chelsea, na Inglaterra, no início de 2003.

16.

O século XXI

Kaká

Na segunda metade da década de 2000, surgem os fundos de investimentos. Parceiros de clubes nos contratos de atletas, os fundos pretendem vender os mais jovens para ganhar mais dinheiro do que se recebe com ações nas bolsas de valores. Porém podem ajudar a manter uma parte da elite dos craques brasileiros em clubes de primeira linha.

No segundo semestre de 2008, jornais brasileiros chegaram a publicar que o número de jogadores que retornavam ao país havia se tornado maior do que os que seguem para o exterior. Ainda não é. Até novembro de 2008, os números consolidados do ano contavam 1.152 transferências para o exterior, com 659 retornos de jogadores para o país. A questão é quem vai e para onde.

> – Há, sim, uma diminuição do investimento dos clubes grandes da Europa. Eles não têm contratado como antes porque vivem uma séria crise financeira – apostava o presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, em meio às transferências dos verões europeu de 2008 e 2009.

Na época, não se viu clubes do Brasil vendendo para equipes como Juventus, Real Madrid, Milan ou Barcelona. O ponto forte do mercado foi a saída de Thiago Neves do Fluminense para o Hamburgo, por nove milhões de euros.

Estrelas de equipes brasileiras, como o chileno Valdivia, só encontraram possibilidade de transferência para o Oriente Médio. O chileno trocou o Palmeiras pelo Al Ain, dos Emirados Árabes, pelos mesmos nove milhões de euros.

O ano, no entanto, começou com a maior transferência de todos os tempos de um zagueiro brasileiro. Breno, revelado pelo São Paulo, trocou o Morumbi pelo

Bayern de Munique, por 19 milhões de euros.

O negócio causou menos perplexidade pelo valor pago para ter um jogador de defesa em virtude do envolvimento de uma modalidade que surgia nos clubes brasileiros: os fundos de investimento.

Seis meses antes da transferência, o zagueiro virou titular do São Paulo aos 17 anos de idade. A valorização preocupou os dirigentes e eles viabilizaram a renovação contratual, antes do prazo previsto, para tentar manter Breno no Morumbi por mais tempo. A estratégia incluía oferecer 20% de seu contrato para o próprio jogador.

Com dívidas na família, o zagueiro preferiu renegociar sua porcentagem com o grupo de supermercados Sonda, de propriedade dos irmãos Delcir e Idi Sonda. O grupo já havia diversificado seus investimentos. Além da rede de supermercados, que se expandiu a partir do interior do Rio Grande do Sul, os irmãos criaram uma grande agenciadora de jogadores, a Dis.

No início dos anos 2000, o grupo recebeu indicações do agente de jogadores Jorge Machado de que poderiam ganhar um bom dinheiro comprando porcentagens de passes de jogadores. Aceitaram o negócio.

Em 2007, o Sonda passou a aparecer em matérias de jornais, participando de negócios importantes. O Internacional conseguiu a contratação do atacante Nilmar, do Lyon, com dinheiro do Sonda.

O Fluminense acertou a contratação e, depois, a renovação do contrato do meia Thiago Neves com dinheiro do Sonda – antes de sua transferência para o Hamburgo, em 2008.

Breno decidiu ficar no São Paulo porque o grupo Sonda ajudou sua família, comprando 20% dos direitos sobre seu contrato. O valor investido pelo grupo

variava na casa dos oitocentos mil reais. Em janeiro de 2008, o Bayern de Munique sacramentou a compra do zagueiro por 19 milhões de euros.

Antes mesmo da operação, outros fundos de investimento nasciam com interesses diferentes. No Rio de Janeiro, nasceu o fundo MFB, iniciais de Maria Fernanda Batista, neta do banqueiro Diniz Ferreira Batista, um botafoguense histórico que pretendia colocar dinheiro no clube para tentar fortalecê-lo e, em segundo plano, arrecadar algum dinheiro.

O fundo conseguiu manter quase todos os jogadores no elenco alvinegro durante o Campeonato Brasileiro de 2007. A exceção foi André Lima, atacante cujo contrato previa obrigatoriedade de venda em caso de proposta do exterior. O Hertha procurou o Botafogo e a transferência aconteceu.

Diferente era a intenção da Traffic. A empresa de marketing esportivo foi criada pelo empresário J. Hawilla no início dos anos 1980. Cresceu vendendo placas de publicidade em estádios brasileiros e direitos de televisão de torneios de futebol pelo mundo.

No final dos anos 1990, a Traffic associou-se ao fundo de ações Hicks, Muse, Tate & Furst e intermediou a parceria entre os americanos e o Corinthians. Depois, fez o mesmo com o Cruzeiro. Também se tornou sócia do canal de TV a cabo PSN, que fracassou em pouco mais de um ano. Hawilla ainda é dono de uma rede de jornais no interior de São Paulo, o *Bom Dia*. E decidiu criar também um fundo de investimentos para gerir a carreira de jogadores e tentar arrecadar um bom dinheiro nas negociações.

Em março de 2008, a Traffic comprou o zagueiro Henrique, de 21 anos, revelação do Coritiba na Série B de 2007.

A empresa adquiriu os direitos sobre seu contrato em janeiro por seis milhões de reais. Com parceria firmada com o Palmeiras, a Traffic decidiu colocá-lo no

Palmeiras, onde foi campeão paulista e iniciou o Brasileirão 2008. Jogou até 21 de junho e foi vendido ao Barcelona por dez milhões de euros, o equivalente a 26 milhões de reais. Pelo acordo, o Palmeiras tinha direito a 20% sobre o que superasse os seis milhões investidos inicialmente. Ou seja, 20% sobre vinte milhões de reais, ou quatro milhões de reais.

A Traffic ficou com os outros 16 milhões de reais. O lucro, em seis meses, foi de 166%. Em 2007, ano de alta na Bolsa de Valores de São Paulo, a Companhia Siderúrgica Nacional foi a empresa que mais lucro ofereceu. No período de um ano, a alta da CSN chegou a 157%. Em seis meses, a Traffic lucrou mais do que isso com o zagueiro Henrique.

Fundos assim têm por objetivo lucrar com negócios para o exterior e mantêm a estrutura extrativista do futebol brasileiro nos últimos vinte anos.

Mas há quem acredite que o dinheiro injetado por esses fundos é o que pode mudar o estado de coisas a longo prazo.

O MFD, parceiro do Botafogo, trabalha para conseguir segurar jogadores no clube e sonha poder um dia lucrar com a imagem dos craques. A ideia parece viável, mas esbarra nos lucros excessivos de quem, como a Traffic, consegue dinheiro que nenhuma ação em Bolsa de Valores poderia oferecer como rendimento.

Mas mesmo a Traffic fechou negócios para seus clubes parceiros que, sozinhos, não conseguiriam. Em janeiro de 2008, o Benfica pretendia ter de volta em Portugal o meia Diego Souza. A Traffic ofereceu 3,5 milhões de euros e realizou a contratação mais cara do futebol brasileiro no ano. Também ajudou a viabilizar negócios para o Palmeiras, como do lateral Élder Granja e do atacante Kléber.

Há quem se oponha claramente a esse tipo de parceria. É o caso do São Paulo e de seu presidente, Juvenal Juvêncio.

> – Nós não somos parceiros. O máximo que fazemos é oferecer porcentagens aos jogadores, para tornar a eles mais vantajosa a permanência. Isso em alguns casos estratégicos, com jogadores que se destacam demais em nossa equipe – diz Juvêncio.

O meia Hernanes foi um desses. Do anonimato nas divisões de base, passou a titular e convocado para a Seleção Brasileira. Sem dinheiro para propor renovação imediata, o São Paulo ofereceu 20% do contrato para o próprio jogador. Hernanes negociou 8% com a Traffic, que passou a oferecê-lo a clubes da Europa.

A filosofia extrativista tem empresários como protagonistas. O agente Wágner Ribeiro ficou famoso em meados dos anos 1990 como representante do atacante França. Passou a agenciar o centroavante nos tempos em que o jogador aparecia nas divisões de base do XV de Jaú. Nesse período, Ribeiro era um dos sócios que arrendaram o departamento de futebol do XV. Em dois anos de arrendamento, Ribeiro viu o clube chegar perto da falência. Na Justiça, cobrou o clube que deveria administrar e ganhou o direito de ficar com direitos federativos de alguns desses atletas. Um deles era França. Assim nasceu para sua nova carreira: agente de jogadores.

Passou a representar Kaká, até ajudar a negociá-lo do São Paulo com o Milan, em 2003. Virou empresário de Robinho e auxiliou na transferência para o Real Madrid, em 2005, o maior negócio da história do futebol do Brasil. Trabalha também nas divisões de base de vários clubes, como o Corinthians, onde agencia o garoto Lulinha, revelação em 2007.

No Santos, aproximou-se do garoto Neymar quando este tinha 13 anos. Em 2008, aos 16 anos, Neymar recebia quatrocentos mil reais de luvas por um período de cinco anos, fruto de um contrato firmado quando, aos 14, foi levado por Ribeiro para um período de testes no Real Madrid.

Para não perder o jogador, o Santos firmou um contrato com Neymar até os 19 anos. O acordo inclui dois milhões de reais de luvas, divididas em cinco parcelas anuais, e 15 mil reais de salário para atuar num time em que os garotos normais ganham na faixa de quinhentos reais.

Um ano depois do acordo, Wágner Ribeiro afirmou mais uma vez que Neymar interessava ao Real Madrid. Então foi firmada uma extensão do acordo por um novo período de dois anos. Em teoria, o Santos tem garantia de ter a revelação até que complete 21 anos. Até lá, pode se tornar um jogador extraordinário ou se perder no tempo, repetindo a trajetória de inúmeros jogadores que não obtiveram o resultado esperado.

> Neymar estreou no time principal em março de 2009, aos 17 anos. Se estourar e virar craque, o Santos tem garantia de contar com seu talento por três, quatro anos. Depois, a tendência é ele inaugurar uma nova geração de jogadores que viajam para a Europa, uma geração que pensa que a única saída para as próprias vidas é o aeroporto.

Os maiores negócios da história do futebol brasileiro*

Robinho	Santos	Real Madrid (2005)	30 milhões
Denílson	São Paulo	Betis (1997)	26 milhões
Lucas	Atlético-PR	Rennes (2001)	21 milhões
Fábio Júnior	Cruzeiro	Roma (2000)	20 milhões
Breno	São Paulo	Bayern (2008)	19 milhões
Geovanni	Cruzeiro	Barcelona (2001)	18 milhões
Roque Júnior	Palmeiras	Milan (2000)	16 milhões
Fred	Cruzeiro	Lyon (2005)	14 milhões
Giovanni	Santos	Barcelona (1996)	12 milhões
Luís Fabiano	São Paulo	Porto (2004)	12 milhões
Elano	Santos	Shakhtar Donetsk (2005)	10 milhões
Edmílson	São Paulo	Lyon (2000)	10 milhões
Kléberson	Atlético-PR	Manchester United (2002)	10 milhões
Rivaldo	Palmeiras	La Coruña (1996)	9 milhões
Diego	Santos	Porto (2004)	9 milhões
Kaká	São Paulo	Milan (2003)	8,5 milhões

* Em dólares

Os clubes mais vendidos do Brasil

São Paulo e Cruzeiro são sinônimo de sucesso no futebol brasileiro por montarem bons times à custa das boas vendas. Em quantidade, podem ser superados por outros clubes, mas não na fórmula adotada: vender para montar bons times.

Negócios do São Paulo*

Ilsinho	2007	Shakhtar	15 milhões Cicinho
Luís Fabiano	2004	Porto	9,5 milhões
Kaká	2003	Milan	8,5 milhões
Lugano	2006	Fenerbahçe	7,5 milhões
Denílson	2006	Arsenal	6,5 milhões
Grafite	2006	Le Mans	5,5 milhões
Thiago	2005	Al Rayan	3,3 milhões
Rodrigo	2005	Dínamo Kiev	3 milhões
Júlio Baptista	2003	Sevilla	2,8 milhões
Kléber	2003	Dínamo Kiev	2,2 milhões
Josué	2007	Wolfsburg	1,7 milhão
Lenílson	2007	Jaguares	1,1 milhão
Total	4 anos	–	78,6 milhões

*Em dólares.

Cruzeiro

Deivid	2003	Bordeaux	1 milhão de dólares
Luisão	2003	Benfica	2,5 milhões de dólares
Jussiê	2002	Kashiwa R. – empréstimo	200 mil reais
Alex	2004	Fenerbahçe	livre
Maicon	2004	Mônaco	2,3 milhões de dólares
Gomes	2004	PSV	1,5 milhão de dólares
Athirson	2005	Bayer Leverkusen	1 milhão de dólares
Wálter Minhoca	2005	Marítimo – empréstimo	sem valor
Fred	2005	Lyon	15 milhões de euros
Gladstone	2005	Juventus – empréstimo	150 mil euros
Irineu	2006	Braga	50 mil dólares
Gil	2006	Tarragona	800 mil euros
Edu Dracena	2006	Fenerbahçe	5,7 milhões de euros
Alecsandro	2006	Sporting – empréstimo	500 mil euros
Wagner	2007	Arábia Saudita	1 milhão de euros
Marcelo Moreno	2008	Shakhtar Donetsky	9 milhões de euros

A lista dos brasileiros

Pela imensa quantidade de brasileiros em Portugal, a prioridade aqui foi apontar todos os brasileiros que atuaram nas quatro principais ligas da Europa. Veja os brasileiros de todos os tempos na Alemanha, Espanha, Inglaterra e Itália. Entre parênteses, o clube a que pertenceu antes de ser transferido. Os números se referem a quantas partidas o jogador disputou e quantos gols ele marcou, respectivamente.

BRASILEIROS NA ITÁLIA

Arnaldo Porta – Meia (Araraquara)

1914-1915______Verona______–
1919-1920______Verona ______–
1925-1926______Verona______21 (7)
1926-1927______Verona______14 (7)
1927-1928______Verona______14 (8)
1928-1929______Verona______28 (10)

Piantoni Guillermo – Meia

1929-1930______Torino______3 (0)
1930-1931______Torino______3 (0)
1931-1932______Palermo______0 (0)
1932-1933______Palermo______23 (0)

Piantoni Guillermo – Meia

1929-1930______Torino______3 (0)
1930-1931______Torino______3 (0)
1931-1932______Palermo____0 (0)
1932-1933______Palermo___23 (0)

Del Debbio – Zagueiro (Corinthians)

1925-1926______Lucchese (II)__–
1931-1932______Lazio______30 (4)
1932-1933______Lazio______28 (0)
1933-1934______Lazio______16 (0)

1934-1935______Lazio______22 (0)

Ninão – Centroavante (Palestra Itália-MG)

1925-1926______Lucchese (II)______–
1931-1932______Lazio______30 (4)
1932-1933______Lazio______28 (0)
1933-1934______Lazio______16 (0)
1934-1935______Lazio______22 (0)

Nininho – Meia-direita (Palestra Itália-MG)

1930-1931______Lazio______10 (0)
1931-1932______Lazio______0 (0)
1932-1933______Lazio______3 (0)
1933-1934______Lazio______21 (7)
1934-1935______Lazio______14 (0)

Niginho – Meia (Palestra Itália-MG)

1930-1931______Lazio______8 (0)
1931-1932______Lazio______27 (4)
1932-1933______Lazio______25 (1)
1933-1934______Lazio______31 (1)
1934-1935______Lazio______25 (2)

Arnoni – Atacante (Palestra Itália-SP)

1935-1936______Milan______30 (6)
1936-1937______Milan______0 (0)
1937-1938______Milan______18 (4)

Amílcar – Atacante

1931-1932______Lazio______1 (0)

Demóstenes – Meia (Fluminense)

1932-1933______Torino______15 (0)
1933-1934______Torino______15 (0)
1934-1935______Torino______6 (0)
1935-1936______Sampdoria______28 (0)

Canalli – Zagueiro (Botafogo)

1933-1934______Torino______9 (0)

Rato – Meia (Corinthians)

1931-1932______Lazio______28 (4)
1932-1933______Lazio______18 (3)
1933-1934______Lazio______1 (0)

De Maria – Ponta-esquerda (Corinthians)

1931-1932______Lazio______29 (7)
1932-1933______Lazio______28 (7)
1933-1934______Lazio______26 (8)
1934-1935______Lazio______29 (10)

Elisio – Meia (Palestra Itália-SP)

1935-1936______Milan______12 (2)
1936-1937______Milan______27 (6)
1937-1938______Milan______23 (1)
1938-1939______Liguria______26 (9)
1939-1940______Genoa______18 (7)
1940-1941______Genoa______10 (6)

Fernando Giudicelli – Meia (Fluminense)

1931-1932______Torino______28 (1)
1932-1933______Torino______12 (0)

Edson Giudicelli – Zagueiro (Botafogo)

1932-1933______Torino______0 (0)

Filó – Ponta-direita (Corinthians)

1931-1932______Lazio______24 (10)
1932-1933______Lazio______30 (5)
1933-1934______Lazio______33 (13)
1934-1935______Lazio______20 (8)
1935-1936______Lazio______18 (5)
1936-1937______Lazio______2 (0)

Pepe – Médio (Palestra Itália-SP)

1931-1932______Lazio______27 (0)
1932-1933______Lazio______3 (0)
1933-1934______Lazio______15 (0)

Serafini – Médio (Palestra Itália-SP)

1931-1932______Lazio______16 (0)
1932-1933______Lazio______31 (1)
1933-1934______Lazio______27 (22)
1934-1935______Lazio______22 (0)

Ministrinho – Ponta-direita (Palestra Itália-SP)

1931-1932______Juventus______0 (0)
1932-1933______Juventus______24 (7)
1933-1934______Juventus______26 (7)

Tedesco – Meia (Atlético Santista)

1931-1932______Lazio______6 (1)

Gaetano Ragusa – Atacante (Palestra Itália-SP)

1933-1934______Napoli______1 (0)

Duílio – Meia (São Bento-SP)

1933-1934______Lazio______12 (1)

Juvenal Santillo – Zagueiro (Corinthians)

1933-1934______Napoli______2 (0)

Benedicto – Zagueiro (Botafogo)

1933-1934______Torino______29 (6)
1934-1935______Torino______28 (1)
1935-1936______Lazio______26 (0)
1936-1937______Lazio______30 (0)
1937-1938______Lazio______26 (0)
1938-1939______Lazio______28 (4)

Goliardo – Meia-direita (Palestra Itália-SP)

1933-1934______Napoli______1 (0)

Pennacchi – Meia (Monte Sião)

1938-1939______Lucchese______0 (0)

Orlando Fantoni – Zagueiro (Palestra Itália-MG)

1948-1949______Lazio______0 (0)

Curti – Atacante (Juventus-SP)

1947-1948______Genoa______5 (0)

Iezo Amalfi – Meia (São Paulo)

1951-1952______Torino______27 (2)

Dino da Costa – Centroavante (Botafogo)

1955-1956______Roma______34 (12)
1956-1957______Roma______33 (22)
1957-1958______Roma______33 (19)
1958-1959______Roma______27 (15)
1959-1960______Roma______17 (2)
1960-1961______Fiorentina______30 (8)
1961-1962______Roma______5 (1)
1961-1962______Atalanta______19 (6)
1962-1963______Atalanta______33 (12)
1963-1964______Juventus______12 (3)
1964-1965______Juventus______31 (6)
1965-1966______Juventus______8 (2)
1966-1967______Verona______31 (5)
1967-1968______Ascoli______10 (0)

Américo – Meia (Linense)

1955-1956______Vicenza______25 (10)

Julinho – Ponta-direita (Portuguesa)

1955-1956______ Fiorentina______31 (6)
1956-1957______Fiorentina______30 (9)
1957-1958______Fiorentina______28 (7)

Nardo – Meia (Corinthians)

1955-1956______Juventus______21 (7)

Vinícius – Meia (Botafogo)

1955-1956______Napoli______26 (16)
1956-1957______Napoli______34 (18)
1957-1958______Napoli______34 (21)
1958-1959______Napoli______28 (7)
1959-1960______Napoli______30 (7)

1960-1961______Bologna______30 (11)
1961-1962______Bologna______17 (6)
1962-1963______Vicenza______26 (7)
1963-1964______Vicenza______29 (17)
1964-1965______Vicenza______27 (12)
1965-1966______Vicenza______34 (25)
1966-1967______Internazionale______8 (1)
1967-1968______Vicenza______25 (7)

Dido – Meia (Guarani)

1955-1956______Spal Ferrara______24 (3)
1956-1957______Spal Ferrara______24 (1)

Humberto Tozzi – Atacante (Palmeiras)

1956-1957______Lazio______19 (9)
1957-1958______Lazio______25 (7)
1958-1959______Lazio______33 (14)
1959-1960______Lazio______15 (2)

Del Vecchio – Meia (Santos)

1957-1958______Verona______27 (13)
1958-1959______Napoli______25 (13)
1959-1960______Napoli______27 (10)
1960-1961______Napoli______16 (4)
1961-1962______Padova______21 (8)
1962-1963______Milan______9 (3)

Sorio – Meia (Jabaquara)

1957-1958______Spal______21 (1)
1958-1959______Spal______21 (5)

Mazzola – Centroavante (Palmeiras)

1958-1959______Milan______32 (28)
1959-1960______Milan______33 (20)
1960-1961______Milan______34 (22)
1961-1962______Milan______33 (22)
1962-1963______Milan______31 (11)
1963-1964______Milan______30 (14)
1964-1965______Milan______12 (3)
1965-1966______Napoli______34 (14)

1966-1967______Napoli______27 (16)
1967-1968______Napoli______29 (13)
1968-1969______Napoli______21 (5)
1969-1970______Napoli______15 (8)
1970-1971______Napoli______25 (7)
1971-1972______Napoli______29 (8)
1972-1973______Juventus______23 (9)
1973-1974______Juventus______21 (7)
1974-1975______Juventus______20 (8)
1975-1976______Juventus______10 (1)

Bruno Siciliano – Meia-atacante (Botafogo)

1959-1960______Juventus______0 (0)
1960-1961______Vicenza______21 (1)
1961-1962______Venezia______23 (8)
1962-1963______Juventus______12 (4)
1963-1964______Bari______22 (1)

Leonardo Colella – Atacante (Corinthians)

1955-1956______Juventus______21 (5)

Clerici – Centroavante (Portuguesa)

1960-1961______Lecco______10 (2)
1961-1962______Lecco______20 (1)
1962-1963______Lecco______28 (5)
1963-1964______Lecco______37 (10)
1964-1965______Lecco______37 (20)
1965-1966______Lecco______38 (17)
1966-1967______Lecco______31 (4)
1967-1968______Bologna______22 (4)
1968-1969______Atalanta______26 (9)
1969-1970______Verona______25 (8)
1970-1971______Verona______29 (10)
1971-1972______Fiorentina______28 (10)
1972-1973______Fiorentina______24 (10)
1973-1974______Napoli______28 (15)
1974-1975______Napoli______29 (14)
1975-1976______Bologna______28 (8)
1976-1977______Bologna______25 (7)
1977-1978______Lazio______11 (1)

Antoninho – Meia (Botafogo)

1960-1961______Fiorentina______8 (1)
1961-1962______Fiorentina______0 (0)

Battaglia – Atacante (Corinthians)

1961-1962______Catania______0 (0)
1962-1963______Catania______11 (2)
1963-1964______Catania______15 (4)
1964-1965______Atalanta______6 (0)

Almir – Meia

1961-1962______Fiorentina______0 (0)
1962-1963______Genoa______2 (0)

Sormani – Centroavante (Santos)

1961-1962______Mantova______31 (16)
1962-1963______Mantova______33 (13)
1963-1964______Roma______25 (6)
1964-1965______Sampdoria______30 (2)
1965-1966______Milan______32 (21)
1966-1967______Milan______18 (4)
1967-1968______Milan______29 (11)
1968-1969______Milan______29 (4)
1969-1970______Milan______29 (5)
1970-1971______Napoli______25 (5)
1971-1972______Napoli______28 (2)
1972-1973______Fiorentina______9 (0)
1973-1974______Vicenza______24 (5)
1974-1975______Vicenza______22 (4)
1975-1976______ Vicenza ______11 (3)

Dino Sani – Meia (São Paulo)

1961-1962______Milan______20 (5)
1962-1963______Milan______23 (6)
1963-1964______Milan______19 (3)

Germano – Atacante (Flamengo)

1961-1962______Milan______2 (2)
1962-1963______Genoa______12 (2)

Nelsinho – Ponta-esquerda (Palmeiras)

1961-1962______Mantova______4 (0)

Miranda – Atacante (Corinthians)

1962-1963______Juventus______17 (12)

Jair da Costa – Ponta-direita (Portuguesa)

1962-1963______Internazionale______27 (10)
1963-1964______Internazionale______30 (12)
1964-1965______Internazionale______19 (10)
1965-1966______Internazionale______27 (4)
1966-1967______Internazionale______15 (3)
1967-1968______Roma______23 (2)
1968-1969______Internazionale______22 (3)
1969-1970______Internazionale______18 (4)
1970-1971______Internazionale______23 (6)
1971-1972______Internazionale______17 (1)

Fernando – Meia (Sporting)

1961-1962______Palermo______33 (10)
1962-1963______Palermo______29 (3)
1963-1964______Bari______11 (2)
1964-1965______Bari______24 (2)

China – Atacante (Botafogo)

1962-1963______Sampdoria______28 (13)
1963-1964______Sampdoria______25 (9)
1964-1965______Sampdoria______24 (7)
1965-1966______Roma______12 (3)
1966-1967______Vicenza ______12 (4)
1967-1968______Vicenza______0 (0)
1967-1968______Mantova______2 (0)

Carlos César – Ponta-esquerda (Comercial-SP)

1962-1963______Spal______19 (0)
1963-1964______Spal______7 (0)

Faustinho – Meia (Sporting)

1962-1963______Palermo______8 (1)

1963-1964______Palermo______0 (0)
1964-1965______Palermo______6 (1)

Chinesinho – Meia-esquerda (Palmeiras)

1962-1963______Modena______20 (3)
1963-1964______Modena______30 (3)
1964-1965______Catania______29 (2)
1965-1966______Juventus______31 (4)
1966-1967______Juventus______31 (1)
1967-1968______Juventus______23 (3)
1968-1969______Vicenza______24 (4)
1969-1970______Vicenza______24 (1)
1970-1971______Vicenza______30 (5)
1971-1972______Vicenza______12 (0)

Camatta – Meia-atacante (Botafogo)

1962-1963______Venezia______3 (0)
1963-1964______Venezia______0 (0)

Cané – Atacante (Olaria)

1962-1963______Napoli______7 (0)
1963-1964______Napoli______29 (8)
1964-1965______Napoli______29 (12)
1965-1966______Napoli______31 (12)
1966-1967______Napoli______26 (7)
1967-1968______Napoli______19 (4)
1968-1969______Napoli______25 (6)
1969-1970______Bari______22 (2)
1970-1971______Bari (II)______19 (2)
1971-1972______Bari (II)______25 (2)
1972-1973______Napoli______18 (0)
1973-1974______Napoli______28 (7)
1974-1975______Napoli______5 (0)

Nenê – Meia (Santos)

1963-1964______Juventus______28 (11)
1964-1965______Cagliari______26 (5)
1965-1966______Cagliari______28 (1)
1966-1967______Cagliari______32 (4)
1967-1968______Cagliari______27 (5)
1968-1969______Cagliari______30 (1)

1969-1970______Cagliari______28 (3)
1970-1971______Cagliari______30 (1)
1971-1972______Cagliari______27 (1)
1972-1973______Cagliari______28 (1)
1973-1974______Cagliari______22 (0)
1974-1975______Cagliari______20 (1)
1975-1976______Cagliari______13 (0)

Amarildo – Atacante (Botafogo)

1963-1964______Milan______31 (14)
1964-1965______Milan______27 (14)
1965-1966______Milan______24 (2)
1966-1967______Milan______25 (2)
1967-1968______Fiorentina______17 (5)
1968-1969______Fiorentina______25 (6)
1969-1970______Fiorentina______20 (5)
1970-1971______Roma______21 (7)
1971-1972______Roma______12 (3)

Enéas – Meia (Portuguesa)

1980-1981______Bologna______20 (3)

Falcão – Volante (Internacional)

1980-1981______Roma______25 (3)
1981-1982______Roma______24 (6)
1982-1983______Roma______27 (7)
1983-1984______Roma______27 (5)
1984-1985______Roma______4 (1)

Juary – Centroavante (Santos)

1980-1981______Avellino______12 (5)
1981-1982______Avellino______22 (8)
1982-1983______Internazionale______21 (2)
1983-1984______Ascoli______27 (5)
1984-1985______Cremonese______19 (2)

Luís Sílvio – Atacante (Ponte Preta)

1980-1981______Pistoiese______6 (0)

Orlando Lelé – Lateral direito (Vasco)

1981-1982______Udinese______29 (0)

Dirceu – Meia (Vasco)

1982-1983______Verona______29 (2)
1983-1984______Napoli______30 (5)
1984-1985______Ascoli______27 (5)
1985-1986______Como______25 (2)
1986-1987______Avellino______23 (6)

Edinho – Zagueiro (Fluminense)

1982-1983______Udinese______30 (7)
1983-1984______Udinese______29 (4)
1984-1985______Udinese______26 (5)
1985-1986______Udinese______30 (3)
1986-1987______Udinese______23 (3)

Toninho Cerezo – Meia (Atlético-MG)

1983-1984______Roma______30 (6)
1984-1985______Roma______22 (3)
1985-1986______Roma______18 (4)
1986-1987______Sampdoria______28 (3)
1987-1988______Sampdoria______28 (3)
1988-1989______Sampdoria______29 (2)
1989-1990______Sampdoria______21 (2)
1990-1991______Sampdoria______12 (3)
1991-1992______Sampdoria______27 (1)

Elói – Meia (Vasco)

1983-1984______Genoa______17 (0)
1984-1985______Genoa______17 (0)

Batista – Volante (Palmeiras)

1983-1984______Lazio______25 (1)
1984-1985______Lazio______18 (1)
1985-1986______Lazio______0 (0)
1985-1986______Avellino______14 (1)

Luvanor – Meia (Goiás)

1983-1984______Catania______30 (0)

Pedrinho – Lateral esquerdo (Palmeiras)

1983-1984______Catania______27 (3)

Júnior – Meia (Flamengo)

1984-1985______Torino______26 (7)
1985-1986______Torino______30 (4)
1986-1987______Torino______30 (1)
1987-1988______Pescara______28 (3)
1988-1989______Pescara______34 (3)

Sócrates – Meia (Corinthians)

1984-1985______Fiorentina______25 (6)

Branco – Lateral esquerdo (Fluminense)

1986-1987______Brescia______26 (3)
1987-1988______Brescia______24 (1)
1989-1990______Genoa______24 (6)
1991-1992______Genoa______23 (1)
1992-1993______Genoa______24 (1)

Careca – Centroavante (São Paulo)

1987-1988______Napoli______26 (13)
1988-1989______Napoli______30 (19)
1989-1990______Napoli______22 (10)
1990-1991______Napoli______29 (9)
1991-1992______Napoli______33 (15)
1992-1993______Napoli______24 (7)

Casagrande – Centroavante (Corinthians)

1987-1988______Ascoli______27 (6)
1988-1989______Ascoli______8 (4)
1989-1990______Ascoli______24 (6)
1990-1991______Ascoli______37 (22)
1991-1992______Torino______23 (6)
1992-1993______Torino______24 (4)

Dunga – Volante (Vasco)

1987-1988______Pisa______23 (2)
1988-1989______Fiorentina______30 (3)

1989-1990______Fiorentina______28 (0)
1990-1991______Fiorentina______31 (1)
1991-1992______Fiorentina______33 (4)
1992-1993______Fiorentina______0 (0)
1992-1993______Pescara______23 (3)

Andrade – Volante (Flamengo)

1988-1989______Roma______9 (0)

Edmar – Atacante (Corinthians)

1988-1989______Pescara______28 (4)

Edu Marangon – Meia (Portuguesa)

1988-1989______Torino______22 (2)

Evair – Centroavante (Guarani)

1988-1989______Atalanta______25 (10)
1989-1990______Atalanta______19 (5)
1990-1991______Atalanta______32 (10)

Alemão – Volante (Botafogo)

1988-1989______Napoli______16 (3)
1989-1990______Napoli______27 (2)
1990-1991______Napoli______21 (1)
1991-1992______Napoli______29 (3)
1992-1993______Atalanta______22 (2)
1993-1994______Atalanta______18 (0)

Milton – Meia (Coritiba)

1988-1989______Como______34 (4)

Müller – Atacante (São Paulo)

1988-1989______Torino______31 (11)
1989-1990______Torino______27 (11)
1990-1991______Torino______7 (2)
1996-1997______Perugia______6 (0)

Renato Gaúcho – Atacante (Flamengo)

1988-1989______Roma______23 (0)

Tita – Meia (Internacional)

1988-1989______Pescara______25 (9)

João Paulo – Ponta-esquerda

(Guarani)
1989-1990______Bari______33 (6)
1990-1991______Bari______29 (12)
1991-1992______Bari______3 (0)
1992-1993______Bari______11 (2)
1993-1994______Bari______31 (4)

Amarildo – Centroavante (Internacional)

1989-1990______Lazio______29 (8)
1990-1991______Cesena______29 (5)
1991-1992______Cesena______36 (8)

Gerson Caçapa – Volante (Palmeiras)

1989-1990______Bari______33 (1)
1990-1991______Bari______30 (0)
1993-1994______Lecce______31 (3)
1994-1995______Bari______34 (2)
1995-1996______Bari______25 (0)

Geovani – Meia (Vasco)

1989-1990______Bologna______27 (2)

Aldair – Zagueiro (Flamengo)

1990-1991______Roma______29 (2)
1991-1992______Roma______33 (3)
1992-1993______Roma______28 (2)
1993-1994______Roma______12 (0)
1994-1995______Roma______28 (1)
1995-1996______Roma______31 (0)
1996-1997______Roma______32 (2)
1997-1998______Roma______28 (3)
1998-1999______Roma______27 (0)
1999-2000______Roma______34 (1)
2000-2001______Roma______15 (0)
2001-2002______Roma______16 (0)
2002-2003______Roma______15 (0)

Julio César – Zagueiro (Guarani)

1990-1991______Juventus______29 (1)
1991-1992______Juventus______33 (1)
1992-1993______Juventus______16 (1)
1993-1994______Juventus______11 (0)

Silas – Meia (São Paulo)

1990-1991______Cesena______26 (3)
1991-1992______Sampdoria______31 (3)

Taffarel – Goleiro (Internacional)

1990-1991______Parma______34 (0)
1991-1992______Parma______34 (0)
1992-1993______Parma______6 (0)
1993-1994______Reggiana______31 (0)
2001-2002______Parma______5 (0)

Mazinho – Lateral esquerdo (Vasco)

1990-1991______Lecce______34 (2)
1991-1992______Fiorentina______21 (0)

Gaúcho – Centroavante (Flamengo)

1993-1994______Lecce______5 (0)

André Cruz – Zagueiro (Flamengo)

1994-1995______Napoli______30 (7)
1995-1996______Napoli______29 (1)
1996-1997______Napoli______24 (5)
1997-1998______Milan______11 (1)
1998-1999______Milan______2 (0)
1999-2000______Torino______13 (1)

Careca Bianchezi – Atacante (Palmeiras)

1991-1992______Atalanta______29 (8)

Marcão – Atacante (Matsubara)

1994-1995______Torino______4 (0)

Márcio Santos – Zagueiro (Botafogo)

1994-1995______Fiorentina______32 (2)

Caio – Atacante (São Paulo)

1995-1996______Internazionale______6 (0)
1996-1997______Napoli______20 (0)

Roberto Carlos – Lateral esquerdo (Palmeiras)

1995-1996______Internazionale______30 (6)

Amoroso – Atacante (Flamengo)

1996-1997______Udinese______27 (12)
1997-1998______Udinese______25 (5)
1998-1999______Udinese______33 (22)
1999-2000______Parma______16 (4)
2000-2001______Parma______24 (7)
2006-2007______Milan______5 (1)

Amaral – Meia (Palmeiras)

1996-1997______Parma______4 (0)

Beto – Meia (Botafogo)

1996-1997______Napoli______22 (4)

Reinaldo – Atacante (Palmeiras)

1996-1997______Verona______1 (0)

Zé Maria – Lateral direito (Flamengo)

1996-1997______Parma______25 (1)
1997-1998______Parma______20 (0)
1998-1999______Perugia______11 (0)
2000-2001______Perugia______31 (0)
2001-2002______Perugia______34 (3)
2002-2003______Perugia______34 (6)
2003-2004______Perugia______32 (7)
2004-2005______Internazionale______22 (1)
2005-2006______Internazionale______8 (0)

Cafu – Lateral direito (Palmeiras)

1997-1998______Roma______31 (1)

1998-1999______Roma______20 (1)
1999-2000______Roma______28 (2)
2000-2001______Roma______31 (1)
2001-2002______Roma______27 (0)
2002-2003______Roma______26 (0)
2003-2004______Milan______28 (1)
2004-2005______Milan______33 (1)
2005-2006______Milan______19 (1)
2006-2007______Milan______24 (0)
2007-2008______Milan______10 (1)

Paco Soares – Atacante

1997-1998______Sampdoria______8 (1)
1998-1999______Sampdoria______0 (0)
1998-1999______Empoli______0 (0)

Paulo Sérgio – Atacante (Corinthians)

1997-1998______Roma______34 (12)
1998-1999______Roma______30 (12)

Adailton – Atacante (Guarani)

1997-1998______Parma______13 (2)
1999-2000______Verona______28 (7)
2000-2001______Verona______18 (4)
2001-2002______Verona______3 (1)
2006-2007______Genoa______26 (11)
2007-2008______Bologna______17 (5)

Ronaldo – Atacante (Cruzeiro)

1997-1998______Internazionale______32 (25)
1998-1999______Internazionale______19 (14)
1999-2000______Internazionale______7 (3)
2000-2001______Internazionale______0 (0)
2001-2002______Internazionale______10 (7)
2006-2007______Milan______14 (7)
2007-2008______Milan______6 (2)

Edmundo – Atacante (Vasco)

1997-1998______Fiorentina______9 (4)
1998-1999______Fiorentina______28 (8)

2000-2001______Napoli______17 (4)

Binho – Zagueiro (Londrina)

1997-1998______Empoli______9 (0)
1998-1999______Empoli______21 (0)
1999-2000______Empoli______0 (0)

Leonardo – Meia (São Paulo)

1997-1998______Milan______27 (3)
1998-1999______Milan______27 (12)
1999-2000______Milan______19 (4)
2000-2001______Milan______22 (30)

Jorginho Paulista – Lateral esquerdo (Palmeiras)

1998-1999______Udinese______0 (0)
1999-1900______Udinese______3 (0)

Santos – Atacante (União Barbarense)

1998-1999______Salernitana______0 (0)

Lima – Meia (União São João)

1998-1999______Lecce______32 (1)
1999-2000______Lecce______29 (0)
2000-2001______Roma______28 (0)
2001-2002______Roma______25 (0)
2002-2003______Roma______27 (0)
2003-2004______Roma______25 (0)

Marco Aurélio – Zagueiro (Vasco)

1998-1999______Vicenza______14 (0)

Marcos Assunção – Meia (Flamengo)

1999-2000______Roma______20 (1)

Pinga – Atacante (Juventus – amadores)

1999-2000______Torino______7 (2)
2005-2006______Treviso______24 (3)

Serginho – Lateral esquerdo (São Paulo)

1999-2000______Milan______24 (2)
2000-2001______Milan______21 (4)
2001-2002______Milan______27 (4)
2002-2003______Milan______21 (3)
2003-2004______Milan______20 (0)
2004-2005______Milan______23 (5)
2005-2006______Milan______33 (0)
2006-2007______Milan______7 (0)
2007-2008______Milan______9 (0)

Juarez – Zagueiro (Portuguesa)

1999-2000______Lecce______33 (0)
2000-2001______Lecce______25 (0)
2001-2002______Lecce______0 (0)

Alberto – Zagueiro (Atlético-PR)

1999-2000______Udinese______14 (0)
2000-2001______Udinese______11 (0)
2001-2002______Udinese______1 (0)
2002-2003______Udinese______20 (1)
2003-2004______Udinese______21 (0)
2004-2005______Udinese______2 (0)
2005-2006______Siena______31 (0)
2006-2007______Siena______16 (0)
2007-2008______Siena______5 (0)

Fábio Bilica – Zagueiro (Vitória)

1998-1999______Venezia______12 (0)
1999-2000______Venezia______18 (0)
2001-2002______Venezia______28 (0)
2002-2003______Brescia______11 (0)
2002-2003______Palermo______12 (0)
2004-2005______Ancona______16 (1)

Catê – Atacante (São Paulo)

1998-1999______Sampdoria______15 (1)
1999-2000______Sampdoria______2 (0)

Doriva – Meia (Atlético-MG)

1998-1999______Sampdoria______17 (1)

1999-2000______Sampdoria______31 (3)

Emérson – Atacante (São Paulo)

1998-1999______Perugia______2 (0)

Eriberto Luciano – Meia (Palmeiras)

1998-1999______Bologna______19 (1)
1999-2000______Bologna______14 (1)
2001-2002______Chievo______30 (4)
2002-2003______Chievo______16 (1)
2003-2004______Internazionale______5 (0)
2004-2005______Chievo______12 (1)
2005-2006______Chievo______19 (1)
2006-2007______Chievo______26 (1)
2008-2009______Chievo______34 (2)

Esquerdinha – Atacante (Joinville)

1998-1999______Lecce______0 (0)

Fábio Júnior – Atacante (Cruzeiro)

1998-1999______Roma______7 (3)
1999-2000______Roma______9 (1)

Gilberto – Zagueiro (Cruzeiro)

1999-2000______Internazionale______2 (0)

Antônio Carlos – Zagueiro (Corinthians)

1997-1998______Roma______12 (0)
1998-1999______Roma______28 (0)
1999-2000______Roma______27 (2)
2000-2001______Roma______28 (0)
2001-2002______Roma______12 (0)

Vágner – Volante (Santos)

1997-1998______Roma______11 (0)

Tácio – Meia (Vitória)

1998-1999______Venezia______0 (0)

Tuta – Atacante (Atlético-PR)

1998-1999______Venezia______18 (3)

Warley – Atacante (São Paulo)

1999-2000______Udinese______15 (3)
2001-2002______Udinese______6 (0)

Piá – Meia (sem clube)

1999-2000______Atalanta______23 (10)
2000-2001______Atalanta______18 (7)
2001-2002______Atalanta______9 (1)
2002-2003______Atalanta______12 (0)
2003-2004______Atalanta______10 (0)
2004-2005______Atalanta______10 (0)
2007-2008______Catania______7 (0)
2008-2009______Napoli______15 (4)

Amauri – Centroavante (Palmeiras)

2000-2001______Napoli______4 (1)
2001-2002______Napoli______6 (0)
2002-2003______Chievo______29 (4)
2003-2004______Chievo______29 (4)
2004-2005______Chievo______24 (2)
2005-2006______Chievo______37 (11)
2006-2007______Palermo______18 (8)
2007-2008______Palermo______24 (14)
2008-2009______Juventus______31 (12)

Claiton – Zagueiro (Campo Grande-RJ)

2000-2001______Bologna______1 (0)

Da Silva – Meia (Campo Grande-RJ)

2000-2001______Fiorentina______0 (0)
2001-2002______Bologna______0 (0)

Émerson – Volante (Grêmio)

2000-2001______Roma______13 (3)
2001-2002______Roma______28 (5)
2002-2003______Roma______31 (2)

2003-2004______Roma______33 (3)
2004-2005______Juventus______32 (2)
2005-2006______Juventus______34 (2)
2007-2008______Milan______3 (0)
2008-2009______Milan______12 (0)

Jeda – Atacante (Campinas)

2000-2001______Vicenza______11 (1)
2003-2004______Palermo______16 (3)
2007-2008______Cagliari______20 (3)

Leandro Amaral – Centroavante (Portuguesa)

2000-2001______Fiorentina______19 (5)

Vampeta – Volante (Corinthians)

2000-2001______Internazionale______1 (0)

Adriano – Centroavante (Flamengo)

2001-2002______Fiorentina______15 (6)
2001-2002______Internazionale______8 (1)
2002-2003______Parma______28 (16)
2003-2004______Internazionale______16 (9)
2003-2004______Parma______9 (8)
2004-2005______Internazionale______30 (16)
2005-2006______Internazionale______30 (13)
2006-2007______Internazionale______23 (5)
2007-2008______Internazionale______4 (1)
2008-2009______Internazionale______12 (3)

Dida – Goleiro (Corinthians)

2000-2001______Milan______1 (0)
2001-2002______Milan______0 (0)
2002-2003______Milan______30 (0)
2003-2004______Milan______32 (0)
2004-2005______Milan______36 (0)
2005-2006______Milan______36 (0)
2006-2007______Milan______25 (0)
2007-2008______Milan______13 (0)
2008-2009______Milan______9 (0)

Athirson – Lateral esquerdo (Flamengo)

1999-2000______Juventus______0 (0)
2000-2001______Juventus______5 (0)
2001-2002______Juventus______0 (0)
2002-2003______Juventus______0 (0)

Roque Júnior – Zagueiro (Palmeiras)

2000-2001______Milan______22 (0)
2001-2002______Milan______18 (0)
2002-2003______Milan______4 (0)
2003-2004______Siena______5 (0)

Júnior – Lateral esquerdo (Palmeiras)

2000-2001______Parma______19 (3)
2001-2002______Parma______28 (0)
2002-2003______Parma______28 (0)
2003-2004______Parma______27 (0)
2004-2005______Siena______12 (0)

Matuzalem – Volante (Vitória)

2000-2001______Napoli______26 (1)
2001-2002______Piacenza______28 (3)
2002-2003______Brescia______30 (0)
2003-2004______Brescia______30 (3)
2008-2009______Lazio______14 (1)

César – Lateral esquerdo (São Caetano)

2001-2002______Lazio______15 (0)
2002-2003______Lazio______26 (3)
2003-2004______Lazio______14 (6)
2004-2005______Lazio______20 (3)
2005-2006______Lazio______11 (1)
2005-2006______Internazionale______8 (1)
2006-2007______Livorno______9 (1)
2007-2008______Internazionale______5 (1)

Marcos Paulo – Volante (Cruzeiro)

2001-2002______Udinese______14 (1)

Felipe – Zagueiro (Guaratinguetá)

2001-2002______Udinese______0 (0)
2002-2003______Udinese______4 (0)
2003-2004______Udinese______16 (0)
2004-2005______Udinese______31 (0)
2005-2006______Udinese______35 (3)
2006-2007______Udinese______12 (1)
2007-2008______Udinese______22 (1)
2008-2009______Udinese______16 (2)

Cribari – Zagueiro (Londrina)

2002-2003______Empoli______30 (0)
2003-2004______Empoli______31 (1)
2004-2005______Udinese______8 (0)
2005-2006______Lazio______29 (0)
2006-2007______Lazio______23 (1)
2007-2008______Lazio______32 (0)
2008-2009______Lazio______17 (0)

Kaká – Meia (São Paulo)

2003-2004______Milan______30 (10)
2004-2005______Milan______26 (7)
2005-2006______Milan______35 (15)
2006-2007______Milan______31 (8)
2007-2008______Milan______30 (15)
2008-2009______Milan______30 (15)

Rivaldo – Meia (Barcelona)

2002-2003______Milan______22 (5)

Mancini – Meia (Atlético-MG)

2003-2004______Roma______33 (8)
2004-2005______Roma______34 (4)
2005-2006______Roma______27 (12)
2006-2007______Roma______29 (8)
2007-2008______Roma______31 (8)
2008-2009______Internazionale______20 (0)

Taddei – Meia (Palmeiras)

2003-2004______Siena______27 (8)
2004-2005______Siena______21 (3)

2005-2006______Roma______38 (8)
2006-2007______Roma______29 (5)
2007-2008______Roma______26 (6)
2008-2009______Roma______28 (1)

Babú – Atacante (sem clube)

2004-2005______Lecce______15 (3)
2005-2006______Lecce______11 (1)
2007-2008______Catania______5 (0)

Doni – Goleiro (Juventude)

2005-2006______Roma______28 (0)
2006-2007______Roma______32 (0)
2007-2008______Roma______37 (0)
2008-2009______Roma______28 (0)

Arthur – Goleiro (Cruzeiro)

2008-2009______Roma______10 (0)

Coelho – Lateral direiro (Atlético-MG)

2008-2009______Bologna______12 (0)

Júlio César – Goleiro (Flamengo)

2005-2006______Internazionale______29 (0)
2006-2007______Internazionale______32 (0)
2007-2008______Internazionale______34 (0)
2008-2009______Internazionale______35 (0)

Fabiano – Meia (Vitória)

2001-2002______Atalanta______0 (0)

Carlos Eduardo Rincón – Zagueiro (São Paulo)

2005-2006______Empoli______0 (0)
2006-2007______Empoli______5 (0)
2007-2008______Empoli______0 (0)

Fábio Simplício – Volante (São Paulo)

2004-2005______Parma______34 (4)
2005-2006______Parma______37 (10)

2006-2007______Palermo______33 (5)
2007-2008______Palermo______32 (5)
2008-2009______Palermo______36 (8)

Adriano – Zagueiro (Grêmio)

2004-2005______Atalanta______10 (2)
2005-2006______Atalanta______35 (1)

Rafael – Lateral direito (Flamengo)

2004-2005______Messina______25 (1)
2005-2006______Messina______16 (1)

Éder – Atacante (Criciúma)

2005-2006______Empoli______0 (0)
2006-2007______Empoli______5 (0)

Felipe – Zagueiro (sem clube)

2008-2009______Roma______3 (1)

César Prates – Lateral direito (Botafogo)

2005-2006______Livorno______33 (0)
2006-2007______Chievo______3 (0)

Guilherme – Lateral esquerdo (Figueirense)

2005-2006______Internazionale______0 (0)
2006-2007______Udinese______16 (0)
2007-2008______Udinese______4 (0)

Maxwell – Lateral esquerdo (Cruzeiro)

2005-2006______Empoli______0 (0)
2006-2007______Internazionale______22 (1)
2007-2008______Internazionale______31 (0)
2008-2009______Internazionale______25 (1)

Paulinho Betanin – Atacante (Juventude)

2004-2005______Livorno______4 (0)
2005-2006______Livorno______11 (0)
2006-2007______Livorno______4 (2)

Reginaldo – Atacante (sem clube)

2005-2006______Treviso______30 (5)
2006-2007______Fiorentina______27 (6)
2007-2008______Parma______25 (0)

Barreto – Atacante (sem clube)

2005-2006______Udinese______27 (4)

Ricardo Oliveira – Centroavante (São Paulo)

2006-2007______Milan______26 (3)

Maicon – Lateral direito (Cruzeiro)

2006-2007______Internazionale______32 (2)
2007-2008______Internazionale______31 (1)
2008-2009______Internazionale______28 (4)

Júlio Sérgio – Goleiro (Juventude)

2006-2007______Roma______0 (0)
2007-2008______Roma______0 (0)
2008-2009______Roma______0 (0)

Caetano – Atacante (sem clube)

2007-2008______Siena______0 (0)

Joélson – Atacante (sem clube)

2007-2008______Reggina______0 (0)

Digão – Zagueiro (São Paulo)

2007-2008______Milan______0 (0)

Packer – Meia (Juventus-SC)

2007-2008______Siena______0 (0)
2008-2009______Siena______1 (0)

Pato – Atacante (Internacional)

2007-2008______Milan______18 (9)
2008-2009______Milan______35 (14)

Cicinho – Lateral direito (São Paulo)

2007-2008______Roma______30 (2)
2008-2009______Roma______22 (1)

Juan – Zagueiro (Bayer Leverkusen)

2007-2008______Roma______22 (2)
2008-2009______Roma______21 (2)

Rubinho – Goleiro (Corinthians)

2007-2008______Genoa______29 (0)
2008-2009______Genoa______37 (0)

Thiago Motta – Volante (Barcelona)

2008-2009______Genoa______26 (16)

Gleison – Zagueiro (Comercial-SP)

2007-2008______Genoa______15 (0)
2008-2009______Reggina______24 (0)

Caetano – Atacante (Ipatinga)

2007-2008______Siena______2 (0)
2008-2009______Siena______0 (0)

Danilo – Meia (União São João)

2007-2008______Genoa______0 (0)

Fabiano – Lateral esquerdo (Palmeiras)

2007-2008______Genoa______0 (0)

Fabiano – Meia (Vitória)

2008-2009______Lecce______33 (0)

Edinho – Meia (Araruama)

2008-2009______Lecce______14 (1)

Kerlon – Atacante (Cruzeiro)

2008-2009______Chievo______3 (0)

Adaílton – Atacante (Juventude)

2008-2009______Bologna______23 (1)

Ferreira Pinto – Atacante (sem clube)

2006-2007______Atalanta______33 (2)
2007-2008______Atalanta______36 (4)
2008-2009______Atalanta______26 (3)

César – Zagueiro (Fluminense)

2003-2004______Chievo______1 (0)
2004-2005______Chievo______5 (1)
2006-2007______Catania______9 (0)
2008-2009______Chievo______3 (0)

Felipe Melo – Meia (Almeria)

2008-2009______Fiorentina______28 (2)

Ângelo – Lateral direito (Criciúma)

2004-2005______Lecce______17 (0)
2005-2006______Lecce______12 (0)
2008-2009______Lecce______10 (4)

BRASILEIROS NA ESPANHA

Fernando Giudicelli – Médio (Fluminense)

1935-1936______Real Madrid______1 (0)

Lúcio da Silva – Médio

1947-1948______Barcelona______3 (1)

Evaristo – Atacante (Flamengo)

1957-1958______Barcelona______24 (13)
1958-1959______Barcelona______23 (20) C*
1959-1960______Barcelona______24 (14) C*
1960-1961______Barcelona______21 (11)
1961-1962______Barcelona______22 (20)
1962-1963______Real Madrid______7 (3)
1963-1964______Real Madrid______10 (1)

* Campeão.

Brandão – Ponta-esquerda (Santos)

1957-1958______Celta______16 (5)
1958-1959______Celta______26 (4)
1959-1960______Espanyol______9 (1)
1960-1961______Oviedo______10 (0)

Machado – Atacante (Madureira)

1957-1958______Valencia______12 (9)
1958-1959______Valencia______13 (7)
1959-1960______Valencia______3 (0)

Walter Marciano – Meia (Vasco)

1957-1958______ Valencia______25 (13)
1958-1959______Valencia______4 (7)
1959-1960______Valencia______25 (4)
1960-1961______Valencia______7 (2)

Vavá – Centroavante (Vasco)

1958-1959______Atl. de Madrid______27 (16)

1959-1960______Atl. de Madrid______29 (10)
1960-1961______Atl. de Madrid______15 (5)

Décio Recaman – Zagueiro (Bangu)

1958-1959______Espanyol______22 (4)
1959-1960______Espanyol______21 (6)
1960-1961______Espanyol______21 (4)
1961-1962______Valencia______25 (5)
1962-1963______Valencia______4 (0)

Duca – Meia-direita (Flamengo)

1958-1959______Zaragoza______5 (4)
1959-1960______Zaragoza______12 (4)
1960-1961______Zaragoza______21 (6)
1961-1962______Zaragoza______26 (11)
1962-1963______Zaragoza______14 (3)
1963-1964______Zaragoza______17 (3)
1964-1965______Zaragoza______3 (1)
1965-1966______Mallorca______14 (1)

Wilson Moreira – Centroavante (Vasco)

1958-1959______Betis______26 (7)

Joel – Ponta-direita (Flamengo)

1958-1959______Valencia______22 (7)
1959-1960______Valencia______26 (8)
1960-1961______Valencia______9 (1)

Álvaro – Centroavante (Santos)

1959-1960______Atl. de Madrid______10 (1)

Ramiro – Zagueiro (Santos)

1959-1960______Atl. de Madrid______16 (1)
1960-1961______Atl. de Madrid______24 (11)
1961-1962______Atl. de Madrid______16 (4)
1962-1963______Atl. de Madrid______20 (4)
1963-1964______Atl. de Madrid______23 (4)
1964-1965______Atl. de Madrid______18 (0)

Índio – Centroavante (Corinthians)

1959-1960______Espanyol______19 (9)
1960-1961______Espanyol______17 (8)
1961-1962______Espanyol______27 (8)

Canário – Ponta-direita (América-RJ)

1959-1960______Real Madrid______5 (0)
1960-1961______Real Madrid______19 (5)
1961-1962______Real Madrid______4 (0)
1962-1963______Sevilla______30 (5)
1963-1964______Zaragoza______25 (6)
1964-1965______Zaragoza______28 (12)
1965-1966______Zaragoza______29 (11)
1966-1967______Zaragoza______19 (4)
1967-1968______Zaragoza______16 (2)

Didi – Meia-direita (Botafogo)

1956-1960______Real Madrid______19 (6)

Martins – Centroavante (Cruzeiro)

1961-1962______Mallorca______3 (1)

Waldo – Centroavante (Fluminense)

1961-1962______Valencia______30 (14)
1962-1963______ Valencia______27 (12)
1963-1964______ Valencia______22 (18)
1964-1965______Valencia______25 (21)
1965-1966______Valencia______19 (6)
1966-1967______ Valencia______30 (24)
1967-1968______Valencia______27 (11)
1968-1969______Valencia ______21 (6)
1969-1970______Valencia______14 (3)

João Jorge – Ponta-direita (Palmeiras)

1962-1963______Oviedo______12 (4)

Livinho – Meia-direita (Vasco)

1962-1963______Oviedo______2 (1)
1963-1964______Oviedo______1 (0)

Chicão – Lateral esquerdo (Botafogo)

1962-1963______Valencia______24 (2)
1963-1964______Valencia______9 (1)

Almir – Meia-direita

1963-1964______Levante______10 (2)

Vanderlei – Meia-esquerda

1963-1964______Levante______22 (7)
1964-1965______Levante______22 (4)
1964-1965______Málaga______16 (4)
1965-1966______Málaga______11 (4)

Espanhol* – Ponta-direita (Flamengo)

1964-1965______Atl. de Madrid______27 (6)
1965-1966______Atl. de Madrid______27 (3)
1966-1967______Atl. de Madrid______23 (3)
1967-1968______Atl. de Madrid______26 (1)
1968-1969______Atl. de Madrid______20 (3)
1969-1970______Atl. de Madrid______30 (4)
1970-1971______Atl. de Madrid______30 (3)
1971-1972______Atl. de Madrid______27 (1)
1972-1973______Atl. de Madrid______24 (1)
1973-1974______Atl. de Madrid______12 (0)
1974-1975______Rac. Santander______27 (7)

* José Armando Ufarte Veloso nasceu em Pontevedra, na Espanha, mas cresceu no Brasil e jogou no Corinthians e no Flamengo.

Toto – Atacante (Santos)

1969-1970______Zaragoza______11 (1)
1972-1973______Zaragoza______14 (2)

Becerra – Volante

1971-1972______Atl. de Madrid______20 (1)
1972-1973______Atl. de Madrid______30 (6)
1973-1974______Atl. de Madrid______28 (7)
1974-1975______Atl. de Madrid______19 (2)
1975-1976______Atl. de Madrid______1 (0)
1976-1977______Atl. de Madrid______1 (0)

Marinho Peres – Zagueiro (Santos)

1974-1975______Barcelona______17 (3)
1975-1976______Barcelona______3 (0)

Jeremias – Atacante (Fluminense)

1975-1976______Espanyol______24 (4)
1976-1977______Espanyol______28 (11)
1977-1978______Espanyol______13 (5)

Leivinha – Meia-direita (Palmeiras)

1975-1976______Atl. de Madrid______31 (18)
1976-1977______Atl. de Madrid______15 (8)
1977-1978______Atl. de Madrid______19 (7)
1978-1979______Atl. de Madrid______18 (7)

Luís Pereira – Zagueiro (Palmeiras)

1975-1976______Atl. de Madrid______21 (3)
1976-1977______Atl. de Madrid______32 (4)
1977-1978______Atl. de Madrid______30 (2)
1978-1979______Atl. de Madrid______31 (2)
1979-1980______Atl. de Madrid______29 (3)

Duda – Meia (Sport)

1975-1976______Sevilla______13 (1)

Alcântara – Centroavante (São Bento)

1975-1976______Gijón______2 (0)

Bill – Centroavante

1977-1978______Barcelona______5 (3)
1978-1979______Barcelona______4 (0)
1979-1980______Espanyol______14 (2)

Ademir – Meia (São Paulo)

1978-1979______Celta______4 (1)
1982-1983______Celta______1 (0)

Odair – Atacante

1979-1980______Almeria______2 (0)

Dirceu – Ponta-esquerda (Vasco)

1979-1980______Atl. de Madrid______24 (5)
1980-1981______Atl. de Madrid______28 (9)
1981-1982______Atl. de Madrid______32 (4)

Roberto Dinamite – Centroavante (Vasco)

1979-1980______Barcelona______8 (2)

Gil – Ponta-direita (Botafogo)

1980-1981______Murcia______14 (7)

Carlos Alberto Pintinho – Volante (Vasco)

1981-1982______Sevilla______12 (5)
1982-1983______Sevilla______27 (11)
1983-1984______Sevilla______26 (5)
1984-1985______Sevilla______21 (2)
1985-1986______Cádiz______11 (0)

César – Centroavante (Vasco)

1981-1982______Sevilla______18 (4)
1982-1983______Sevilla______9 (1)

Luisinho – Centroavante (América)

1981-1982______Las Palmas______15 (3)

Guina – Meia (Vasco)

1983-1984______Murcia______25 (0)
1984-1985______Murcia______23 (1)
1986-1987______Murcia______18 (2)
1989-1990______Tenerife______27 (6)

Baltazar – Centroavante (Botafogo)

1985-1986______Celta______32 (6)
1987-1988______Celta______16 (7)
1988-1989______Atl. de Madrid______36 (35)
1989-1990______Atl. de Madrid______38 (18)
1990-1991______Atl. de Madrid______3 (0)

Alemão – Volante (Botafogo)

1986-1987______Atl. de Madrid______4 (1)
1987-1988______Atl. de Madrid______31 (5)

Brasi – Meia

1986-1987______Murcia______12 (0)

Luís Carlos – Centroavante (Santos)

1987-1988______Murcia______1 (0)

Josimar – Lateral direito (Botafogo)

1987-1988______Sevilla______13 (0)

Donato – Zagueiro (Vasco)

1988-1989______Atl. de Madrid______37 (4)
1989-1990______Atl. de Madrid______34 (2)
1990-1991______Atl. de Madrid______25 (0)
1991-1992______Atl. de Madrid______36 (1)
1992-1993______Atl. de Madrid______31 (4)
1993-1994______Dep. Coruña______36 (10)
1994-1995______Dep. Coruña______36 (8)
1995-1996______Dep. Coruña______39 (5)
1996-1997______Dep. Coruña______39 (3)
1997-1998______Dep. Coruña______30 (1)
1998-1999______Dep. Coruña______31 (1)
1999-2000______Dep. Coruña______29 (3)
2000-2001______Dep. Coruña______29 (3)
2001-2002______Dep. Coruña______17 (2)
2002-2003______Dep. Coruña______16 (2)

Amarildo – Centroavante (Internacional)

1988-2989______Celta______34 (16)
1992-1993______Logroñés______22 (1)

Tato – Ponta-esquerda (Fluminense)

1988-1989______Elche______4 (0)

Aloísio – Zagueiro (Internacional)

1988-1989______Barcelona______27 (0)
1989-1990______Barcelona______21 (0)

Cícero Ramalho – Meia (Ceará)

1988-1989______Murcia______6 (0)

Nílson – Centroavante (Internacional)

1989-1990______Celta______10 (2)
1993-1994______Albacete______25 (8)
1994-1995______Valladolid______24 (6)

Toni – Centroavante (São José)

1989-1990______Valencia______36 (6)
1990-1991______Valencia______36 (1)
1991-1992______Valencia______12 (0)
1992-1993______Valencia______1 (0)

Fabiano – Meia (São José)

1989-1990______Celta______31 (1)
1994-1995______Compostela______35 (2)
1995-1996______Compostela______35 (5)
1996-1997______Compostela______39 (6)
1997-1998______Compostela______37 (4)

Maurício – Ponta-direita (Internacional)

1989-1990______Celta______19 (2)

Charles – Centroavante (Bahia)

1989-1990______Málaga______2 (0)

Gílson – Centroavante (Grêmio)

1990-1991______Logroñés______34 (6)

Cuca – Meia-direta (Grêmio)

1990-1991______Valladolid______12 (4)

Luís Eduardo – Zagueiro (Grêmio)

1990-1991______Valladolid______25 (0)

Maurício Casas – Meia

1990-1991______Castellón______9 (0)

Ricardo Rocha – Zagueiro (São Paulo)

1991-1992______Real Madrid______36 (0)
1992-1993______Real Madrid______31 (0)

Leonardo – Lateral esquerdo (São Paulo)

1991-1992______Valencia______36 (4)
1992-1993______Valencia______34 (3)

Jordão – Centroavante

1991-1992______Cádiz______2 (0)

Cléber – Zagueiro (Atlético-MG)

1991-1992______Lorgroñés______17 (1)
1992-1993______Logroñés______26 (2)
1993-1994______Logroñés______3 (0)

Mário Tilico – Ponta-direita (Cruzeiro)

1991-1992______Cádiz______15 (8)
1993-1994______Atl. de Madrid______1 (0)

Dinho – Volante (Sport)

1991-1992______Dep. Coruña______2 (1)

Antônio Carlos – Zagueiro (São Paulo)

1991-1992______Dep. Coruña______2 (1)

Bebeto – Atacante (Vasco)

1992-1993______Dep. Coruña______37 (29)
1993-1994______Dep. Coruña______34 (16)
1994-1995______Dep. Coruña______26 (16)
1995-1996______Dep. Coruña______36 (25)
1996-1997______Sevilla______5 (0)

Mauro Silva – Volante (Bragantino)

1992-1993______Dep. Coruña______37 (0)
1993-1994______Dep. Coruña______35 (1)
1994-1995______Dep. Coruña______6 (0)
1995-1996______Dep. Coruña______22 (0)
1996-1997______Dep. Coruña______32 (0)

1997-1998______Dep. Coruña______31 (0)
1998-1999______Dep. Coruña______36 (0)
1999-2000______Dep. Coruña______33 (0)
2000-2001______Dep. Coruña______31 (0)
2001-2002______Dep. Coruña______27 (0)
2002-2003______Dep. Coruña______32 (0)
2003-2004______Dep. Coruña______27 (0)
2004-2005______Dep. Coruña______20 (0)

Marcelo – Atacante (Fluminense)

1992-1993______Rayo Vallecano______9 (1)

Macedo – Atacante (São Paulo)

1992-1993______Cádiz______7 (2)

Vítor – Lateral direito (São Paulo)

1993-1994______Real Madrid______3 (0)

Luizinho – Volante (Vasco)

1993-1994______Celta______10 (0)

Moacir – Volante (Atlético-MG)

1993-1994______Atl. de Madrid______11 (1)
1994-1995______Sevilla______17 (1)
1995-1996______Sevilla______13 (1)

Romário – Centroavante (Vasco)

1993-1994______Barcelona______33 (30)
1994-1995______Barcelona______13 (4)
1996-1997______Valencia______5 (4)
1997-1998______Valencia______6 (1)

Ivan Rocha – Zagueiro (São Paulo)

1993-1994______Valladolid______35 (3)
1994-1995______Atl. De Madrid______13 (2)
1996-1997______Logroñés______5 (0)
1997-1998______Mallorca______7 (0)
1998-1999______Alavés______24 (0)
1999-2000______Numancia______28 (1)

Marlon – Atacante (Guarani)

1993-1994______Valladolid______10 (0)

Mazinho – Volante (Palmeiras)

1994-1995______Valencia______31 (0)
1995-1996______Valencia______40 (0)
1996-1997______Celta______40 (3)
1997-1998______Celta______37 (1)
1998-1999______Celta______31 (4)
1999-2000______Celta______6 (0)

Sílvio – Centroavante (Bragantino)

1994-1995______Logroñés______14 (3)

Cafu – Lateral direito (São Paulo)

1994-1995______Zaragoza______16 (0)

Viola – Centroavante (Corinthians)

1995-1996______Valencia______30 (11)

Guilherme – Centroavante (São Paulo)

1995-1996______Rayo Vallecano______34 (10)
1996-1997______Rayo Vallecano______38 (14)

Sinval – Centroavante (Botafogo)

1995-1996______Mérida______38 (5)
1997-1998______Mérida______37 (5)

Rivaldo – Meia (Palmeiras)

1996-1997______Dep. Coruña______41 (21)
1997-1998______Barcelona______34 (19)
1998-1999______Barcelona______37 (24)
1999-2000______Barcelona______31 (12)
2000-2001______Barcelona______35 (23)
2001-2002______Barcelona______20 (8)

Roberto Carlos – Lateral esquerdo (Palmeiras)

1996-1997______Real Madrid______37 (5)
1997-1998______Real Madrid______35 (4)

1998-1999______Real Madrid______35 (5)
1999-2000______Real Madrid______35 (4)
2000-2001______Real Madrid______36 (5)
2001-2002______Real Madrid______31 (2)
2002-2003______Real Madrid______37 (5)
2003-2004______Real Madrid______32 (5)
2004-2005______Real Madrid______34 (3)
2005-2006______Real Madrid______35 (5)
2006-2007______Real Madrid______23 (3)

Júlio César – Zagueiro (Milan)

1996-1997______Valladolid______25 (0)
1997-1998______Valladolid______16 (2)
1998-1999______Valladolid______19 (2)
1999-2000______Real Madrid______21 (0)
2000-2001______Real Sociedad______16 (1)
2003-2004______Valladolid______28 (1)

Ronaldo – Centroavante (Cruzeiro)

1996-1997______Barcelona______37 (34)
2002-2003______Real Madrid______31 (23)
2003-2004______Real Madrid______32 (24)
2004-2005______Real Madrid______34 (21)
2005-2006______Real Madrid______23 (14)
2006-2007______Real Madrid______7 (1)

Giovanni – Meia (Santos)

1996-1997______Barcelona______30 (7)
1997-1998______Barcelona______27 (9)
1998-1999______Barcelona______14 (2)

Edu Manga – Meia (Corinthians)

1996-1997______Valladolid______37 (0)
1997-1998______Valladolid______13 (0)

William – Meia (Vitória Guimarães)

1996-1997______Compostela______20 (1)
1997-1998______Compostela______13 (1)

Leandro Machado – Atacante (Internacional)

1996-1997______Valencia______23 (8)
1998-1999______Tenerife______3 (0)

Renaldo – Atacante (Atlético-MG)

1996-1997______ Dep. Coruña______23 (5)

Flávio Conceição – Volante (Palmeiras)

1996-1997______Dep. Coruña______12 (1)
1997-1998______Dep. Coruña______27 (3)
1998-1999______Dep. Coruña______31 (1)
1999-2000______Dep. Coruña______27 (4)
2000-2001______Real Madrid______14 (0)
2001-2002______Real Madrid______9 (0)
2002-2003______Real Madrid______22 (1)

Gilmar – Zagueiro (Cruzeiro)

1996-1997______Zaragoza______22 (0)
1997-1998______Zaragoza______25 (0)
1998-1999______Zaragoza______1 (0)
1999-2000______Rayo Vallecano______2 (0)

Souza – Volante (Bahia)

1996-1997______Gijón______20 (0)

Maurício Pantera – Atacante (Santa Cruz)

1996-1997______Compostela______3 (0)

Kelly – Meia (Bragantino)

1996-1997______Logroñés______12 (1)

Zé Roberto – Meia (Portuguesa)

1996-1997______Real Madrid______9 (0)
1997-1998______Real Madrid______6 (0)

Andrei – Zagueiro (Atlético-MG)

1997-1998______Atl. de Madrid______31 (4)

Juninho Paulista – Meia (São Paulo)

1997-1998______Atl. de Madrid______23 (5)

1998-1999______Atl. de Madrid______36 (8)

Palhinha – Meia (Cruzeiro)

1997-1998______Mallorca______9 (0)

Luizão – Centroavante (Palmeiras)

1997-1998______Dep. Coruña______13 (4)

Ânderson – Centroavante (Vasco)

1997-1998______Barcelona______23 (10)
1998-1999______Barcelona______24 (6)
2003-2004______Villarreal______35 (12)
2004-2005______Villarreal______3 (1)

Djalminha – Meia (Palmeiras)

1997-1998______Dep. Coruña______26 (8)
1998-1999______Dep. Coruña______30 (8)
1999-2000______Dep. Coruña______31 (10)
2000-2001______Dep. Coruña______21 (9)
2001-2002______Dep. Coruña______18 (1)
2002-2003______Dep. Coruña______11 (2)

Giovanella – Meia (Internacional)

1997-1998______Salamanca______37 (2)
1998-1999______Salamanca______33 (1)
1999-2000______Celta______34 (0)
2000-2001______Celta______33 (1)
2001-2002______Celta______27 (0)
2002-2003______Celta______16 (0)
2003-2004______Celta______16 (0)
2005-2006______Celta______2 (0)

Marcelinho – Meia (Corinthians)

1997-1998______Valencia______5 (0)

André Luís – Volante (Corinthians)

1997-1998______Tenerife______23 (0)
1998-1999______Tenerife______12 (2)

Sávio – Ponta esquerda (Flamengo)

1997-1998______Real Madrid______12 (3)
1998-1999______Real Madrid______34 (6)
1999-2000______Real Madrid______25 (4)
2000-2001______Real Madrid______26 (3)
2001-2002______Real Madrid______8 (0)
2002-2003______Zaragoza______29 (2)
2003-2004______Zaragoza______36 (10)
2004-2005______Zaragoza______30 (4)
2005-2006______Zaragoza______19 (5)
2006-2007______Real Sociedad______19 (5)
2007-2008______Levante______6 (0)

Rodrigão – Centroavante (Santos)

1997-1998______Gijón______8 (1)

Cléber – Meia (Coritiba)

1997-1998______Mérida______17 (3)

Jamelli – Meia (Santos)

1997-1998______Zaragoza______16 (4)
1998-1999______Zaragoza______23 (4)
1999-2000______Zaragoza______15 (1)
2000-2001______Zaragoza______ 33 (3)
2001-2002______Zaragoza______15 (1)

Émerson – Volante (Coritiba)

1997-1998______Tenerife______17 (1)
1998-1999______Tenerife______34 (2)
2000-2001______Dep. Coruña______28 (0)
2001-2002______Dep. Coruña______15 (0)
2002-2003______Atl. de Madrid______29 (2)

Denílson – Meia (São Paulo)

1997-1998______Betis______35 (2)
1998-1999______Betis______32 (3)
2001-2002______Betis______34 (3)
2002-2003______Betis______25 (2)
2003-2004______Betis______29 (2)
2004-2005______Betis______10 (0)

Magno – Centroavante (Grêmio)

1998-1999______Alavés______29 (3)
1999-2000______Alavés______31 (3)
2000-2001______Alavés______33 (2)
2001-2002______Alavés______33 (6)
2002-2003______Alavés______29 (5)

Fábio Pinto – Centroavante (Internacional)

1998-1999______Oviedo______17 (1)
1999-2000______Oviedo______14 (0)

Jaques – Centroavante (Grêmio)

1998-1999______Betis______4 (1)

Catanha – Centroavante (Remo)

1999-2000______Málaga______33 (24)
2000-2001______Celta______36 (16)
2001-2002______Celta______38 (17)
2002-2003______Celta______31 (4)
2003-2004______Celta______10 (1)

Rodrigo Fabri – Meia (Flamengo)

1999-2000______Valladolid______29 (8)
2003-2004______Atl. de Madrid______16 (0)

Arílson – Meia (Grêmio)

1999-2000______Valladolid______5 (0)

Leandro Sena – Meia (Mirassol)

2000-2001______Osasuna______4 (0)

Doriva – Volante (Sampdoria)

2000-2001______Celta______17 (1)
2001-2002______Celta______14 (0)
2002-2003______Celta______3 (0)

Vágner – Volante (São Paulo)

2000-2001______Celta______27 (1)
2001-2002______Celta______20 (4)

2002-2003______Celta______23 (1)
2003-2004______Celta______19 (0)

César Sampaio – Volante (Palmeiras)

2000-2001______Dep. Coruña______10 (0)

Gláucio – Meia (Flamengo)

2000-2001______Rayo Vallecano______22 (1)
2001-2002______Rayo Vallecano______29 (1)

Baiano – Lateral direito (Santos)

2000-2001______Las Palmas______9 (0)

Álvaro – Zagueiro (Atlético-MG)

2000-2001______Las Palmas______29 (4)
2001-2002______Las Palmas______10 (0)
2003-2004______Zaragoza______36 (4)
2004-2005______Zaragoza______35 (2)
2005-2006______Zaragoza______31 (0)
2006-2007______Levante______23 (2)
2007-2008______Levante______23 (0)

Edu – Atacante (São Paulo)

2000-2001______Celta______31 (3)
2001-2002______Celta______32 (9)
2002-2003______Celta______36 (12)
2003-2004______Celta______18 (3)
2004-2005______Belta______32 (11)
2005-2006______Betis______34 (3)
2006-2007______Betis______29 (8)
2007-2008______Betis______30 (12)
2008-2009______Betis______11 (2)

Luís Alberto – Zagueiro (Atlético-MG)

2000-2001______Real Sociedad______17 (0)
2001-2002______Real Sociedad______30 (6)
2004-2005______Real Sociedad______28 (0)

Fábio Aurélio – Lateral esquerdo (São Paulo)

2000-2001______Valencia______7 (0)
2001-2002______Valencia______15 (1)
2002-2003______Valencia______27 (8)
2003-2004______Valencia______2 (0)
2004-2005______Valencia______21 (0)
2005-2006______Valencia______24 (2)

Esquerdinha – Meia (Vitória)

2001-2002______Zaragoza______22 (1)
2001-2002______Barcelona______21 (1)
2002-2003______Barcelona______5 (0)
2001-2002______Barcelona______24 (2)
2002-2003______Barcelona______21 (1)

Sylvinho – Lateral esquerdo (Corinthians)

2001-2002______Celta______23 (0)
2002-2003______Celta______32 (1)
2003-2004______Celta______29 (0)
2004-2005______Barcelona______21 (0)
2005-2006______Barcelona______26 (2)
2006-2007______Barcelona______13 (0)
2007-2008______Barcelona______14 (0)
2008-2009______Barcelona______15 (0)

Thiago Motta – Volante (Juventus-SP)

2001-2002______Barcelona______18 (1)
2002-2003______Barcelona______21 (3)
2003-2004______Barcelona______20 (1)
2004-2005______Barcelona______8 (0)
2005-2006______Barcelona______15 (1)
2006-2007______Barcelona______14 (0)
2007-2008______Atl. de Madrid______6 (0)

Marcos Senna – Volante (São Caetano)

2002-2003______Villarreal______16 (2)
2003-2004______Villarreal______9 (0)
2004-2005______Villarreal______29 (2)
2005-2006______Villarreal______30 (3)
2006-2007______Villarreal______33 (0)
2007-2008______Villarreal______34 (4)

Belletti – Lateral direito (São Paulo)

2002-2003______Villarreal______31 (3)
2003-2004______Villarreal______28 (3)
2004-2005______Barcelona______31 (0)
2005-2006______Barcelona______27 (0)
2006-2007______Barcelona______13 (0)

Marcos Assunção – Volante (Flamengo)

2002-2003______Betis______30 (5)
2003-2004______Betis______20 (7)
2004-2005______Betis______34 (8)
2005-2006______Betis______26 (1)
2006-2007______Betis______27 (2)
2007-2008______Betis______26 (2)
2008-2009______Betis______1 (0)

Fredson – Volante (Paraná)

2002-2003______Espanyol______16 (0)
2003-2004______Espanyol______23 (3)
2004-2005______Espanyol______29 (3)
2005-2006______Espanyol______28 (4)
2006-2007______Espanyol______2 (0)

Messias – Volante (Coritiba)

2002-2003______Racing Sant.______4 (0)

Joãozinho – Atacante (Cruzeiro)

2002-2003______Recreativo______7 (2)

Iriney – Volante (São Caetano)

2002-2003______Rayo Vallecano______14 (0)
2004-2005______Celta______29 (0)
2005-2006______Celta______26 (2)
2007-2008______Almeria______6 (0)
2008-2009______Almeria______18 (0)

Daniel Alves – Lateral direito (Bahia)

2002-2003______Sevilla______10 (0)
2003-2004______Sevilla______29 (1)

2004-2005______Sevilla______34 (2)
2005-2006______Sevilla______35 (3)
2006-2007______Sevilla______34 (3)
2007-2008______Sevilla______33 (2)
2008-2009______Barcelona______34 (5)

Cacá – Meia (Atlético-MG)

2003-2004______Albacete______2 (0)

Ricardo Oliveira – Atacante (Santos)

2003-2004______Valencia______21 (8)
2004-2005______Betis______37 (12)
2005-2006______Betis______9 (4)
2006-2007______Betis______8 (4)
2007-2008______Zaragoza______37 (18)
2008-2009______Betis______15 (5)

Ronaldinho Gaúcho – Atacante (Grêmio)

2003-2004______Barcelona______32 (14)
2004-2005______Barcelona______35 (9)
2005-2006______Barcelona______29 (17)
2006-2007______Barcelona______32 (21)
2007-2008______Barcelona______8 (1)
2008-2009______Milan______29 (8)

Júlio Baptista – Meia (São Paulo)

2003-2004______Sevilla______30 (20)
2004-2005______Sevilla______33 (18)
2005-2006______Real Madrid______32 (8)
2007-2008______Real Madrid______27 (3)
2008-2009______Roma______27 (9)

Júlio César Pinheiro – Meia (Guarani)

2003-2004______Osasuna______6 (0)

Nenê – Meia (Santos)

2003-2004______Mallorca______29 (2)
2005-2006______Alavés______38 (9)
2006-2007______Celta______38 (8)
2008-2009______Espanyol______35 (4)

Ânderson – Meia (Santiago Wanderers)

2003-2004______Racing Sant.______8 (0)
2004-2005______Racing Sant.______30 (2)
2005-2006______Málaga______15 (0)

Fabiano – Meia (Santos)

2003-2004______Albacete______12 (1)

Amoroso – Atacante (Flamengo)

2004-2005______Málaga______29 (5

Renato – Volante (Santos)

2004-2005______Sevilla______33 (3)
2005-2006______Sevilla______21 (1)
2006-2007______Sevilla______33 (4)
2007-2008______Sevilla______28 (4)
2008-2009______Sevilla______31 (8)

Deco – Meia (Corinthians)

2004-2005______Barcelona______35 (7)
2005-2006______Barcelona______29 (2)
2006-2007______Barcelona______31 (1)
2007-2008______Barcelona______18 (1)

Edmílson – Volante (São Paulo)

2004-2005______Barcelona______6 (0)
2005-2006______Barcelona______28 (0)
2006-2007______Barcelona______26 (0)
2007-2008______Barcelona______11 (0)
2008-2009______Villarreal______3 (0)

Rossatto – Lateral esquerdo (União São João)

2004-2005______Real Sociedad______22 (1)
2006-2007______Real Sociedad______2 (0)
2008-2009______Málaga______1 (0)

Adriano – Lateral esquerdo (Coritiba)

2004-2005______Sevilla______16 (2)
2005-2006______Sevilla______32 (3)

2006-2007______Sevilla______26 (2)
2007-2008______Sevilla______10 (3)
2008-2009______Sevilla______29 (3)

Argel – Zagueiro (Palmeiras)

2004-2005______Racing Sant.______2 (0)

Fernando Baiano – Centroavante (São Caetano)

2004-2005______Málaga______17 (9)
2005-2006______Celta______33 (13)
2006-2007______Celta______35 (15)
2007-2008______Murcia______15 (5

Felipe Melo – Meia (Cruzeiro)

2004-2005______Mallorca______8 (0)
2005-2006______Racing Sant.______33 (3)
2006-2007______Racing Sant.______15 (13)
2007-2008______Almeria______34 (6)

Arturo – Meia (Criciúma)

2005-2006______Alavés______6 (0)

Wesley – Meia (Fortaleza)

2005-2006______Alavés______10 (0)

Eduardo Costa – Volante (Grêmio)

2005-2006______Espanyol______31 (0)
2006-2007______Espanyol______16 (1)

Ewerthon – Atacante (Corinthians)

2005-2006______Zaragoza______37 (12)
2006-2007______Zaragoza______28 (6)

Robinho – Atacante (Santos)

2005-2006______Real Madrid______37 (8)
2006-2007______Real Madrid______38 (6)
2007-2008______Real Madrid______32 (11)

Luís Fabiano – Atacante (São Paulo)

2005-2006______Sevilla______23 (5)
2006-2007______Sevilla______26 (10)
2007-2008______Sevilla______30 (24)
2008-2009______Sevilla______26 (8)

Roberto – Volante (Guarani)

2005-2006______Celta______8 (0)

Gabriel – Lateral direito (Fluminense)

2005-2006______Málaga______17 (0)

Cicinho – Lateral direito (São Paulo)

2005-2006______Real Madrid______19 (2)
2006-2007______Real Madrid______7 (0)

Robert – Atacante (São Caetano)

2005-2006______Betis______19 (7)
2006-2007______Betis______29 (9)

Diego Tardelli – Atacante (São Paulo)

2005-2006______Betis______12 (0)
2005-2006______Alavés______4 (0)

Bóvio – Volante (Santos)

2005-2006______Malava______17 (1)

Jajá – Atacante (Bahia)

2005-2006______Getafe______2 (0)

Edu – Volante (Corinthians)

2005-2006______Valencia______6 (0)
2006-2007______Valencia______10 (0)
2007-2008______Valencia______13 (0)
2008-2009______Valencia______20 (1)

Émerson – Volante (Grêmio)

2006-2007______Real Madrid______28 (1)

George Lucas – Lateral direito (Grêmio)

2006-2007______Celta______2 (0)

Jorge Wágner – Meia (Internacional)

2006-2007______Betis______10 (0)

Zé Maria – Lateral direito (Vasco)

2006-2007______Levante______14 (0)

Gil – Atacante (Corinthians)

2006-2007______Gim. Tarragona______19 (0)

Luís Felipe – Zagueiro (Juventus-SC)

2006-2007______Dep. Coruña______19 (0)
2007-2008______Dep. Coruña______33 (1)
2008-2009______Dep. Coruña______38 (0)

Jonatas – Volante (Flamengo)

2006-2007______Espanyol______20 (2)
2007-2008______Espanyol______0 (0)

Rafael Sóbis – Atacante (Internacional)

2006-2007______Betis______31 (4)
2007-2008______Betis______19 (3)

Marcelo – Lateral esquerdo (Fluminense)

2006-2007______Real Madrid______6 (0)
2007-2008______Real Madrid______24 (0)
2008-2009______Real Madrid______26 (4)

Gustavo Nery – Lateral esquerdo (Corinthians)

2006-2007______Zaragoza______4 (0)

Fabiano Eller – Zagueiro (Internacional)

2006-2007______Atl. de Madrid______12 (1)
2007-2008______Atl. de Madrid______18 (0)

Diego Costa – Atacante (Lagartense)

2007-2008______Atl. de Madrid______0 (0)

2008-2009______Atl. de Madrid______0 (0)

Thiago Carletto – Lateral esquerdo (Santos)

2008-2009______Valencia______1 (0)

Paulo Assunção – Volante (Palmeiras)

2008-2009______Atl. de Madrid______34 (0)

Abreu – Zagueiro (Porto B)

2006-2007______Racing Sant.______1 (0)

Pepe – Zagueiro (Corinthians-AL)

2007-2008______Real Madrid______19 (0)
2008-2009______Real Madrid______26 (0)

Matuzalém – Volante (Vitória)

2007-2008______Zaragoza______14 (1)

Diego Alves – Goleiro (Atlético-MG)

2007-2008______Almeira______21 (0)
2008-2009______Almeida______31 (0)

Michel – Zagueiro

2008-2009______Almeria______2 (1)

Gabriel Santos – Zagueiro (Sport)

2006-2007______Málaga______17 (0)

Rovérsio – Lateral esquerdo (Santa Cruz)

2008-2009______Osasuna______8 (0)

Pablo – Meia (Vasco)

2008-2009______Málaga______11 (0)

Cléber Santana – Meia (Santos)

2007-2008______Atl. de Madrid______23 (0)
2008-2009______Mallorca______32 (5)

Renan – Goleiro (Internacional)

2008-2009______Valencia______18 (0)

BRASILEIROS NA ALEMANHA

Bernardo – Volante (São Paulo)

1991-1992______Bayern______4 (0)

Arílson – Meia (Grêmio)

1995-1996______Kaiserslautern______10 (0)

Adhemar – Atacante (São Caetano)

2000-2001______Stuttgart______11 (7)
2001-2002______Stuttgart______28 (2)

Abuda – Atacante (Corinthians)

2005-2006______Wolfsburg______1 (0)

Fabrício – Zagueiro (Flamengo)

2008-2009______Hoffenheim______5 (0)

Aílton – Atacante (Guarani)

1998-2099______Werder Brem.______12 (2)
1999-2000______Werder Brem.______29 (12)
2000-2001______Werder Brem.______31 (14)
2001-2002______Werder Brem.______33 (16)
2002-2003______Werder Brem.______31 (16)
2003-2004______Werder Brem.______33 (28)
2004-2005______Schalke 04______29 (14)
2005-2006______Hamburgo______13 (3)
2007-2008______Duisburg______7 (1)

Alex Alves – Atacante (Cruzeiro)

1999-2000______Hertha______15 (4)
2000-2001______Hertha______23 (8)
2001-2002______Hertha______22 (7)
2002-2003______Hertha______21 (6)

Amoroso – Atacante (Flamengo)

2001-2002______Borussia Dort.______31 (18)

2002-2003______Borussia Dort.______24 (6)
2003-2004______Borussia Dort.______4 (4)

Alcides – Zagueiro (Santos)

2003-2004______Schalke 04______6 (0)

André Lima – Atacante (Botafogo)

2007-2008______Hertha______16 (2)

Athirson – Lateral esquerdo (Flamengo)

2005-2006______Bayer Leverk.______18 (1)
2006-2007______Bayer Leverk.______12 (1)

Bordon – Zagueiro (São Paulo)

1999-2000______Stuttgart______23 (2)
2000-2001______Stuttgart______28 (0)
2001-2002______Stuttgart______28 (3)
2002-2003______Stuttgart______26 (2)
2003-2004______Stuttgart______24 (4)
2004-2005______Schalke 04______27 (2)
2005-2006______Schalke 04______31 (2)
2006-2007______Schalke 04______28 (3)
2007-2008______Schalke 04______31 (5)
2008-2009______Schalke 04______21 (2)

Márcio Borges – Volante (Botafogo)

1999-2000______Arminia Bielef.______2 (0)
2002-2003______Arminia Bielef.______11 (0)
2004-2005______Arminia Bielef.______18 (0)
2005-2006______Arminia Bielef.______27 (1)
2006-2007______Arminia Bielef.______6 (1)
2007-2008______Arminia Bielef.______1 (0)

Brasília – Volante

2001-2002______Energie Cottbus______19 (1)

Buca – Lateral direito (ABC)

1979-1980______Hamburgo______1 (0)

Cacau – Atacante (Nacional-SP)

2001-2002______Nürnberg______17 (6)
2002-2003______Nürnberg______27 (2)
2003-2004______Stuttgart______16 (4)
2004-2005______Stuttgart______32 (12)
2005-2006______Stuttgart______20 (4)
2006-2007______Stuttgart______32 (13)
2007-2008______Stuttgart______27 (9)
2008-2009______Stuttgart______23 (6)

Carlos Alberto – Meia (Fluminense)

2007-2008______Werder Brem.______0 (0)

Chiquinho – Meia (Botafogo)

1997-1998______Borussia Monc.______17 (1)
1998-1999______Borussia Monc.______7 (1)

Chris – Zagueiro (Coritiba)

2003-2004______Eintr. Frankfurt______25 (3)
2005-2006______Eintr. Frankfurt______22 (2)
2006-2007______Eintr. Frankfurt______13 (0)
2007-2008______Eintr. Frankfurt______10 (1)
2008-2009______Eintr. Frankfurt______17 (0)

Caio – Meia (Palmeiras)

2007-2008______Eintr. Frankfurt______10 (1)
2008-2009______Eintr. Frankfurt______15 (1)

Carlos Eduardo – Meia (Grêmio)

2008-2009______Hoffenheim______25 (8)

Luís Gustavo – Zagueiro (CRB)

2008-2009______Hoffenheim______28 (0)

Wellington – Atacante (Náutico)

2008-2009______Hoffenheim______18 (3)

Raffael – Meia

2007-2008______Hertha______15 (4)

2008-2009______Hertha______31 (6)

Cícero – Meia (Fluminense)

2008-2009______Hertha______31 (7)

Rodinei – Zagueiro (Juventus-SP)

2008-2009______Hertha______0 (0)

Lúcio – Lateral esquerdo (Grêmio)

2007-2008______Hertha______8 (1)
2008-2009______Hertha______1 (0)

Rodrigo Costa – Zagueiro (Santos)

2002-2003______1860 Munique______26 (1)
2003-2004______1860 Munique______30 (1)

Cris – Zagueiro (Cruzeiro)

2002-2003______Bayer Leverk.______2 (0)

Alessandro – Atacante (São Paulo)

1992-1993______Eintr. Frankfurt______1 (0)

Antonio da Silva – Atacante (Flamengo)

2004-2005______Mainz______32 (5)
2005-2006______Mainz______33 (3)
2006-2007______Stuttgart______28 (0)
2007-2008______Stuttgart______21 (3)
2008-2009______Karlshure______28 (2)

Vragel – Meia (Campo Grande-RJ)

2001-2002______Energie Cott.______26 (4)
2002-2003______Energie Cott.______28 (1)
2003-2004______Energie Cott.______22 (9)
2004-2005______Energie Cott.______21 (10)
2005-2006______Energie Cott.______23 (14)
2006-2007______Energie Cott.______12 (5)
2007-2008______Energie Cott.______12 (11)
2008-2009______Energie Cott.______0 (0)

Dedê – Lateral esquerdo (Atlético-MG)

1998-1999______Borussia Dort.______29 (0)
1999-2000______Borussia Dort.______24 (1)
2000-2001______Borussia Dort.______31 (3)
2001-2002______Borussia Dort.______28 (1)
2002-2003______Borussia Dort.______30 (3)
2003-2004______Borussia Dort.______23 (2)
2004-2005______Borussia Dort.______31 (1)
2006-2007______Borussia Dort.______30 (0)
2007-2008______Borussia Dort.______30 (1)
2008-2009______Borussia Dort.______11 (0)

Felipe Santana – Zagueiro (Figueirense)

2008-2009______Borussia Dort.______23 (4)

Didi – Atacante (Corinthians)

1999-2000______Stuttgart______2 (0)

Geromel – Zagueiro (Palmeiras)

2008-2009______Colônia______30 (1)

Thiago Neves – Meia (Fluminense)

2008-2009______Hamburgo______6 (0)

Alex Silva – Zagueiro (São Paulo)

2008-2009______Hamburgo______17 (0)

Diego – Meia (Santos)

2006-2007______Werder Brem.______33 (13)
2007-2008______Werder Brem.______30 (13)
2008-2009______Werder Brem.______20 (11)

Diego Morais – Zagueiro (Villa Rio)

2007-2008______Hansa Rostock______0 (0)

Jean – Lateral esquerdo (Atlético-PR)

2004-2005______Hamburgo______1 (0)

Adi – Meia (Nacional)

2008-2009______Energie Cott.______1 (0)

Kaká – Zagueiro

2008-2009______Hertha______12 (0)

Dunga – Volante (Vasco)

1993-1994______Stuttgart______28 (4)
1994-1995______Stuttgart______26 (3)

Edu – Zagueiro (Grêmio)

2003-2004______Bochum______13 (0)
2004-2005______Bochum______17 (4)
2006-2007______Mainz______14 (1)

Élber – Atacante (Londrina)

1994-1995______Stuttgart______23 (8)
1995-1996______Stuttgart______33 (16)
1996-1997______Stuttgart______31 (17)
1997-1998______Bayern______28 (11)
1998-1999______Bayern______21 (13)
1999-2000______Bayern______26 (14)
2000-2001______Bayern______27 (15)
2001-2002______Bayern______30 (17)
2002-2003______Bayern______33 (21)
2003-2004______Bayern______4 (1)
2005-2006______Borussia Monc.______4 (0)

Élson – Meia (Palmeiras)

2004-2005______Stuttgart______3 (0)
2008-2009______Stuttgart______14 (2)

Émerson – Volante (Grêmio)

1997-1998______Bayer Leverk.______25 (1)
1998-1999______Bayer Leverk.______28 (5)
1999-2000______Bayer Leverk.______29 (5)

Émerson Firmino – Meia

1991-1992______Hamburgo______4 (1)
1996-1997______Saint Pauli______23 (1)

Emílio – Lateral esquerdo

1997-1998______Colonia______2 (0)

Evanílson – Lateral direito (Atlético-MG)

1999-2000______Borussia Dort.______25 (0)
2000-2001______Borussia Dort.______28 (3)
2001-2002______Borussia Dort.______27 (1)
2002-2003______Borussia Dort.______24 (0)
2003-2004______Borussia Dort.______10 (0)
2004-2005______Borussia Dort.______9 (0)
2005-2006______Colônia______3 (0)

Ewerthon – Atacante (Corinthians)

2001-2002______Borussia Dort.______27 (10)
2002-2003______Borussia Dort.______33 (11)
2003-2004______Borussia Dort.______31 (16)
2004-2005______Borussia Dort.______28 (10)
2007-2008______Stuttgart______11 (1)

Fábio Júnior – Atacante (Cruzeiro)

2006-2007______Bochum______16 (2)

Fernando – Volante

2003-2004______1860 Munique______10 (0)
2007-2008______Duisburg______1 (0)

Fernando Baiano – Centroavante (Flamengo)

2003-2004______Wolfsburg______22 (11)

Flávio Conceição – Volante (Palmeiras)

2003-2004______Borussia Dort.______14 (1)

França – Atacante (São Paulo)

2002-2003______Bayer Leverk.______16 (1)
2003-2004______Bayer Leverk.______33 (14)
2004-2005______Bayer Leverk.______22 (6)

Franklin – Ponta-esquerda (Bragantino)

1993-1994______Leipzig______22 (1)

Franklin – Atacante

2000-2001______Energie Cott.______23 (4)
2001-2002______Energie Cott.______13 (1)
2002-2003______Energie Cott.______3 (0)

Geovani – Meia (Vasco)

1990-1991______Karlsruher______17 (3)

Gilberto – Lateral esquerdo (São Caetano)

2004-2005______Hertha______33 (6)
2005-2006______Hertha______23 (2)
2006-2007______Hertha______30 (5)
2007-2008______Hertha______15 (1)

Gláuber – Zagueiro (Palmeiras)

2005-2006______Nürnberg______12 (0)
2006-2007______Nürnberg______20 (0)
2002-2008______Nürnberg______15 (0)

Gustavo Nery – Lateral esquerdo (São Paulo)

2004-2005______Werder Brem.______3 (0)

Carlos Júnior – Meia

1998-1999______Kaiserslautern______8 (0)
2001-2002______Nürnberg______9 (1)
2002-2003______Nürnberg______19 (3)

Jorginho – Lateral direito (Flamengo)

1989-1990______Bayer Leverk.______20 (2)
1990-1991______Bayer Leverk.______30 (2)
1991-1992______Bayer Leverk.______37 (5)
1992-1993______Bayern______33 (3)
1993-1994______Bayern______24 (2)
1994-1995______Bayern______10 (1)

Josué – Volante (São Paulo)

2007-2008______Wolfsburg______30 (1)
2008-2009______Wolfsburg______32 (0)

Caiubi – Atacante (São Caetano)

2008-2009______Wolfsburg______9 (1)

Grafite – Atacante (São Paulo)

2007-2008______Wolfsburg______24 (11)
2008-2009______Wolfsburg______23 (24)

Rodrigo Alvim – Zagueiro (Paraná Clube)

2008-2009______Wolfsburg______2 (0)

Juan – Zagueiro (Flamengo)

2002-2003______Bayer Leverk.______24 (2)
2003-2004______Bayer Leverk.______29 (2)
2004-2005______Bayer Leverk.______28 (1)
2005-2006______Bayer Leverk.______30 (3)
2006-2007______Bayer Leverk.______28 (2)

Júlio César – Zagueiro (Guarani)

1994-1995______Borussia Dort.______25 (1)
1995-1996______Borussia Dort.______23 (2)
1996-1997______Borussia Dort.______10 (3)
1997-1998______Borussia Dort.______17 (1)
1998-1999______Borussia Dort.______5 (0)
1999-2000______Werder Brem.______12 (0)

Júnior Baiano – Zagueiro (São Paulo)

1995-1996______Werder Brem.______32 (2)

Kahê – Centroavante (Palmeiras)

2005-2006______Borussia Monc.______27 (2)
2006-2007______Borussia Monc.______26 (4)

Kléber – Lateral esquerdo (Corinthians)

2003-2004______Hannover______23 (1)

Leandro – Atacante

1999-2000______Ulm______25 (3)

Leandro – Atacante

2004-2005______Hannover______20 (2)

Leandro Silva – Zagueiro

2004-2005______Nürnberg______3 (0)

Lincoln – Meia (Atlético-MG)

2001-2002______Kaiserslautern______27 (8)
2002-2003______Kaiserslautern______20 (2)
2003-2004______Kaiserslautern______6 (2)
2004-2005______Schalke______31 (12)
2005-2006______Schalke______29 (5)
2006-2007______Schalke______23 (3)

Luciano – Meia

1987-1988______Homburg______19 (0)

Lúcio – Zagueiro (Internacional)

2000-2001______Bayer Leverk.______15 (5)
2001-2002______Bayer Leverk.______29 (4)
2002-2003______Bayer Leverk.______21 (3)
2003-2004______Bayer Leverk.______27 (3)
2004-2005______Bayern______32 (3)
2005-2006______Bayern______30 (2)
2006-2007______Bayern______26 (0)
2007-2008______Bayern______24 (1)
2008-2009______Bayern______30 (1)

Breno – Zagueiro (São Paulo)

2007-2008______Bayern______1 (0)
2008-2009______Bayern______4 (0)

Lúcio – Lateral esquerdo (Grêmio)

2007-2008______Hertha______30 (1)

Luizão – Centroavante (Grêmio)

2002-2003______Hertha______19 (2)
2003-2004______Hertha______7 (2)

Maicon – Volante (Madureira)

2007-2008______Duisburg______14 (1)
2008-2009______Duisburg______4 (2)

Leonardo Manzi – Centroavante (Santos)

1989-1990______Saint Pauli______13 (1)
1990-1991______Saint Pauli______12 (1)
1995-1996______Saint Pauli______1 (0)

Marcão – Zagueiro (Botafogo-SP)

2001-2002______Saint Pauli______19 (2)

Marcelinho Paraíba – Atacante (São Paulo)

2001-2002______Hertha______33 (13)
2002-2003______Hertha______33 (14)
2003-2004______Hertha______25 (8)
2004-2005______Hertha______32 (18)
2005-2006 ______Hertha______32 (12)
2006-2007______Wolfsburg______17 (5)
2007-2008______Wolfsburg______17 (5)

Mazinho Oliveira – Atacante (Bragantino)

1991-1992______Bayern______28 (8)
1992-1993______Bayern______17 (3)
1993-1994______Bayern______1 (0)
1994-1995______Bayern______3 (0)

Mineiro – Volante (São Paulo)

2006-2007______Hertha______10 (1)
2007-2008______Hertha______26 (1)
2008-2009______Chelsea______1 (0)

Naldo – Zagueiro (Juventude)

2005-2006______Werder Brem.______32 (2)
2006-2007______Werder Brem.______32 (6)
2007-2008______Werder Brem.______32 (3)
2008-2009______Werder Brem.______26 (3)

Nando – Centroavante (Bangu)

1989-1990______Hamburgo______11 (4)

1990-1991______Hamburgo______30 (11)
1991-1992______Hamburgo______24 (2)

Nascimento – Zagueiro

2003-2004______Eintr. Frankfurt______2 (0)

Orestes – Zagueiro (Portuguesa Santista)

2007-2008______Hansa Rostock______0 (0)

Paulo Sérgio – Meia (Corinthians)

1993-1994______Bayer Leverk.______32 (17)
1994-1995______Bayer Leverk.______28 (9)
1995-1996______Bayer Leverk.______28 (4)
1996-1997______Bayer Leverk.______28 (4)
1999-2000______Bayern______28 (13)
2000-2001______Bayern______26 (5)
2001-2002______Bayern______23 (3)

Róbson Ponte – Atacante (Guarani)

1999-2000______Bayer Leverk.______24 (2)
2000-2001______Bayer Leverk.______12 (0)
2001-2002______Wolfsburg______31 (8)
2002-2003______Wolfsburg______30 (5)
2003-2004______Bayer Leverk.______20 (2)
2004-2005______Bayer Leverk.______23 (2)

Rafael – Zagueiro

2002-2003______Munique______5 (0)

Rafinha – Lateral direito (Coritiba)

2005-2006______Schalke______29 (0)
2006-2007______Schalke______31 (2)
2007-2008______Schalke______32 (2)
2008-2009______Schalke______28 (2)

Zé Roberto – Meia (Botafogo)

2007-2008______Schalke______3 (1)
2008-2009______Schalke______0 (0)

Ramon – Meia (Vitória)

1995-1996______Bayer Leverk.______15 (1)

Ratinho – Atacante (Atlético-PR)

1997-1998______Kaiserslautern______26 (4)
1998-1999______Kaiserslautern______21 (2)
1999-2000______Kaiserslautern______27 (0)
2000-2001______Kaiserslautern______9 (0)
2001-2002______Kaiserslautern______23 (1)
2002-2003______Kaiserslautern______7 (0)

Rodrigo – Lateral direito (Vitória)

1995-1996______Bayer Leverk.______27 (1)

Rômulo – Centroavante (Ituano)

2005-2006______Mainz______8 (0)

Roque Júnior – Zagueiro (Palmeiras)

2004-2005______Bayer Leverk.______19 (0)
2005-2006______Bayer Leverk.______15 (0)
2005-2007______Bayer Leverk.______1 (0)

Sídnei – Zagueiro

2006-2007______Energie Cottbus______1 (0)

Raul Tagliari – Centroavante (Cruzeiro-RS)

1964-1965______Duisburg______5 (3)
1965-1966______Duisburg______4 (1)

Tinga – Volante (Internacional)

2006-2007______Borussia Dort.______31 (4)
2007-2008______Borussia Dort.______33 (6)
2008-2009______Borussia Dort.______25 (0)

Tita – Meia (Vasco)

1987-1988______Bayer Leverk.______21 (10)

Vinicius – Zagueiro (São Caetano)

2002-2003______Hannover______17 (2)
2003-2004______Hannover______22 (1)
2004-2005______Hannover______13 (1)
2005-2006______Hannover______23 (1)
2006-2007______Hannover______30 (3)
2007-2008______Hannover______28 (1)
2008-2009______Hannover______9 (0)

Zé Elias – Volante (Corinthians)

1996-1997______Bayer Leverk.______23 (0)

Zé Roberto – Meia (Flamengo)

1998-1999______Bayer Leverk.______23 (0)
1999-2000______Bayer Leverk.______27 (7)
2000-2001______Bayer Leverk.______24 (2)
2001-2002______Bayer Leverk.______30 (4)
2002-2003______Bayern______31 (1)
2003-2004______Bayern______30 (2)
2004-2005______Bayern______22 (1)
2005-2006______Bayern______27 (1)
2007-2008______Bayern______30 (5)
2008-2009______Bayern______28 (1)

Renato Augusto – Meia (Flamengo)

2008-2009______Bayer Leverk.______32 (2)

Henrique – Zagueiro (Palmeiras)

2008-2009______Bayer Leverk.______27 (0)

Zezé – Centroavante (Madureira)

1964-1965______Colônia______5 (1)

BRASILEIROS NA INGLATERRA

Edward Laxton

1896______Norwich______

Mirandinha – Centroavante (Palmeiras)

1987-1988______Newcastle______27 (11)
1988-1989______Newcastle______27 (9)

Isaías – Atacante (Olaria)

1995-1996______Coventry______2 (0)

Juninho – Meia (São Paulo)

1995-1996______Middlesbr.______20 (2)
1996-1997______Middlesbr.______35 (15)
1999-2000______Middlesbr.______24 (4)
2002-2003______Middlesbr.______10 (3)
2003-2004______Middlesbr.______31 (9)

Cláudio Caçapa – Zagueiro (Atlético-MG)

2007-2008______Newcastle______17 (1)
2008-2009______Newcastle______6 (0)

Gomes – Goleiro (Cruzeiro)

2008-2009______Tottenham______34 (0)

Émerson – Volante (Coritiba)

1996-1997______Middlesbr.______32 (4)
1997-1998______Middlesbr.______21 (5)

Marcelo – Atacante

1999-2000______Birmingham______38 (11)
2000-2001______Birmingham______32 (8)
2001-2002______Birmingham*______31 (13)

* Na Segunda Divisão.

Émerson Thomé – Zagueiro (Internacional)

1997-1998______Sheffield Wed.______6 (0)
1998-1999______Sheffield Wed.______38 (1)
1999-2000______Sheffield Wed.______17 (0)
1999-2000______Chelsea______20 (0)
2000-2001______Chelsea______1 (0)
2000-2001______Sunderland______31 (1)
2001-2002______Sunderland______12 (1)
2002-2003______Sunderland______1 (0)
2003-2004______Bolton______26 (0)
2004-2005______Wigan______15 (0)
2005-2006______Wigan______0 (0)

Sylvinho – Lateral esquerdo (Corinthians)

1999-2000______Arsenal______30 (1)
2000-2001______Arsenal______24 (2)

Di Giuseppe – Meia (Sport Boys)

1999-2000______Sunderland______0 (0)

Edu – Meia (Corinthians)

2000-2001______Arsenal______5 (0)
2001-2002______Arsenal______14 (1)
2002-2003______Arsenal______18 (2)
2003-2004______Arsenal______30 (2)
2004-2005______Arsenal______12 (2)

Gilberto – Lateral (Grêmio)

2008-2009______Tottenham______1 (0)

Gilberto Silva – Volante (Atlético-MG)

2002-2003______Arsenal______35 (0)
2003-2004______Arsenal______32 (4)
2004-2005______Arsenal______13 (0)
2005-2006______Arsenal______26 (5)
2006-2007______Arsenal______34 (10)
2007-2008______Arsenal______30 (0)

Denílson – Volante (São Paulo)

2006-2007______Arsenal______10 (0)
2007-2008______Arsenal______13 (0)
2008-2009______Arsenal______37 (3)

Eduardo Silva – Atacante (Dínamo Zagreb)

2007-2008______Arsenal______17 (4)

Rodrigo – Meia (Botafogo)

2002-2003______Everton______4 (0)
2003-2004______Everton______0 (0)

Doriva – Volante (Atlético-MG)

2002-2003______Middlesbr.______5 (0)
2003-2004______Middlesbr.______21 (0)
2004-2005______Middlesbr.______26 (0)
2005-2006______Middlesbr.______27 (0)

Jardel – Centroavante (Grêmio)

2003-2004______Bolton______7 (0)

Kléberson – Volante (Atlético-PR)

2003-2004______Manchester Un.______13 (1)
2004-2005______Manchester Un.______7 (0)

Roque Júnior – Zagueiro (Palmeiras)

2003-2004______Leeds United______5 (0)

Júlio César – Zagueiro (Milan)

2003-2004______Bolton______2 (0)

Fábio Rochemback – Volante (Internacional)

2005-2006______Middlesbr.______22 (2)
2006-2007______Middlesbr.______20 (2)
2007-2008______Middlesbr.______25 (2)

Gláuber – Zagueiro (Palmeiras)

2008-2009______Manchester City______1 (0)

Lucas – Volante (Grêmio)

2007-2008______Liverpool______18 (0)
2008-2009______Liverpool______25 (2)

Anderson – Meia (Grêmio)

2007-2008______ Manchester Un.______24 (0)
2008-2009______Manchester Un.______17 (0)

Rafael – Zagueiro (Malutrom)

2007-2008______Birmingham______15 (0)

Alex – Zagueiro (Santos)

2007-2008______Chelsea______28 (2)
2008-2009______Chelsea______24 (2)

Belletti – Lateral direito (São Paulo)

2007-2008______Chelsea______23 (2)
2008-2009______Chelsea______20 (3)

Ânderson – Meia (Racing Santander)

2007-2008______Everton______1 (0)

Elano – Meia (Santos)

2007-2008______Manchester City______34 (8)
2008-2009______Manchester City______28 (7)

Rafael – Lateral direito (Fluminense)

2008-2009______Manchester Un.______15 (1)

Rodrigo Possebom – Volante (Internacional)

2008-2009______Manchester Un.______3 (0)

Robinho – Atacante (Santos)

2008-2009______Manchester City______31 (14)

Jô – Atacante (Corinthians)

2008-2009______Manchester City______9 (1)

Geovanni – Meia (Cruzeiro)

2007-2008______Manchester City______19 (6)
2008-2009______Hull City______34 (8)

Diego Cavalieri – Goleiro (Palmeiras)

2008-2009______Liverpool______0 (0)

Fábio Aurélio – Lateral esquerdo (São Paulo)

2006-2007______Liverpool______17 (0)
2007-2008______Liverpool______16 (1)
2008-2009______Liverpool______24 (2)

Afonso Alves – Atacante (Atlético-MG)

2007-2008______Middlesbr.______11 (6)
2008-2009______Middlesbr.______31 (4)

Referências bibliográficas

CALATRAVA, Vicente Martínez. *Del gol de Zarra al gol de Marcelino (1950-1964)*. Historia y estadística del fútbol español, cuarta parte. Barcelona: Speed Digital, 2004.

HAMILTON, Aidan. *Domingos da Guia – o divino mestre*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

HARRIS, Nick. *The foreign revolution: how overseas footballers changed the English game*. Londres: Aurum Press Ltd., 2006.

VALENCIA, José Cipriano Ramos. *Colombia versus Colombia: 50 años de fútbol profesional y violencia política*. Santafé de Bogotá: Intermedio Editores, 1998.

O autor

Paulo Vinicius Coelho é paulistano, tem 41 anos e é jornalista há mais de 20. Começou a carreira como repórter do jornal Gazeta de São Bernardo, no ABC paulista. Em 1991 chegou à redação da revista Placar. Cobriu a Copa de 1994, pela Placar, e de 1998, pelo Lance!. Desde 2002 é chefe de reportagem e comentarista da ESPN-Brasil. É autor do livro Os 55 maiores jogos das Copas do Mundo, da Panda Books.